

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Centro Regional das Beiras

Departamento de Economia Gestão e Ciências Sociais

A POÉTICA DA PESSOA NO ESPAÇO EDUCATIVO
REALIDADE E OLHARES

José Pissarra Morais

Viseu

Agosto de 2013

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Centro Regional das Beiras

Departamento de Economia Gestão e Ciências Sociais

A POÉTICA DA PESSOA NO ESPAÇO EDUCATIVO
REALIDADE E OLHARES

Relatório Reflexivo apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação e elaborado sob a
orientação do Exmo. Senhor Professor
Doutor José Afonso Nunes Baptista.

Viseu

Agosto de 2013

À vida

*“Depois da vida e do sonho
está o que mais importa:
Despertar.”*

António Machado

Resumo

A Poética da pessoa no espaço educativo. Realidade e olhares. Embora se trate de um percurso reflexivo sobre o espaço educativo e sobre as pessoas que nele habitam, centrámo-nos sobretudo nos olhos e no coração dessas mesmas pessoas, tendo consciência de que aquilo que importa verdadeiramente são os olhos e o coração de cada uma dessas pessoas.

Ancorando-nos num passado por onde nos recusámos apenas a passar, num presente que é sobretudo dádiva e olhando para um futuro ao qual gostamos de chamar esperança, convocámos o coração, a sua linguagem e a sua pedagogia, para abraçar a pessoa inteira, inspirar alunos e educadores, e moldar as lentes com as quais eles veem diariamente a escola.

As Práticas educativas podem ser mais ou menos ambiciosas, mas serão sempre e apenas práticas. Essas práticas tornar-se-ão pobres e vazias, se pobres e vazias forem as pessoas que as praticam. Só educadores com uma sólida formação humana, científica e pedagógica serão capazes de formar bons alunos e boas pessoas. A escola deve ser um lugar de aprendizagem e de formação para alunos e professores. Enquanto organização, também a própria escola aprende.

As várias e diferentes barreiras impostas pela escola atual e os filtros existentes no contexto onde se situa este Relatório Reflexivo e Teoricamente Fundamentado, continuam a amordaçar gritos de seres humanos que simplesmente querem viver e aprender ao lado daqueles que têm a sua idade. Importa que nos centremos no essencial. Na pessoa. Na pessoa toda. Numa educação integral alicerçada em valores sólidos que respeitam esta dádiva chamada vida, e admiram profundamente a riqueza singular de cada ser humano.

Abstract

The poetic dimension of the "self" in the educational environment. Reality and perceptions. Although it is a reflexive path about the educational space and about the people who inhabit it, we mainly focus upon the eyes and the heart of those people, being aware that what really matters are the eyes and the heart of each one of those people.

Anchoring in a past where we just refuse to go through, in a present that is mostly a gift and looking for a future we like to call hope, we summon the heart, its language and its pedagogy to embrace the whole person, to inspire students and teachers and to mould the lenses with which they see school on a daily basis.

The educational practices can be more or less ambitious, but they will always and only be practices. Those practices will become poor and shallow if poor and shallow those people are. Only educators with a solid human, scientific and pedagogical background will be able to shape good students and good human beings. School should be a place to learn and to form students and teachers. As an organization, the school itself learns.

The various and different barriers imposed by the current school and the existing filters in context where this Reflexive Report and Theoretically Substantiated is, continue to muzzle hollers of people who just want to live and learn alongside their peers. What matters is that we should focus on the essential of the person. The whole person. In an integral education based on solid values that respect this gift called life, and deeply cherish the unique richness of each human being.

INDICE

INDICE.....	1
INTRODUÇÃO.....	5
PARTE I – O TERRENO QUE PISAMOS.....	9
1. Realidade.....	9
1.1. Presentes de um passado.....	9
1.2. A escola e as escolas.....	11
1.3. O perigo da realidade virtual.....	15
1.3.1. Escola ou condomínio.....	15
1.4. Os novos órfãos.....	16
1.4.1. Pais reais e pais virtuais.....	16
1.4.2. Amor ou cartão de crédito.....	16
1.5. O discurso e a prática.....	18
1.5.1. Do Projeto educativo à prática educativa.....	18
2. Olhares.....	20
2.1. O olhar de quem acredita.....	20
2.2. O olhar de quem ama.....	21
PARTE II – ACORDAR A REALIDADE.....	23
1. Testemunhos.....	23
1.1. Desabafos e gritos amordaçados.....	23
1.1.1. Primeiro grito: Exmo. Senhor.....	23
1.1.2. Primeiro desabafo: Aquilo que o coração sabia.....	25
1.1.3. Segundo grito: Em forma de C.....	26
1.1.4. Segundo desabafo: Desculpe.....	26
1.1.5. Terceiro grito: Bem-haja.....	26
1.1.6. Terceiro desabafo: Parabéns, sonhos e gomas.....	26
2. A filtragem do ser humano – três túneis.....	30
2.1. Túnel de entrada.....	30
2.2. Labirinto.....	34
2.3. Túnel de saída.....	35
3. Saudáveis diferenças.....	37
PARTE III – A PESSOA.....	41

1.	Da pessoa e da poética da pessoa.....	41
2.	Da singularidade do ser humano.....	44
3.	Da educação integral.....	48
4.	Educar ensinando, ensinar educando.....	51
4.1.	O explícito e o oculto.....	51
4.2.	Professor educador.....	52
5.	Quatro verbos.....	53
5.1.	Verbo Ser.....	53
5.2.	Verbo Ver.....	58
5.3.	Verbo Amar.....	60
5.3.1.	Na (in)disciplina.....	64
5.4.	Verbo rezar.....	68
PARTE IV – A ESCOLA QUE APRENDE.....		71
1.	Três verbos.....	71
1.1.	Aprender.....	71
1.1.1.	Da informação à formação.....	73
1.1.2.	O empenho no desempenho.....	76
1.1.3.	Supervisão.....	77
1.1.3.1.	Supervisor.....	77
1.1.3.2.	Visão e visões.....	79
1.1.3.3.	Comunidade aprendente.....	82
1.2.	Ensinar.....	85
1.2.1.	Concepções de docência.....	85
1.2.2.	Fazer cada aluno aprender.....	88
1.2.3.	Um modelo de avaliação que avalia e ensina.....	89
1.3.	Cooperar.....	91
PARTE V – O CORAÇÃO DA ESCOLA.....		93
1.	Pessoas reais.....	93
1.1.	O futuro sorri, mas continua em silêncio.....	95
1.2.	Proença e Lisboa, matemática e português.....	96
1.3.	É bonita e tem um <i>porsche</i>	98
1.4.	João Assunção.....	98
2.	Escola: orgulho, desafio e cais de abrigo.....	100
2.1.	A Bíblia do João.....	101

2.2. A pedagogia do amor.....	103
CONCLUSÃO	107
BIBLIOGRAFIA	111

INTRODUÇÃO

“Fomos, em parte, inspirados pelo discurso de Elliot Eisner, Presidente da Associação Americana de Investigação Educacional, quando colocou a questão: Um romance pode ser uma boa investigação? Defendendo este ponto de vista, Eisner afirmou que é através da boa literatura que mais frequentemente nos aproximamos das verdades humanas. Esperamos que, de algum modo, a história de Serena possa ser considerada boa literatura. Esperamos que esta narrativa possa trazer alguma luz ao processo de melhoria da escola...” (MacBeath & al, 2005: 22).

A Poética da pessoa no espaço educativo. Realidade e olhares.

Não tivemos grandes dúvidas ou angústias relativamente à escolha do tema. Já não podemos dizer o mesmo quanto à forma de o abordar. O que se pretende verdadeiramente com esta reflexão, é evidenciar a grandeza e a singularidade do ser humano, e revelar o enorme potencial do coração da escola, quando somos capazes de tocar os corações das pessoas que nela habitam. Ao tratarmos um tema desta natureza, tem que se sentir a força da vida e o sabor da verdade. A vida, porque falamos de seres humanos acordados e sensibilizados para esta grande dádiva. A verdade, porque nos ancoramos em pessoas e espaços concretos, vistos por uns olhos verdadeiros que são os nossos, com umas lentes moldadas por anos cheios daquela vida. Assim, tendo consciência das limitações dos nossos olhos, com vontade e humildade repartidas em doses iguais, decidimos olhar pelo retrovisor, e refletir. Fixámo-nos no percurso que já fizemos, naquilo que aprendemos enquanto o percorremos, nas vitórias que celebrámos e nas derrotas que tivemos de engolir, nos rostos das imensas e diferentes pessoas que se cruzaram connosco e nos percursos que essas pessoas escolheram ou foram obrigadas a escolher. Finalmente, para não nos esquecermos de algo que consideramos particularmente importante, dissemos em voz alta: Vamos falar da realidade que os nossos olhos viram e veem, com a certeza de que apenas vemos parte dessa mesma realidade.

José Afonso Baptista provocou-nos e desafiou-nos. Claro que conhecíamos bem a frase “não deixar ninguém para trás”. O que nós nunca tínhamos pensado é que a palavra ninguém também pode ser escrita em maiúsculas e, quando tal acontece, o aspeto é este: NINGUÉM. No contexto educativo, perante esta palavra, sentimo-nos tão pequeninos! Afonso Baptista pronunciava-a sempre em maiúsculas e com naturalidade. Nós conseguíamos, mas com esforço. Foi aqui que os nossos olhos se abriram um pouco mais e viram com nitidez aquilo que sempre esteve visível. Sentimo-nos convocados pela realidade e pelos olhares. Pela pessoa e pelas pessoas. Pela pessoa toda e pelas pessoas todas.

Cedo descobrimos o gosto por ensinar pessoas, por ajudar pessoas a aprender e a crescer. Cedo tivemos o retorno gratificante desta paixão pelas pessoas e pela escola. Este trabalho, no entanto, embora transporte com ele a vida que encheu todos esses anos, reflete apenas, intencionalmente, a experiência vivida nos últimos cinco. Tempo de grandes desafios a nível profissional. Tempo de interrogações que nos obrigaram a investigar. Tempo de angústias que estimularam a nossa criatividade. Tempo de dúvidas que abraçámos com humildade. Tempo de gratidão. Tempo de esperança na escola e nos educadores. Tempo que passa mais depressa. Tempo em que assumimos a direção pedagógica de uma escola grande e de uma grande escola chamada salesiana. Abraçámo-la com 1809 alunos. Neste momento em que escrevemos, 2060 querem morar nela.

Nesta escola privada, católica, situada no coração de Lisboa, dizemos uns aos outros e a nós próprios que os alunos devem sentir-se amados. Antes de nós disse-o S. João Bosco, o fundador dos salesianos. É este o grande desafio. É esta verdade que diariamente nos impele. É esta verdade que tem de ser dita pela nossa prática no espaço educativo. É este, em nossa opinião, o segredo para não deixarmos ninguém para trás. É esta a principal força que deve mover todos os educadores. É com este olhar e com este sentir que cada educador deve fazer a sua parte. Durante esta reflexão usamos estas lentes e, por isso, sem ignorarmos o erro e a fragilidade da pessoa e do aluno, preferimos centrar-nos na riqueza e no potencial de ambos. Durante os últimos anos temos investido nesta forma de ser escola e de estar na escola. Introduzimos mecanismos nesse sentido. Com a consciência de que a capacidade de inspirar os educadores é, provavelmente, a principal qualidade do diretor

pedagógico, organizámos esta reflexão em cinco partes fundamentadas na vida e na verdade, com a esperança de que também elas sejam inspiradoras.

Parte I: *O terreno que pisamos*. Para a compreensão das ideias apresentadas e defendidas neste trabalho, é indispensável contextualizá-las. Temos consciência de que, noutros contextos, algumas situações aqui descritas dificilmente aconteceriam, e seria demasiado difícil ou impossível tratá-las de igual forma. Uma escola salesiana tem uma história, um “clima” próprio, uma marca, uma identidade. Os educadores que trabalham nesta escola salesiana conhecem-na e identificam-se com ela. Uns mais do que outros. As crianças e os jovens que nela habitam escolheram-na porque acreditam nela. Os pais confiam na transmissão dos valores, na segurança dos filhos, na forma de educar e na qualidade do ensino. Uma escola sem problemas? Não. Muitas pessoas felizes? Sim.

Parte II: *Acordar a realidade*. Testemunhos reais. Acorados na verdade e na intensidade de episódios que nos tocaram, pensamos o presente e o futuro da escola, recusando-nos a ser simplesmente espetadores. Olhamos para a realidade vendo as realidades. Apresentamos uma reflexão sobre as características da escola privada e as respostas da mesma à singularidade do ser humano. À entrada, durante o percurso e à saída.

Parte III: *A pessoa*. O conceito. A pessoa como um ser em relação e com um campo aberto de possibilidades. Cada pessoa protagonista da sua história, mas, sobretudo, da parte que ainda falta contar. A importância dos saberes, mas, sobretudo, a importância das pessoas que os vão adquirir. No âmbito da poética da pessoa no espaço educativo, exploramos nesta parte, de modo particular, o seu lado sublime. A singularidade e a reciprocidade. A dimensão espiritual. O Ser.

Com base na experiência vivida e na bibliografia consultada, debruçamo-nos ainda nesta parte sobre a educação integral e sobre a educação especial. Talvez seja mais correto dizer apenas sobre a educação.

Parte IV: *A escola que aprende*. Há escolas onde os educadores aprendem mais do que noutras. A aprendizagem do docente e a aprendizagem da escola enquanto organização. Conscientes dos perigos do isolamento na sala de aula e dos riscos da cristalização dos docentes, apresentamos alguns mecanismos em funcionamento na organização onde

trabalhamos durante os últimos anos, no âmbito da formação entre pares e da construção de uma comunidade aprendente.

Parte V: *O coração da escola*. Como em todas as escolas, também na nossa existem pessoas encantadoras. Referências que ensinam e educam sem esforço. Que ensinam e educam mais pelo que são do que pelo que dizem. Cruzam-se conosco todos os dias, mas nem sempre temos as lentes que as conseguem ver. Nesta última parte centramo-nos nalgumas dessas pessoas que fazem naturalmente bater mais forte o coração da escola. Depois, sempre, a pedagogia do amor. Talvez isso baste.

PARTE I – O TERRENO QUE PISAMOS

“Se tudo se fez para que o deserto crescesse como deserto, que sentido faz esperar que nele floresçam rosas?” (Azevedo, 2011: 238)

Nos caminhos percorridos ao longo dos últimos anos temo-nos cruzado imensas vezes com as palavras ensino e aprendizagem, ansiosos por encontrar cada vez mais nas escolas a palavra educação. Esta costuma viver discretamente em jardins silenciosos, que nos agradam por serem jardins e por serem silenciosos. Os encontros com a educação têm sido sempre muito gratificantes. Quando nos encontramos quase não precisamos falar, porque o olhar fala mais que as palavras todas. Nesses encontros o coração bate mais forte e o abraço, esse, acontece longo, apertado, com um sabor de vida intensa que não apetece largar. Amamos verdadeiramente educação.

Como disse José Morgado numa comunicação em Cascais, educar é darmos as ferramentas para que cada um saiba tomar conta de si próprio. Significa ajudá-lo a ser ele, cada vez mais. Ajudá-lo a SER. E ainda [educar é] “acção que consiste em ajudar um ser humano a formar-se; desenvolver-se; construir-se” (Morin & Brunet, 1992:15). Finalmente, “a educação é, antes de mais, o projecto de realização da pessoa” (Carvalho, 2001:22).

1. Realidade

1.1. Presentes de um passado

Tudo acontece num determinado contexto. Por vezes, um acontecimento descontextualizado pode tornar-se perigoso, mentiroso, perverso e servir de alimento à desonestidade. Embora de forma sintética, apresentamos o contexto onde vivemos muitos

dias doze horas, recheadas da vida que a vida das crianças e dos jovens nos dá. É deste terreno que pisamos que têm brotado desafios, interrogações, preocupações, provocações e algumas conclusões que, mais adiante, partilharemos com humildade e com prazer. É este terreno, este contexto, que importa apresentar e conhecer. Só assim se poderão compreender algumas das ideias que aqui iremos defender, as quais, noutra contexto, provavelmente soariam a desconhecimento, ou mesmo utopia.

Oficinas de S. José – Associação Educativa. O colégio. A escola salesiana. Uma centena de anos de história e de educação. Inicialmente internato para jovens pobres e abandonados, depois oficinas com especialização em artes gráficas, mais tarde colégio de rapazes, e, atualmente, escola moderna e aberta onde crescem e aprendem crianças e jovens de ambos os sexos. Escola católica, humanista, com pilares assentes em valores explícitos que contribuem de forma inequívoca para a formação integral dos jovens que ali vivem grande parte dos seus dias. Segundo o fundador dos salesianos, S. João Bosco¹, a escola salesiana deverá formar “honestos cidadãos e bons cristãos”.

Ano letivo de 2012/2013. Uma floresta de dois mil e trinta e dois alunos estende-se entre o 1º ciclo e o ensino secundário. Esta floresta é tratada por três centenas e meia de trabalhadores que a regam, podam, arrancam, plantam, limpam e fertilizam. Todos os anos ali colhem alegremente frutos abundantes, embora sempre acompanhados por algum sofrimento devido à seca de algumas árvores que não foi possível ou não souberam salvar. Não soubemos salvar. Seria bem mais fácil de cuidar se todas as árvores desta floresta fossem iguais. É muito mais rica por serem todas diferentes. Únicas. Por isso chamam-se seres humanos.

Este terreno que pisamos situa-se no coração de Lisboa, com amplos e modernos espaços, protegido dos ventos fortes, das chuvas torrenciais, dos invernos frios que poderiam facilmente queimar ramos mais frágeis, ou do calor intenso que costuma sufocar os menos resistentes, com menos defesas. Está protegido ainda de ataques de animais esfomeados que, de surpresa, poderiam roubar e cortar para satisfazer o desejo ou matar a fome. No entanto, esses muros não são forçosamente bons! Também neste terreno que passaremos a chamar umas vezes escola outras vezes colégio, nascem e crescem ervas daninhas e

¹ João Melchior Bosco (Castelnuovo d’Asti, 16 de Agosto de 1815 – Turim, 31 de Janeiro de 1888). Populamente conhecido como D. Bosco.

quando não nascem inventam-se. Por isso, às vezes, não se sabe muito bem se a dor é mais forte lá fora onde tudo acontece ou lá dentro onde quase tudo acontece. Trabalhamos neste terreno há quase 30 anos. Como professor, como fundador e diretor da escola de música e, desde 2008, como diretor pedagógico. Sempre como educador. Quanto temos aprendido!

Um colégio privado, católico, com contrato simples, situado em Campo de Ourique e frequentado por crianças e jovens provenientes de uma classe média/alta. Sendo uma escola aberta e tolerante, não simpatiza com fardas, admite alunos de outras religiões e preocupa-se em fazer, mais do que dizer. O fundador dos Salesianos pediu e continua a pedir aos educadores destas escolas para terem presente em cada momento que, “mais do que amar os jovens, importa que eles se sintam amados”. Finalmente, o grande lema de D. Bosco: “Educar é um assunto do coração”. Falaremos longamente sobre estes temas no decorrer deste trabalho.

Cedo nos apercebemos do potencial desta escola. Nela investimos, nela aprendemos, nela sofremos angústias e saboreámos vitórias e nela jogamos em cada dia novas apostas, olhando-a de perto e de longe como uma escola grande e sentindo-a diariamente como uma grande escola. Este é o presente, lindo, em nosso entender, que o passado nos deixou. Este presente está neste momento em transformação para atingirmos o futuro que vislumbramos. Sabemos que uma boa liderança, embora bem intencionada, não pode violar valores assimilados e tradições nos estabelecimentos de ensino. É importante proporcionar mudanças, mas evitar ruturas. Neste processo é ainda necessário dar ao tempo o tempo que ele necessita para fazer a sua parte, a qual ninguém ainda sabe fazer. Desde que assumimos a direção pedagógica temo-nos esforçado diariamente por adocicar o amargo que, por vezes, caracteriza este tipo de organizações. Valorizar a pessoa e as pessoas, respeitar e valorizar os bons profissionais, avaliar para melhorar, criar mecanismos para uma comunicação eficaz e saudável entre educadores e com os pais, amar os alunos. Todos os alunos. Amar o aluno. Cada aluno, como ele é.

1.2. A escola e as escolas

²*Porque o piano me convida a tocar*

² In *Artisport* (atividades extracurriculares)

*Porque o xadrez me convida a pensar
Porque o ginásio me ajuda a crescer
Porque o desporto me faz renascer
Porque a dançar me liberto
E a correr me desperto
E a pintar vejo o mundo
E a nadar vejo o fundo
Porque a estudar me conheço
E já cansado... adormeço
Vem viver esta escola que te ajuda a crescer!*

José Morais, Diretor Pedagógico

Paralelamente à estrutura curricular desenvolve-se desde há anos uma outra escola, não de atividades (conceito que, neste contexto, seria redutor), mas sim de outras escolas: escolas de artes performativas (música, dança e teatro), escolas de desportos individuais e coletivos, escola de artes visuais e escola de línguas. Cada uma delas com um plano de atividades próprio, entroncado no Plano Anual de Atividades do colégio Oficinas de S. José – Associação Educativa.

Este mundo extracurricular com as suas várias escolas tem um leque vasto de ofertas. Pretende-se que cada ser humano possa encontrar nalguma ou em várias delas uma resposta para o aproveitamento e desenvolvimento do seu potencial. Para orientarem as várias áreas são convidados profissionais competentes e conscientes da importância de, para além de professores serem educadores. Essa característica deve notar-se no seu desempenho.

Para termos uma ideia do peso e do significado que estas atividades têm nesta escola e, sobretudo, na vida de quem as frequenta, evidenciamos algumas conclusões apresentadas em reunião geral de educadores no final do ano letivo de 2011/2012:

Durante esse ano, no âmbito dos desportos coletivos, realizaram-se cerca de 1000 jogos. Em cada jogo o educador está cerca de 4 horas com os alunos. Nalgumas semanas, o professor desta área, em situações de “educação formal” e “informal” está em média 8 horas com os alunos. Na ginástica desportiva, por exemplo, esse tempo semanal aumenta. Referimos este aspeto para evidenciar, por um lado, a responsabilidade destes educadores

na formação integral das crianças e jovens; por outro, o significado que estas atividades têm para os alunos envolvidos, ao ponto de investirem tanto tempo das suas vidas, na esmagadora maioria das situações por opção própria e por prazer. Não por ser obrigatório. De salientar ainda o facto de muitos encarregados de educação estarem presentes em muitas destas manifestações artísticas e desportivas, uma vez que muitas delas acontecem em horários compatíveis com os seus empregos. Final da tarde, noite, ou fim de semana.

A escola de artes performativas realizou durante o ano 26 espetáculos abertos à comunidade. A escola de música realizou cerca de 60 audições pedagógicas. A escola de artes visuais organizou várias exposições e construiu cenários e adereços para muitos dos espetáculos realizados. Poderíamos alongar-nos nas considerações sobre a riqueza destas atividades no contexto educativo. Centrando-nos apenas naquilo que é mais significativo para a nossa reflexão, salientamos o facto de, no contexto extracurricular, muitas das aulas de instrumento serem individuais, o que permite ao professor conhecer muito melhor o aluno do que o professor de português ou de matemática. Realçar a importância da sintonia entre este professor extracurricular e os professores do conselho de turma para o conhecimento daquela pessoa e da sua postura nos diferentes contextos. A importância do palco e do contacto com o público. O aplauso dos pais que, nestas situações vêm à escola pelas melhores razões e não porque aconteceu algum episódio menos simpático. O trabalho de conjunto. A saudável simbiose entre os vários domínios artísticos. A educação estética. A fruição e o sentir-se bem no espaço educativo. A frequência de uma atividade que é verdadeiramente importante para alguém, por isso a escolheu. Neste sentido, por vezes, é com alguma dificuldade que chamamos extra(curricular) àquilo que é essencial para uma determinada pessoa.

Esta escola salesiana onde nos orgulhamos de trabalhar investe fortemente nas artes e no desporto. Conhecemos o retorno deste investimento que se traduz em alegria, bem-estar, educação da pessoa toda, ambiente escolar mais saudável e apetecível, aproximação entre educador e educando, ocupação e promoção do jovem onde ele é mais capaz, vivência intensa da escola e na escola em contexto menos formal, exploração de temas relevantes através da arte, maior identificação com a proposta educativa. Uma das características principais dos eventos artísticos abertos a toda a comunidade educativa é o facto de todos eles serem concebidos de tal modo que nenhum aluno fique excluído. As atividades de

grande grupo (festivais gímnicos, musicais e peças de outros domínios artísticos) são obrigatoriamente concebidas de tal modo que existam papéis onde os melhores alunos possam ter uma oportunidade para performances de nível mais elevado, e os menos capazes, desempenhos com a mesma dignidade, mas com níveis de exigência adequados às suas capacidades. Para o sucesso da atividade são tão importantes os primeiros como os segundos. Neste contexto, lemos e guardámos as palavras de José Afonso Baptista:

“O sucesso de todos não pode confundir-se com facilitismo e não significa que todos possam atingir os níveis mais elevados de educação e formação. A escola tem de aprender a educar cada um naquilo de que cada um é capaz. O insucesso de muitas escolas hoje está em que só aprenderam a educar os mais dotados. Mas todos são educáveis e a escola inclusiva é a que sabe educar todos até ao limite das suas capacidades, sempre diferentes de aluno para aluno” (Baptista, 2011: 77).

Normalmente os pais são chamados às escolas quando existem problemas. Por regra os encarregados de educação vão voluntariamente à escola quando detetam problemas de ordem comportamental ou académica. Os pais têm de ser convidados frequentemente a vir à escola, por boas razões. Os eventos dignamente preparados no âmbito da turma, do ciclo, da escola ou do mundo extracurricular deverão, sempre que possível ter a presença dos pais. Esta presença tem efeitos extremamente positivos na criação de relações saudáveis entre os vários intervenientes. A satisfação do encarregado de educação por ver o seu educando valorizado por educadores e colegas de escola, funciona como uma borracha que apaga mágoas ou fricções antigas ou recentes e um trampolim para a gestação ou gestão da confiança. Também o relacionamento e diálogo com os professores se tornam saudáveis e construtivos, porque centrados em bons desempenhos e despidos do peso do gabinete, da formalidade ou da sala de aula. De referir ainda que, com muita frequência, depois de assistirem a atividades artísticas realizadas pelos alunos, os pais admitem não saber que os seus filhos seriam capazes de desempenhar aqueles papéis em palco, perante o olhar de tantas pessoas, a maioria estranhas.

Estes eventos têm ainda a grande vantagem de estreitar relações entre professores e alunos, porque também os primeiros se revelam como pessoas e mostram outras facetas aos alunos, normalmente mais simpáticas do que em sala de aula, porque mais informais.

1.3. O perigo da realidade virtual

1.3.1. Escola ou condomínio

Neste terreno que nós pisamos existe quase tudo. A intenção desta oferta é a melhor, mas interrogamo-nos vezes sem conta se o caminho será por aqui. Abre-se o portão, fecha-se o mesmo portão. Lá dentro há espaço e tempo para brincar e para estudar, espaço e tempo para praticar imensas modalidades desportivas, piscina, ginásio, gabinete médico e enfermaria, escolas de artes, escola de línguas, biblioteca, centro de imagem, livraria, salas multimédia, bar, refeitório com três pratos diários, auditórios para conferências e espetáculos, espaço para festas e discotecas à noite e até espaço para dormir. E que noites inesquecíveis aquelas em que os mais pequenos comemoram as noites da biblioteca!

É um conforto, sem dúvida, para os pais que ali deixam os seus filhos e seguem tranquilos para os seus empregos. Também os filhos ficam aparentemente tranquilos num “condomínio fechado” com segurança 24 horas. “As famílias (particularmente as novas “classes médias”) preferem ser consideradas como “clientes” dos novos serviços educativos, aos quais exigem maiores funções ou, como é frequentemente proclamado hoje em dia, “qualidade” “ (Bolívar, 2012: 157).

A liberdade para sair da escola é ditada pelo código do cartão que os pais escolheram. Muitos são felizes ali, e isso está espelhado nos seus rostos. Outros, como veremos adiante, não tanto assim.

Nesta escola atraente, o exterior costuma cativar os olhos, o interior o coração. Cativou-nos a nós também, desde o primeiro momento, o qual continua bem presente na nossa memória. Estamos conscientes de que o risco maior deste espaço ao qual, numa atitude provocatória, agora chamamos “condomínio”, é tornar-se numa redoma onde lá dentro se vive numa realidade virtual. Para que tal não aconteça, tem havido grande cuidado nas admissões de novos alunos. É fundamental que os nossos filhos cresçam num ambiente “real” e “verdadeiro”. Por isso costumamos dizer que ali entram seres humanos e não alunos, tema que iremos desenvolver noutra parte deste trabalho. Acreditamos num ambiente onde convivam saudavelmente no mesmo espaço crianças e jovens independentemente da sua cor, nacionalidade, religião, formação, capacidade intelectual ou outra. É esta riqueza como veremos também mais adiante que, com o olhar e intervenção

atentos dos educadores, contribui para a formação de jovens “inteiros” que deverão olhar para si próprios e para os outros com respeito e admiração.

1.4. Os novos órfãos

1.4.1. Pais reais e pais virtuais

O colégio onde trabalhamos caracteriza-se por ser uma escola onde habitam numerosos órfãos com pais que tudo dão aos filhos, deixando-os ébrios de nada. No início, uma escola que abrigou crianças e jovens abandonados, ou órfãos. Hoje, uma escola que abriga muitos novos órfãos: os órfãos com pais. A escola nunca poderá substituir a família, deverá, sim, estar em sintonia com ela, num processo onde todos aprendem, onde todos ensinam, onde todos erram e corrigem os erros, onde todos celebram vitórias e engolem derrotas. Parece-nos da maior pertinência, identificar e dar atenção aos excluídos de famílias “normais”, que vivem em famílias “virtuais”, seres humanos que não estando excluídos na e da escola, muitas vezes se excluem de si próprios procurando refúgio em dinâmicas de proteção no sofrimento juntamente com outros mais ou menos incluídos numa exclusão mascarada. A sensibilidade de educadores competentes e bem formados para a compreensão de fenómenos desta natureza, é, em nossa opinião, outro dos fatores decisivos para que cada um se possa encontrar em primeiro lugar a si, e depois encontrar e aceitar cada um dos outros e a respetiva singularidade.

A partir das sete e trinta começam a chegar à escola automóveis vindos dos mais diversos locais. Muitos são conduzidos pelo pai ou pela mãe, outros pelo motorista. Motorista que, muitas vezes, é pai e é mãe. Quase pai, quase mãe. É ele que conversa, que conhece os segredos e os desabafos, mas, sobretudo, é aquele que tem tempo para ouvir. Neste contexto onde trabalhamos, a maior parte do tempo em que os filhos estão com os seus pais é enquanto dormem.

1.4.2. Amor ou cartão de crédito

Comparativamente com outras realidades que vamos conhecendo, não podemos dizer que temos níveis elevados de indisciplina ou comportamentos desviantes na escola. Temos, no entanto, as angústias e sofrimentos característicos dos jovens acompanhados da conhecida

rebeldia mais ou menos saudável, tensões mais ou menos controladas, descontentamentos mais ou menos prolongados mas, sobretudo e o mais preocupante, as novas “doenças” relacionadas com a exploração de limites a nível físico e psicológico, características de seres humanos viciados em modelos fabricados pela publicidade, tecnologias e cartões de crédito. Sintomas do vazio. Muitos pais presentes, muitos ausentes mas localizados e muitos ausentes sem paradeiro conhecido, embora se saiba que existem porque as mensalidades são pagas. Terreno fértil. O sofrimento instala-se. Sofrimento da pessoa, sofrimento do aluno. Escondido.

Como educadores, do muito que temos vivido e guardado, partilhamos um texto enviado por nós à Joana, no final de um dia mais negro para a Joana. Com ele ganhámos o abraço da Joana e, mais tarde, o dos pais da Joana. E foi simples. Bastou um clic para ele chegar ao computador da Joana, 17 anos, aluna brilhante, 12º ano.

Querida Joana,

Também eu, há dias, recebi mais uma vez um hóspede que me visita há muito tempo, desde o tempo que me lembro e do outro que não me lembro. Aparece sempre de surpresa, com os seus pés de veludo, sem enviar um simples postal, um telefonema ou uma mensagem. Chato sofrimento! Sabe que não gosto dele mas, indiferente aos meus sentimentos, insiste em visitar-me. Bem, na verdade, às vezes poderia muito bem evitá-lo e não o faço. E você também, Joana. Pense bem.

Quando lhe apetece passa a correr, quase sem tempo para me cumprimentar, tendo apenas como objetivo lembrar-me que existe e que anda por perto. Outras, decide ficar. Quando fica e se instala, a minha vida leva um enorme rombo. Os meus horários descontrolam-se, os compromissos descomprometem-se, o urgente relaxa-se, o sorriso entristece-se e os meus olhos veem o outro lado das coisas que pensam que veem. Ou não veem. A verdade é que surgem muitas interrogações e questionam-se algumas verdades que sempre o foram e por isso devem continuar a ser, mas isso era antes, antes de sofrer. Estou a falar de mim, Joana. E tenho a idade dos seus pais.

Já disse que não gosto dele. Veste-se de tantas maneiras diferentes e usa tantas máscaras que chego muitas vezes a interrogar-me se será sempre o mesmo sofrimento. Esta característica até poderia ter alguma piada, mas não tem, porque magoa. O sofrimento magoa sempre e às vezes muito. Eu sei, Joana. Mas, outras vezes, magoando consola, magoando redime, magoando apaga, magoando esclarece, magoando, magoando, magoando adormece. Boa noite, Joana. Hoje ainda vai conversar com os seus pais e amanhã traga o seu sorriso, está bem?

Com amizade,

José Morais, Director Pedagógico deste colégio lindo como você!

1.5. O discurso e a prática

1.5.1. Do Projeto educativo à prática educativa

“A escola inclusiva está centrada nas pessoas e nas aprendizagens. Recusando uma pedagogia padronizada em torno de programas uniformes e indiferentes às características de cada um, orientada pelos rituais burocráticos para decidir quem passa e quem chumba, a educação inclusiva centra as aprendizagens nas características e necessidades de cada pessoa. Todos são educáveis, todos podem aprender desde que as aprendizagens sejam organizadas à medida de cada um” (Baptista, 2010: 23).

Com orgulho, dizemos que nos preocupamos diariamente com este fascinante desafio e esta postura que nos lança José Afonso Baptista. Com humildade, temos consciência da distância que ainda temos de percorrer para que a prática fale pelas palavras. Para que a prática seja a principal voz de um documento chamado “projeto educativo”.

As escolas, pelas razões que todos conhecemos, naturalmente criam mecanismos de resposta para apoiar a alunos com fraco aproveitamento. Temos, no entanto, verificado ao longo dos últimos tempos que, no ensino secundário e no nosso contexto, os alunos que mais sofrem são os que vulgarmente consideramos muito bons ou excelentes. Acontece que estes têm metas muito mais ambiciosas e, para as atingirem, necessitam com frequência de tanto ou mais apoio do que os outros. Se tal não acontecer, corre-se o risco de serem estes os excluídos! Frequentemente alunos brilhantes vivem angustiados por não conseguirem atingir o muito que é necessário para poderem entrar na universidade e no curso pretendidos. Frequentemente alunos mais fracos, com médias mais baixas conseguem os requisitos para frequentarem os cursos que pretendem e são muito mais felizes do que aqueles. É então urgente criar na escola estruturas de apoio para bons alunos, com professores e espaços adequados para poderem atingir a excelência para a qual têm potencial suficiente. Embora na nossa realidade tenhamos implementado mecanismos para responder a estas situações, temos de viver com o facto de alguns universitários de sucesso, nos dizerem que poderiam ter ido ainda mais longe se o colégio tivesse investido mais neles.

Para situações especiais, requerem-se técnicos especializados. A sensibilização e formação sólida dos educadores a nível humano, científico e pedagógico não é suficiente e pode mesmo gerar angústias frequentes e derrotas acompanhadas de desmotivação. O educador

competente e motivado aceita desafios, mas tem consciência das suas limitações em situações especiais. Assim, é necessário:

1. A existência de um bom departamento de psicologia e necessidades educativas, com profissionais competentes, plenamente identificados com o espírito e com os valores que a escola defende e, não menos importante, que conquistem uma relação próxima com o corpo docente, de tal modo que exista trabalho de equipa e entreajuda, onde cada um faz a parte que lhe compete dentro de uma estratégia definida conjuntamente e ambos avaliam regularmente os resultados do seu investimento.
2. Presença a tempo inteiro na escola, dos técnicos especializados.
3. Acompanhamento de pais e alunos na escola, dentro do espírito de confiança mútua.
4. Presença dos técnicos especializados em todas as reuniões de conselho de turma ou outras, não só porque são necessários mas também para que a linguagem seja a mesma entre todos os educadores.
5. Compete a este departamento apresentar e desenvolver um plano anual de formação para educadores, alunos e encarregados de educação, de tal modo que, cada um na área que lhe compete, esteja bem sensibilizado e preparado para atuar com prudência e sabedoria, em sintonia com os valores nos quais a escola acredita e pretende transmitir.

Uma escola inclusiva não deixa ninguém para trás. Quantas vezes temos ouvido, lido e refletido sobre esta frase! Tal só será possível se as pessoas estiverem verdadeiramente sensibilizadas e acreditarem profundamente que vale a pena. O diretor deverá ser o primeiro a ser capaz de demonstrar isso mesmo, disponibilizando meios e investindo na criação de estruturas para que seja possível dar a cada ser humano o tempo, o espaço, a atenção e o carinho que precisa.

É importante ainda referir que, num colégio desta natureza, uma aposta na inclusão significa abraçar uma política anti-ranking. Acreditamos, no entanto, que vivendo, ensinando e aprendendo numa escola mais verdadeira, porque mais inclusiva, todos crescerão de forma mais saudável e mais de acordo com os valores que tantas vezes se dizem mas que não se praticam. Não interessa proporcionar aos nossos filhos a redoma já

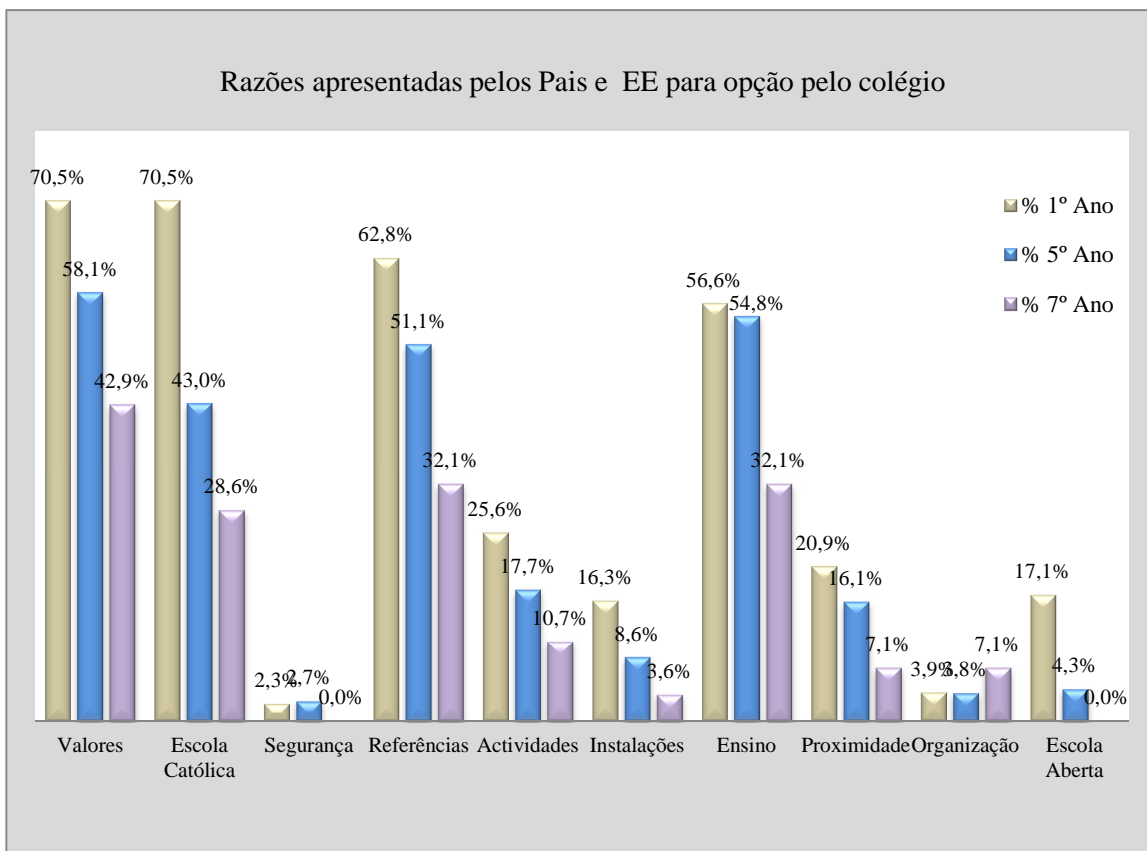
atrás referida, onde todos estão protegidos, mas engaiolados, quando o que se pretende é, como diz Rubem Alves, uma escola com asas onde os jovens são encorajados a voar: “Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado” (Alves, 2004: 7).

2. Olhares

"A maior graça da natureza e o maior perigo da graça, são os olhos. Tanto aqueles com que vemos, quanto aqueles com que somos vistos."

Padre António Vieira

2.1. O olhar de quem acredita



Durante os últimos quatro anos analisámos em detalhe todos os boletins de candidatura de novos alunos ao nosso colégio. Centrámos-nos nos três anos de escolaridade mais procurados: primeiro, quinto e sétimo anos. Não foi proposto qualquer inquérito. Os aspetos considerados foram extraídos do boletim de candidatura, num campo de preenchimento não obrigatório cujo título é: razões que o levaram a optar pelas OSJ³. Apresentamos aqui um pequeno gráfico com as conclusões a que chegámos. Durante os quatro anos letivos e para os três anos de escolaridade, a educação nos e para os valores foi sempre a principal razão apresentada pelos encarregados de educação para a escolha do nosso colégio. Também o facto de ser uma escola católica, as boas referências e a qualidade do ensino contribuem decididamente para a procura. Com muito menos relevância aparecem a proximidade do local de trabalho ou residência, as atividades ou a qualidade das instalações. Por fim, aspetos relacionados com organização, segurança e o facto de ser uma escola aberta e “popular”. Não nos surpreende o facto de os valores serem a principal preocupação dos pais. Sentimos diariamente essa preocupação e esta é claramente uma aposta nossa, bem como a qualidade do ensino, obviamente. Conforta-nos o facto de a escola onde trabalhamos ser procurada, sobretudo, por uma razão que nos é tão querida.

“Educar quer dizer levar outras pessoas a que cheguem a ser o que devem ser” (Stein, 2002: 195). Este dever ser, transporta-nos para o âmbito dos valores. Não entendemos os valores como um anexo da educação, eles estão sempre presentes, vivem nela e ela não vive sem eles.

2.2. O olhar de quem ama

Por vezes quase sentimos vergonha de ser adultos, por nos termos tornado tão pequeninos perante a grandeza de uma criança. Junto à palavra criança, a palavra adulto revela-se pobre. Talvez porque na criança mora o essencial e no adulto demasiado acessório. Talvez porque a criança olha e admira o mundo enquanto o adulto tem tendência para se olhar e se admirar a si próprio. Esta realidade, que nos incomoda, ganha de repente uma beleza imensa, se às crianças chamarmos filhos e aos adultos chamarmos pais. Estes olhos, olhos

³ Oficinas de S. José

de pais, têm as lentes do coração. Junto à palavra filho, a palavra pai revela-se grande e rica. Parece-nos que é aqui que reside o grande segredo para uma educação saudável de todos e de cada um no ambiente escolar. À frente dos olhos do educador deverão estar as lentes do coração. As lentes de pai. As lentes de bem-querer. As lentes de quem ama. “Os nossos pais amam-nos porque somos seus filhos, é um facto inalterável. Nos momentos de sucesso, isso pode parecer irrelevante, mas nas ocasiões de fracasso, oferecem um consolo e uma segurança que não se encontram em qualquer outro lugar.” (Bertrand Russell in Machado, 2011: 78). Não poderíamos deixar de referir agora este tema, porque falamos do terreno que pisamos. No entanto, voltaremos a ele mais adiante para o aprofundarmos um pouco mais. A realidade e os olhares. Despedimo-nos desta primeira parte com Eugénio de Andrade. Também mais tarde voltaremos a ele e às suas palavras inspiradoras.

*Passamos pelas coisas sem as ver,
gastos, como animais envelhecidos:
se alguém chama por nós não respondemos,
se alguém nos pede amor não estremecemos,
como frutos de sombra sem sabor,
vamos caindo ao chão, apodrecidos.*

Eugénio de Andrade

PARTE II – ACORDAR A REALIDADE

“A Inês tem sete anos e é encantadora. No quadro branco pintou uma paisagem ingénuo, por onde passeia a sua infância. Num traço hesitante surgiram montes e casas e, por cima, um sol que, por se sentir sozinho, pediu a umas nuvens que lhe fizessem companhia. Quando acabou, a artista interrogou-me sem palavras, pedindo aprovação para um desenho colorido com o brilho do olhar, a vivacidade da expressão e a facilidade do sorriso. Como se pode julgar o que é maior do que nós?”

Nuno Lobo Antunes

1. Testemunhos

1.1. Desabafos e gritos amordaçados

Ao longo dos últimos anos da nossa carreira profissional têm-se cruzado connosco alguns casos de vida que nos tocaram particularmente. Por dentro. Que nos acordaram e nos abriram a janela da nossa escola, para vermos com os nossos olhos o grande rio de esperança que corre juntinho a ela. Mas nesse rio viajam alguns gritos. Gritos de dor, de desespero, de coragem, de abandono, pedidos de ajuda. O grito mais forte, aquele que ouvimos acima de todos os outros, é o grito do próprio rio: o grito da esperança.

1.1.1. Primeiro grito: Exmo. Senhor

Exmo. Senhor José Morais, Director Pedagógico das Oficinas de S. José.

Em seguimento da nossa conversa de quarta-feira da semana passada, junto envio uma exposição resumida sobre o meu caso. Agradeço sinceramente o tempo que me dispensou. Desejo-lhe todo o sucesso no novo papel que vai assumir...

Até breve, eu espero.

Sou mãe do José Maria, de 10 anos, e sempre foi meu desejo que o meu filho frequentasse a vossa escola. Primeiro, porque tenho duas sobrinhas que conheceram

oito anos de felicidade aí. Acompanhei o crescimento delas, quem amo como filhas, desfolhando ano após ano com curiosidade e entusiasmo o "Tudo Sobre Nós"⁴.

Quando chegou finalmente este ano a vez do José Maria entrar, rasguei o peito, para que se visse a olho nu o grafitti do meu coração: "Por Favor, aceitem o José Maria no 5º ano". Mas a porta fechou-se. Foi-me dito pela antiga Direção que crianças com dificuldades não tinham lugar nessa escola. E pela primeira vez na vida entendi por que razão atualmente, em muitos cantos do mundo, crianças que nascem com o Síndrome de Down são submetidas a operações à nascença para que a cirurgia plástica lhes arranque do rosto o estigma que a sociedade apedreja.

Chorei. Não pela fraqueza do José Maria mas pela fraqueza das vocações no mundo e parti desolada em busca do autocarro cujo destino dissesse: "Deixai vir a mim (todas) as criancinhas." Encontrei-o. Mas ainda assim segui viagem a olhar para trás, com o José Maria a perguntar-me: "Por que é que não me aceitaram, mãe?"

Como a viagem era longa, como o são todas as viagens da dor, apascentei a tristeza do José contando-lhe histórias de fadas reais. Falei-lhe de Helen Keller, que não via nem ouvia e se tornou nos maiores ícones da nossa era. De Tony Melendez que nasceu sem braços e aprendeu a tocar viola com os pés. De Abraham Lincoln quem, com a ajuda do estudo férreo da Bíblia, ganhou estamina para pôr fim à escravatura. Até adormecermos os dois e sonharmos que éramos seres humanos e não nacos de carne.

Volvidos quatro meses, no dia 14 de Julho, recebi um telefonema. "Por motivo de várias desistências, havia lugar no 5º ano para o José Maria". Assaltada por um impulso de euforismo, arrumei as malas atabalhoadamente e gritei para o José: "Anda, filho, podemos regressar. Foste aceite."

Esta é a história resumida da minha vida de mãe até hoje. O meu coração humano deseja que o José Maria vá para aquela que sempre foi a nossa escola-casa mas o meu coração de mãe receia que o José seja posto de parte e que nenhuns olhos salesianos saibam ver "através". O medo também já foi marcado a ferro e fogo em qualquer parte do meu filho e é ele quem me diz agora: "Não, mãe, não. Já não te lembras? Aí não havia lugar para mim. Porquê agora? Vamos ficar aqui."

Quem me dera ser criança outra vez e encontrar no mundo recantos floridos! Mas, infelizmente, sei hoje, adulta, que vivo num mundo árido. Não existem terras prometidas. Em todos os recantos a luta está presente. O único valor é a força férrea do guerreiro.

O José Maria é, sem dúvida, uma criança com dificuldades, mas com todas as capacidades cognitivas. O único handicap cognitivo do José é necessitar de um acompanhamento diário constante. Coisa que até hoje nunca aconteceu. Neste momento, já montei toda uma estrutura de apoio. A partir do dia 1 de Setembro, três vezes por semana, o José Maria terá o acompanhamento de uma terapeuta de ensino especial, que se comprometeu a interagir semanalmente com a escola, antecipando matérias junto dos professores e do coordenador do 2º ciclo, para que o José nunca se sinta perdido. Terá também o acompanhamento diário de um explicador em casa que o ajudará a fazer TPC's, rever matérias e tirar dúvidas. Terá inclusive o acompanhamento de um professor de ginástica particular que o ajudará a ganhar

⁴ Anuário da escola

agilidade motora. E terá o amor incondicional dos pais e de toda a família que lhe dedicarão horas extraordinárias até ele poder caminhar pelos seus próprios pés.

Agora, eis-me aqui, a lançar um apelo e uma pergunta à nova direção da escola:

Estão dispostos a modificar a filosofia de exclusão que silenciosamente se instalou na escola salesiana? Estão dispostos a aceitar no vosso autocarro carne humana de todas as espécies? Estão dispostos a pôr em prática a máxima de S. João Bosco e a amar os educandos? Estão dispostos a procurar a vocação de cada um e a aceitar os alunos como seres e não como números? Estão realmente dispostos a reunir uma equipa para a qual a educação seja uma coisa do coração da qual só Deus é o Senhor?

E porque Deus me deu a Graça da Fé, basta um "Sim" vosso, para convosco selar com sangue um compromisso de entreatajuda e de esperança num José Maria melhor e num mundo melhor.

Atentamente,

Mãe

1.1.2. Primeiro desabafo: Aquilo que o coração sabia

Antes de recebermos esta mensagem escrita, já morava dentro de nós uma vontade enorme de tornar verdadeira, real, aquela frase encantadora que S. João Bosco nos deixou: “Não basta amar os jovens, é importante que eles se sintam amados”. A enorme paixão que desde há muito temos pela educação, tem-nos inspirado e incentivado para levarmos em frente a tarefa de dizer com a prática aquilo que as palavras costumam dizer. Foi há cinco anos que o testemunho desta mãe chegou ao nosso computador. Em anos anteriores, já outros episódios nos tinham marcado, por estarmos particularmente sensibilizados para esta temática. Este texto, este ser humano lindo e desafiador da nossa pequenez, esta vida intensa que jorra das palavras e do olhar desta mãe que tivemos o privilégio de conhecer, trouxeram-nos uma motivação adicional para pormos em prática o que o coração já sabia.

Hoje olhamos para trás. Focamos apenas o José. Meu Deus, o que aprendemos como educadores! O que crescemos como pessoas! O que nos surpreendeu esta criança, o que nos surpreende este jovem. Tantas interrogações para as quais não tínhamos resposta, desilusões, sensações de impotência, a incerteza dos educadores partilhada com os pais do José. Depois as pequenas vitórias, as surpresas gratificantes, o desafiar do desafio, a confiança que começou a surgir, o José que se começou a revelar, o orgulho de conseguirmos, a alegria dos educadores partilhada com os pais do José. José está agora no

nono ano. Continuamos com tantas interrogações para as quais ainda não temos resposta! Partilhamos um episódio, do qual não nos orgulhamos. Provas de aferição. José estava no sexto ano:

1.1.3. Segundo grito: Em forma de C

[...] A estrada ainda se adivinha longa, mas hoje ganhei uma jogada quando ainda há uma semana alguém me dizia que a nota do José das provas de aferição não ia ser contabilizada para não estragar a reputação da escola de D. Bosco.

Não me interessa o que se passará nos bastidores. Eu creio que estou a bordo do primeiro navio de uma grande frota. Imploro-lhe de novo que não largue os comandos do navio... Este 6º ano foi uma viagem com muitos rombos, mar picado. Mas eis que avistámos terra, hoje, e ancorámos numa baía em forma de C⁵. Um simples C. Singelo, talvez. Débil. Mas um C desenhado a caneta como tantos outros C's que não fazem ideia do que é viver só com metade da tinta. O abraço e a promessa de que um dia se orgulhará do menino em que apostou.

1.1.4. Segundo desabafo: Desculpe

Estimada encarregada da educação,

C de coragem, C de conquista, C de coração.

Um D de dor pela frase que não ouvi, não quero ouvir, não entendo nem aceito, por isso peço desculpa. S. João Bosco pede desculpa também.

J Moraes

1.1.5. Terceiro grito: Bem-haja

Caríssimo Diretor,

Escrevo só para dizer que lhe continuo grata por tudo, que estou muito feliz com o empenho de todos os professores do José Maria e que o medo da transição de ciclo se desvaneceu há muito. Os professores têm sido fantásticos.

Bem-haja!

1.1.6. Terceiro desabafo: Parabéns, sonhos e gomas

Querido José

⁵ Classificação na Prova de Aferição

É com um prazer imenso que hoje lhe envio esta carta, pequena em palavras, mas gigante em sentimento.

A turma do 7º ano F, da qual faz parte, foi eleita por todos os professores como aquela que mais intensamente tem vivido e transmitido os valores nos quais acreditamos. A nossa escola, esta escola salesiana, ficou mais rica com a vossa vida e, orgulhosa, não quis ficar silêncio.

Mas hoje não escrevo para a turma. Escrevo para pessoas com nome. Para cada pessoa. Para si, José. A sua postura na escola perante as atividades que lhe têm sido solicitadas e perante os colegas que o rodeiam, tem dito aos professores que educar é uma tarefa maravilhosa. Que vale a pena acreditar e apostar nas pessoas que habitam nesta escola. Obrigado por isso.

Desejo profundamente que o seu coração leia nestas palavras tudo aquilo que os nossos corações disseram na última reunião de conselho de turma. O meu bateu saudavelmente mais forte. Provavelmente também o seu baterá neste momento, porque sei que acredita na força da amizade, no respeito pelo outro, no amor e na alegria que S. João Bosco nos pediu para cultivarmos todos os dias. Tenho a certeza que a vida, a verdadeira vida, esse milagre, lhe saberá entregar o prémio que merecem todas as pessoas que sabem amar os outros: ser feliz.

Parabéns, um abraço para si e cumprimentos aos seus pais que estão igualmente de parabéns por terem um filho assim.

Com amizade, votos de uma Páscoa feliz e umas férias... como o José merece!

José Morais | Director Pedagógico

22 de Março de 2012. Final do 2º período. O trabalho é imenso e a escola transpira. Foi divulgado o mapa das reuniões que se chamam de turma, mas que se querem de cada um. De cada um dos alunos. De cada um dos filhos que nos confiaram. Procurámos 7F e sublinhámos com um marcador azul o 7 e o F. Gostaríamos de estar em todas as reuniões, mas estaremos apenas naquelas que o marcador azul escolheu, porque teve razões fortes para as escolher. Olhamos para uma de muitas páginas cheias de rostos. Cada rosto tem por baixo um número e um nome. Não gostamos do número, gostamos do nome, gostamos ainda mais do rosto. Desejamos profundamente que nestas reuniões se esqueçam os números, se olhem rostos e se lembrem os nomes. Os nomes de pessoas inteiras que sorriem, choram, jogam, abraçam, sonham, e não apenas pessoas que erraram ou acertaram e que, de acordo com isso, levarão um rótulo. Que pobres e frias são as reuniões onde imperam as grelhas, os impressos, os rótulos e as cruzinhas!

Centremo-nos no desabafo ao terceiro grito. O diretor de turma, ainda jovem, professor de Educação Física, com o sorriso de quem tem boas notícias para divulgar, levanta os olhos para dizer que chegou a vez do José Maria. Alguns professores aconchegam-se na cadeira, outros sorriem, outros puxam papéis para cima da secretária, outros esperam. Olhamos discretamente para todos e cada um dos professores presentes e lemos nos seus rostos uma mistura de preocupação e entusiasmo, um desejo de falar e de ouvir a que gostamos de chamar: partilha. O primeiro a falar foi o professor de educação física e diretor de turma do sétimo ano F.

“No início do período, tudo bem. Depois, com o tempo, vai ficando mais cansado, tenso, sob pressão, e vêm ao de cima alguns dos sintomas que já vão sendo menos habituais. Claro que na minha aula consegue fazer pouco, mas quer participar. Nos jogos coletivos a gestão é mais difícil porque, normalmente, a equipa onde ele fica perde. No entanto, todos os colegas o tratam com carinho e ajudam-no.”

Professora de Ciências: “Já não levanta o tampo da mesa para se esconder. Está mais responsável. Agora, quando erra nos testes, não se manifesta. Mais tarde, em casa, envergonhado, demonstra o que sabe perante os pais e o avô.”

Professora de Físico-química: “Embora por vezes tenha receio da reação que possa surgir, tenho insistido para ele ir ao quadro como os outros.”

Professora de Inglês: “Passei a ter um discurso mais duro, e o José faz. Nota-se, no entanto, aquele bloqueio. Incansáveis aqueles pais. O que eles trabalham com o filho!”

Professor de Educação Tecnológica: “Mais autónomo, mas, de facto, sente-se o cansaço. Ele não tem culpa.”

Professora de Matemática: “No final de cada aula, obrigo-o a vir dizer-me como correu a aula. O que copiou ou não. Se gostou ou não.”

Professora de Geografia: “Cada vez que se aproxima um teste, falta às aulas. Percebo a sua ansiedade, mas o facto de faltar na véspera para ficar a estudar em casa com a família, prejudica-o. Percebo também a intenção dos pais.”

Professora de Português: “Na minha aula está sempre junto a um colega que o ajuda ou o manda trabalhar. O facto de estar junto a alguém ajuda muito porque ele não gosta de decepcionar os colegas.”

Professor de História: “Nos testes muito bem, nas aulas não é bem assim. Na minha aula ainda se esconde debaixo do tampo e às vezes tem de sair da sala porque fica muito estranho. Mas é algo superior a ele. Reconheço.”

Professora de educação especial: “Que grandes vitórias! Estes professores estão a fazer milagres! Acompanhei-o no 2º ciclo. Nem imaginam a mudança!” Não consegue dizer mais nada porque fica comovida.

Nós, que nesta fase assistíamos à reunião em silêncio, apenas sorriamos e tomávamos notas num caderno de capa azul que está agora ao lado do computador onde escrevemos. Pela nossa cabeça passavam vários episódios. Uns conseguimos compreendê-los, outros não. Uns ficaram apenas na nossa memória, outros, felizmente, registámos na memória do computador. Partilhamos um desses:

Início de Fevereiro, não recordo o dia. Lá fora... chove. O edifício do 3º ciclo deixa-se molhar a cinquenta metros do meu escritório. Três toques na porta amarela com moldura de carvalho, que me separa do corredor. Um vulto encosta-se à superfície vidrada, ao lado da mesma porta. Três toques, com mais força. Disparei o trinco. Entrou o José, molhado como o edifício de onde saiu. O seu sorriso, os seus passos incertos, o seu olhar sem norte e o saco de gomas. As gomas que ele adora. As gomas que compram amigos. Jorraram os desabafos: que já havia algum tempo que não me visitava, se se podia sentar, que já não levantava o tampo da mesa, que não conseguia estar na aula de história porque tinha de estudar para o teste de Inglês do dia seguinte, que em breve teria de telefonar à mãe para o vir buscar, que gostava do meu escritório e se eu queria ouvir o sonho que às vezes sonhava. Disse-lhe que sim.

Tinha sonhado que estava no fundo de um mar imenso. De repente ficou cercado de tubarões que se aproximavam dele e que vinham de todos os lados. Eram enormes! Quando já estavam pertinho e o mundo ia acabar, surgiu debaixo dele o seu cão. Empurrou-o com toda a força para cima. Os tubarões ficaram no fundo. Acordou.

Gosta tanto do seu cão! Fica irritado quando os colegas gozam com o nome do seu cão.

Achei lindo o sonho do José. Olhei mais uma vez os seus olhos e tive pena de não conseguir ler tudo o que eles queriam dizer. Quis-lhe tanto bem naquele momento! Conte-lhe o sonho do seu cão:

O cão estava no fundo mar, cercado de tubarões gigantes. Tubarões maiores do que aqueles que atacaram o José. Estava com tanto medo que nem conseguia ladrar. Quando os tubarões se aproximavam com as suas bocas enormes, surgiu o José do fundo do mar e empurrou-o para cima. Os tubarões, assustados, fugiram. O cão acordou. Olhou à sua volta, mexeu as patas, abanou o rabo e viu que estava vivo. Apeteceu-lhe tanto lambear as mãos do José! Apeteceu-lhe tanto dar-lhe um abraço de cão!

Os olhos do José estavam muito contentes. A sua boca não conseguiu dizer nada. Olhou à volta, esperou um pouco, sorriu e disse: o sonho é interessante. Tem jeito.

Falámos dos cães que eu já tive e prometi-lhe que na próxima vez que me visitasse teria fotografias deles para lhe mostrar. Fotografias do Boris e do Gil. Agora tinha de se ir embora. Adeus professor, adeus José. As pernas que não pareciam suas, levaram-no. Lá fora, a chuva ainda esperava por ele. Não o voltei a ver naquele dia. Pensei nele tantas vezes. Hoje voltei a pensar.

2. A filtragem do ser humano – três túneis

“Ser criança é ser herói, artista, protagonista. É ser pintor, poeta e escritor. É ter a capacidade de inventar o faz de conta e viver num mundo perfeito. É viajar em fantasias, viver em contos de fadas e habitar jardins de alegria. É rir e brincar.” (Távora, 2010: 42).

Portugal, em 1989, aprovou um acordo chamado Convenção sobre os Direitos da Criança. Em 1990 o acordo passou a ser lei. O seu grande objetivo era e é assegurar que TODAS as crianças tenham as condições necessárias para se desenvolverem de forma harmoniosa, saudável e feliz. Com este sentir, sem nos afastarmos do contexto onde trabalhamos o qual serve de palco para esta reflexão, partilhamos preocupações incómodas, barreiras que gostaríamos de derrubar e bandeiras que nos orgulhamos de levantar.

2.1. Túnel de entrada

Nem todos os jovens que o desejam podem morar na escola onde nós moramos. Temos conhecimento de que o mesmo acontece em muitas outras escolas. Este tema é de tal pertinência e tem tantos tentáculos que, apenas ele, poderia facilmente preencher imensas

páginas de reflexão e provocação. Centremo-nos apenas nos principais bilhetes para o primeiro túnel, o túnel de entrada.

Não passa no primeiro túnel quem não tiver possibilidade de pagar para lá entrar. Temos muita dificuldade em aceitar o facto de, logo aqui, chamarmos mentira à verdade. Aquela verdade que nos inspira e que repetimos vezes sem conta para os outros e para nós próprios: o ser humano, a sua singularidade e a sua riqueza. Mas não esta riqueza. Algumas exceções deixam-nos o conforto de podermos afirmar que fazemos o que podemos para minimizar esta realidade. Mas, dentro de nós, todos os anos ficam marcas de feridas mal curadas. E doem muito essas feridas porque nelas continuam a bater corações de jovens e crianças que nós dizemos que amamos pelo que são e não pelo que têm. Gostaríamos de alargar as portas deste túnel para que nele coubessem todos os seres humanos que nele quisessem entrar, independentemente da bagagem que trouxessem e do bilhete que conseguissem comprar. O túnel está mais arejado, mais iluminado, trabalharam-se as acessibilidades, mas mantém as grades. Grades mais leves, menos agressivas, mas que continuam a ser grades e por isso impedem a passagem. Muitos seres humanos mais desfavorecidos, conhecendo a marca que essas grades podem deixar no olhar e no coração, preferem ignorar a possibilidade de ali entrar. Esta é uma mágoa que nos acompanha, sobretudo no início de cada ano letivo.

Mesmo com bilhete, também não têm passagem garantida no primeiro túnel aqueles que Deus quis que não fossem moldados pela mesma forma, e que procuram na escola um cais de abrigo. Esta ferida dói ainda um pouco mais, porque nesta zona somos particularmente sensíveis. Uma vez mais ancoramo-nos no conforto que nos deixa o facto de, ano após ano, estendermos novos tapetes para pessoas mais frágeis não escorregarem, entrarem com dignidade e segurança e não se magoarem nas grades de entrada. Ano após ano, temos educadores mais sensibilizados, mais bem preparados, com braços maiores para abraçarem todos os que entram no primeiro túnel. Todos. E cada um. Reconhecemos, no entanto, o quão longe ainda estamos da verdade transmitida nesta frase de Esperança Jales Ribeiro: “Este objetivo da inclusão demonstra uma evolução da cultura ocidental, defendendo que

nenhuma criança deve ser separada de outras por uma diferença ou necessidade especial” (Miguéns, 2008: 37)⁶. “Nenhuma criança”. É esta a diferença.

Todos os irmãos, independentemente das suas características, têm entrada garantida no nosso colégio. Relativamente aos outros, o túnel aperta-se e dificulta-lhes a entrada. O bom senso e a sabedoria que a experiência nos vai oferecendo, dizem-nos, infelizmente, que ainda é necessário prudência. Temos consciência de que não deveríamos fazer esta afirmação. O coração não concorda com ela e, como sabemos há muito, “a educação é um assunto do coração⁷.” No entanto, para que se possa dar a cada ser humano a atenção que verdadeiramente merece, é necessário, em primeiro lugar, que os educadores queiram, acreditem profundamente nisso e tenham uma formação sólida a nível humano e profissional que lhes confira a sabedoria e serenidade necessárias para gerirem de forma construtiva as vitórias e as angústias que uma aposta desta natureza acarreta consigo. Significa que as políticas não têm qualquer interesse se os educadores não tiverem o olhar educado para verem os alunos como Seres Humanos, independentemente das suas características físicas, mentais, intelectuais e sensoriais. Para além do que acabamos de dizer e no contexto desta reflexão, é igualmente indispensável a criação de departamentos nas escolas com pessoas especializadas. É ainda fundamental que estes especialistas trabalhem diariamente ao lado dos outros educadores, evitando mais um compartimento isolado, voltado para o umbigo dos profissionais e mergulhado no mar turvo da burocracia. Em nosso entender, só assim será possível o desenvolvimento integral de todos e de cada um, transformando numa enorme vantagem, aquilo que alguns apontam como uma enorme desvantagem: “a terceira razão invocada para a existência de dois sistemas paralelos tem a ver com a organização da própria escola e a necessidade de preservar o sucesso das crianças ditas normais, não as misturando com crianças anormais e não as submetendo ao abaixamento de nível supostamente implicado nesta mistura.” (Baptista, 2008: 181).

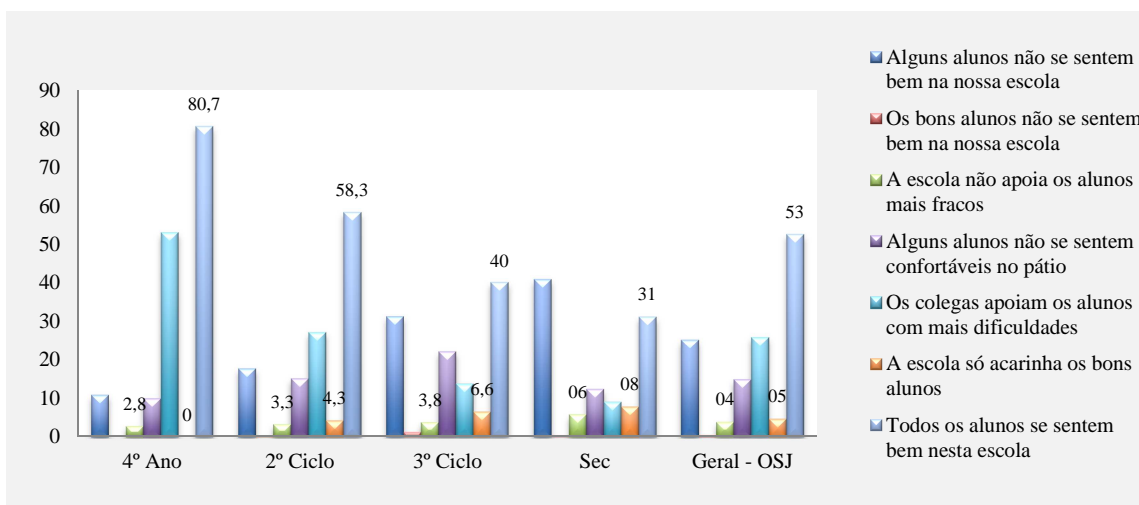
Respeitando particularidades e diferenças, o ensino terá de ser acolhedor para todos, livre de preconceitos, não havendo a necessidade de o rotular de especial ou regular, apenas educar para a vida. É urgente sensibilizar os profissionais para o evidente. Ainda se pensa que se faz um favor, ou um sacrifício, algo de extraordinário. Mudança de cultura e

⁶ Comunicação de Esperança Jales Ribeiro (22 de Novembro de 2006)

⁷ S. João Bosco

mentalidades. Todos deverão ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. A inclusão não pode ser um conceito para ser posto em prática, é algo que deve ser introduzido numa consciencialização social. A verdade é que o processo de inclusão é muitas vezes complexo e, por razões diferentes, mal entendido por professores, funcionários, pais, e, com alguma frequência, pelos próprios alunos.

No contexto onde trabalhamos, durante o ano letivo de 2011/2012 os alunos do 4º ano ao 12º ano responderam a um inquérito que, entre outros, nos forneceu os seguintes dados:



Verificamos que 53% deste universo considera que todos os alunos se sentem bem na escola. Verificamos, contudo, que à medida que os alunos vão crescendo, vai diminuindo a percentagem daqueles que assim pensam. 4% do total dos alunos inquiridos considera que a escola não apoia os alunos mais fracos. No entanto, verificamos agora que, à medida que os alunos vão crescendo, vai aumentando a percentagem dos que assim pensam. Confirmando esta ideia, constatamos que nenhum aluno do primeiro ciclo considera que a escola só acarinha os bons alunos. Mas, à medida que vão crescendo, mais alunos pensam o contrário, chegando aos 8% no ensino secundário. Assim, no ensino secundário, onde a parte académica tem particular importância, 6% dos alunos considera que a escola não apoia os alunos mais fracos e 8% considera que a escola só acarinha os bons alunos. Embora as percentagens não sejam elevadas, considerando que também os alunos mais fracos, neste contexto, são em percentagem reduzida, há grandes probabilidades de a esmagadora maioria dos alunos com dificuldades sentirem que a escola não lhes dá o apoio que necessitam.

Também o desempenho a nível académico tem algum peso na passagem deste túnel. No entanto, nesta escola, os testes de admissão para o quinto e sétimo anos significam apenas mais um elemento para a ponderação final, uma vez que, até ao momento, sempre foram muito mais os candidatos do que as vagas existentes. Hoje orgulhamo-nos de, no momento de admissão, olharmos muito mais para a pessoa do que para o aluno. Muito mais para os pais do que para os encarregados de educação. É importante ainda referir que, num colégio desta natureza, esta postura significa abraçar uma política anti-ranking. Acreditamos, no entanto, que vivendo, ensinando e aprendendo numa escola mais verdadeira, porque mais inclusiva, todos crescerão de forma mais saudável e mais de acordo com os valores que tantas vezes se dizem mas poucas vezes se praticam, do que proporcionar aos nossos filhos uma redoma onde estão protegidos, mas engaiolados.

2.2. Labirinto

A escola deve ser uma ampla avenida, plana, com árvores e bancos onde se pode descansar, conversar, ou simplesmente estar. Nessa avenida os semáforos não existem, porque nela apenas circulam pessoas. Como é plana e sem barreiras, as cadeiras de rodas, os patins ou os ténis deslizam sem esforço. Uns correm, outros andam, mas vão na mesma direção e ninguém se sente perdido, ou atrasado, ou excluído. Nessa avenida existem fontes de água potável, onde todos bebem consoante as suas necessidades. Alguns param nessas fontes porque são revigorantes. Nela circulam enfermeiros, médicos, psicólogos, professores, filhos e pais. Todos pessoas. Cada uma dessas pessoas não tem outro objetivo que não seja dar o seu melhor para ajudar cada um a chegar onde deve chegar, e a ser o que deve ser.

Por vezes, ao olharmos para a nossa escola, em vez de uma avenida encontramos um engenhoso labirinto, cujo objetivo é tornar complexo e longo, um percurso que poderia ser curto e natural. Alguns chegam ao fim com facilidade, outros com dificuldade atingem esse mesmo fim, alguns perdem-se, outros desistem, outros são obrigados a voltar atrás para recomeçar, com o rótulo de quem não conseguiu.

“O “chumbo” (retenção) é, em princípio proibido por lei; pode excepcionalmente ser proposto, mas tem sempre de ser aceite pelo aluno e pela família. Em contrapartida são

organizados sistematicamente grupos de apoio para os alunos que manifestam dificuldades numa ou noutra disciplina, e é colocado na sala um professor assistente para os ajudar.” (Robert, 2010: 13-14).

Ao olharmos para a nossa escola custa-nos admitir que existem túneis para nela entrar. Custa-nos ainda mais admitir que colocamos constantemente obstáculos para filtrar a passagem a algumas pessoas que nela já conseguiram entrar. Toca-nos particularmente a forma como David Justino descreve esta realidade, referindo-se a ela como uma “corrida de obstáculos.”

“a imagem que melhor traduz este comportamento é a de uma corrida de 400 metros barreiras em que à passagem de cada barreira há sempre alguns atletas que caem e ficam para trás. À medida que se avança na corrida, maior número de atletas são eliminados após a passagem da barreira. Os que chegam à meta são, assim, uma minoria relativamente àqueles que iniciaram a corrida... O problema está em saber porque é que o trajeto escolar tem de ser uma “corrida de obstáculos” colocados em determinados pontos do percurso e não uma progressão natural, tanto quanto possível capacitadora das qualidades “atléticas” dos “corredores”... O sistema de ensino, tal como está organizado, não é vocacionado para promover o sucesso dos alunos, mas tão-só para os seleccionar ao longo do seu trajeto educativo.” (Justino, 2010: 63).

2.3. Túnel de saída

As escolas, pelas razões que todos conhecemos, criam naturalmente mecanismos de resposta para apoios a alunos com fraco aproveitamento. É compreensível e, como nos parece evidente, estes apoios continuam a fazer sentido. Temos, no entanto, verificado ao longo dos últimos tempos que, no ensino secundário e no nosso contexto, os alunos que mais sofrem são os que são vulgarmente considerados como muito bons ou excelentes. Acontece que estes têm metas muito mais ambiciosas e, para as atingirem, necessitam com frequência de tanto ou mais apoio que os outros. Se tal não acontecer, corre-se o risco de serem estes os excluídos! Frequentemente alunos brilhantes vivem angustiados com receio do último túnel. O receio de não conseguirem atingir o muito que é necessário para poderem entrar na universidade, no curso pretendido. Frequentemente alunos mais fracos, com médias mais baixas entram nos cursos que pretendem e são muito mais felizes do que aqueles.

Festa de Finalistas 2012

Convoquei hoje, para este momento, o verbo agradecer. Penso que é a altura de o conjugarmos como forma de fortalecermos os laços⁸ que este ano prometemos criar. Laços entre nós, com os outros, com D. Bosco e com Deus.

Salesianos. Lá fora é mais um nome pelo qual respondemos. Cá dentro, uma família que mora connosco e em cada um de nós. Salesianos. A vida que D. Bosco vos deu vai moldando serenamente pedacinhos das nossas vidas. E nós deixamos, porque é bom. Sr. padre Provincial dos Salesianos em Portugal; Sr. Padre Simão Cruz, diretor da Obra Salesiana das Oficinas de S. José; Dr. Orlando Camacho, nosso administrador; Sr. Padre José Cordeiro nosso querido pastoralista, OBRIGADO.

Pais e mães aqui presentes. Entregaram-nos os filhos. Os melhores filhos do mundo, porque são os vossos. Mas nossos também. Sei que a velocidade do tempo quase vos apanhou distraídos. Eles cresceram tão depressa! E tornaram-se assim! Os mais bonitos do mundo porque são os vossos filhos e nossos filhos também. Partilhamos o vosso orgulho, a lágrima que está escondida, partilhamos também aqueles receios que aqui estão e não foram convidados mas, sobretudo, partilhamos a vossa esperança porque o cais é já ali e D. Bosco vai no barco deles. E porque é tão bom este sentimento partilhado, estimados pais, OBRIGADO!

Agradeço a dedicação dos educadores deste colégio que contribuíram para a formação humana e académica dos jovens que hoje homenageamos. Permitam-me uma referência particular ao Sr Director do ensino secundário. Sabemos que este homem mora perto de D. Bosco e isso nota-se, prof. Manuel Carlos!

Tantas vezes acordámos a palavra amor. Tantas vezes sublinhámos a importância de amarmos estes jovens e de eles se sentirem amados. Na verdade, em educação, talvez isso baste. Ou não. Esforçámo-nos, queridos finalistas, espero que isso se tenha notado. Muitas vezes estes educadores vos pediram e continuam a pedir o vosso melhor. Também a estes educadores foi pedido o seu melhor. Espero que se tenha notado. Se tal não aconteceu, por favor não o digam agora, mas será altura de nós pedirmos publicamente perdão. Amigos educadores, OBRIGADO!

Queridos finalistas, é tão fácil e tão difícil falar hoje para vós. Fácil porque simplesmente basta olhar, e o coração começa a dizer. Difícil porque as palavras, de repente, parece que ficam mais pobres e perdem a coragem, com receio de traírem o que é bem maior do que elas.

Estes finalistas, por boas razões, deixam marcas nesta escola salesiana. Estes finalistas, por boas razões já contagiaram com o seu exemplo os finalistas do próximo ano. Estes finalistas, por boas razões deixam-nos uma mistura de orgulho, alegria e saudade.

Tenho pena que à entrada na universidade vos reduzam ao 16.3 ou ao 18.4. Tenho pena que na seleção dos candidatos para os vários cursos, ninguém vos pergunte que

⁸ Criar Laços (tema do ano 2011/2012)

instrumento tocam, que desporto praticam, onde fizeram voluntariado, que artigos escreveram, que encontros frequentaram, que atividades organizaram, em que igrejas rezaram. Espero, no entanto, que a vossa vida revele naturalmente os valores que habitaram connosco nesta escola de D. Bosco. Agora, porque quero revelar bem alto os segredos que nos quiseram contar, ancorei-me na vossa sinceridade e roubei-vos as palavras⁹:

“Se não fores feliz, vou-te bater! Não andei nisto tudo para nada”, escreveu o Alexandre Veiga para si próprio.

“Muito obrigado aos salesianos por me terem ajudado a crescer e não terem ficado só a assistir”, escreveu o António Neves.

“Sinto que esta escola me ensinou a ser persistente e trabalhador, características que levarei comigo para a faculdade e para a vida”, escreveu o Bernardo Pinheiro.

“Foi aqui que aprendi que a nossa vida não se resume simplesmente a pedir. Se pedimos, agradecemos”, escreveu o Duarte Barreto.

“Acima de tudo, penso que a escola me transmitiu ao longo destes anos a mensagem de amor de que D. Bosco falava”, escreveu Guadalupe Gomes.

“Hoje sei que o que existe de mais rico neste colégio é o espírito humano e solidário demonstrado por cada um de nós, ” escreveu a Marta Fialho

“Nos salesianos fiz amizades que espero levar comigo para sempre, de pessoas que nunca me falharam e sempre se dispuseram a ajudar-me com um sorriso”, escreveu Constança Mendes.

“ Aqui cresci muito, e aprendi a escolher o meu caminho de acordo com os dons que Deus me deu e me demonstra diariamente ” escreveu Leonor Pinheiro.

Poderia continuar. Apetecia-me continuar.

Meu Deus, OBRIGADO!

José Morais / Diretor Pedagógico

3. Saudáveis diferenças

“Todos temos limitações. Deixarmo-nos definir por alguma em particular é a pior limitação que podemos ter” (Miguéns, 2008: 41). Habitámos-nos a ter um respeito enorme por tudo o que é humano e pelas vidas que se vão cruzando connosco, vidas essas mais ou menos frágeis como as realidades onde habitam ou por onde passam. Essas vidas, quando temos a sabedoria e a capacidade de as saber ver por dentro, deixam-nos sempre marcas e

⁹ Excertos dos testemunhos dos finalistas no *Tudo sobre nós* (livro do ano 2011/2012)

sinais que nos ajudam a compreender melhor outras vidas e, por vezes, a nossa própria vida. Sabemos, porém, que as realidades e as histórias que convivem com essas vidas têm muitos lados. Habitúamo-nos a olhar para todos os lados ao mesmo tempo, com a consciência de que apenas conseguimos ver um ou alguns, que podem não ser necessariamente os mais significativos. Como educadores, temos diariamente de fazer o esforço para acordarmos esta realidade e para esta realidade.

Num dos capítulos deste trabalho falamos longamente sobre a singularidade do ser humano. Pois bem, na escola, cada criança ou jovem corre sérios riscos de entrar num “campo de treino” (Postman, 2002: 47) que o pode levar para demasiado longe de si mesmo. Por outro lado, importa ainda ter consciência de que cada ser humano é um “produto inacabado”, uma pedra que, conforme vai sendo trabalhada pelo escultor, revela aos poucos o rosto que ele soube ou quis revelar. Um dos muitos possíveis rostos que aquela pedra poderia gerar, dependendo apenas das mãos e da sensibilidade do escultor. É este potencial que existe em cada ser humano e que cabe ao educador saber aproveitá-lo. “O homem que se reconhece incompleto acaba por descobrir que o seu inacabamento sendo, por um lado, uma lacuna, constitui, por outro lado, uma grande virtualidade, pelo mundo de possíveis que oferece e abre.” (Cunha, 2005: 18).

Nesta linha de pensamento, recordamos a importância de se ajustar o currículo aos contextos sociais e culturais onde cada escola está inserida; Dar lugar à verdadeira autonomia pedagógica das escolas. Recriar o currículo e o programa em função dos alunos; a importância de os professores centrarem a leção mais nas atividades do que nos conteúdos, relacionando estes últimos com os contextos de vida dos alunos¹⁰; tornar evidente, sempre que possível e oportuno, a “empregabilidade social e pessoal dos conhecimentos”; incorporar as inteligências múltiplas no desenvolvimento do currículo e, como ouvimos Matias Alves dizer repetidamente, relevar a importância das aprendizagens emocionais, relacionais, cognitivas, para a vida. Simplesmente, ligar o ensino à vida.

Para finalizarmos esta parte onde tentámos acordar uma realidade que é nossa, mas não apenas nossa, olhando para ela com as lentes do educador, escolhemos mais um pensamento de Neil Postman que nos obriga sobretudo a olharmos para nós próprios. Foi

¹⁰ Este aspeto é tanto mais importante quanto mais jovens são os alunos.

por isso mesmo que o guardámos: “Tempos houve em que educadores adquiriram notoriedade por nos darem razões para aprender; hoje em dia tornam-se famosos por terem inventado este ou aquele método.” (Postman, 2002: 43).

PARTE III – A PESSOA

1. Da pessoa e da poética da pessoa

“Por vezes sustento que um poema... é uma pessoa, um ser humano vivo”

Fernando Pessoa

Este meu teu céu¹¹

Nunca me apeteceu pintar o céu de outra cor!

Quando se veste totalmente de azul, gosto do azul. Perfeito, protetor, sublime, sabe-me àquele abraço longo e reconfortante que apetece eternizar. Se é cinzento, adoro o cinza que se instala para vestir, esconder e abrigar por algum tempo aquele azul. Quando aparecem as nuvens desarrumadas e dispersas, brinco com elas como brincava quando eu brincava; mas se o céu é negro e parece querer antecipar a noite, surge um quase-medo com mistura de prazer, na espera das feridas provocadas por relâmpagos afiados que cortam sem doer; o vermelho, o vermelho inspira; a mistura do pôr-do-sol reconforta; o arco-íris faz-me sorrir; céu de algodão é jogo e surpresa. Quando este céu decide abrir portas e janelas para deixar sair inesgotáveis raios de luz, acompanho as nuvens com os olhos, cortinas corridas, que o vento lentamente voltará a abrir. Depois, a noite, essa noite que acorda outro céu sobre o qual as palavras nem querem falar, porque só os olhos o sabem dizer.

Meu Deus, como eu gosto do céu!

Gosto do céu todos os dias. E noites. Vejo o longe mais perto, vejo o perto tão longe! Um céu que é só meu quando é teu e de todos e me lê sempre o poema que eu preciso de ouvir. De hoje em diante, nesta escola, quero olhar para ti como se olhasse para o céu. Talvez assim tu gostes de mim como eu gosto do céu.

J Morais

¹¹ Editorial in *Onda Jovem* (jornal da escola): Nº 222, 12 de maio de 2010.

“No inquérito instaurado sobre si mesmo, o homem descobre-se ora como ser maravilhoso e terrível, ora como verme humano, ora mesmo como ser quase divino. Habita-o o paradoxo que o faz reconhecer-se monstro e prodígio, grandioso e finito. Maravilha de Sófocles, paradoxo de Pascal, eis o homem com os seus lugares recônditos que só o rito ou o mito conseguem atingir com a sua poética” (Cunha, 2005: 13).

“ O segredo na procura de um conceito de pessoa consiste, em grande parte, em que não nos precipitemos quando falamos do inefável” (Mounier, 1976: 83). Ora o inefável, como sabemos, é o que não se pode exprimir pela palavra. O encantador, diríamos nós. Como o espaço educativo é povoado de pessoas, vive delas, com elas e para elas, poderíamos dizer com uma mistura de provocação e convicção, que por dentro da escola, no coração da escola, nas veias da escola, corre o sangue vivo da pessoa. A pessoa que é um ser em relação, particularmente no contexto educativo. “Toda a pessoa é termo ou origem de uma relação” (Gilot, 1985: 362). Uma relação que se quer saudável, uma relação ancorada no amor e na amabilidade. Não nos cansaremos de repetir que o amor e a amabilidade devem ser o óleo que envolve e protege todas as peças de uma organização composta por seres humanos. “O que eu buscava não era a estética dos espaços de fora; era a poética dos espaços de dentro”. As palavras são de Rubem Alves¹². Fica-nos a sensação de que andamos para trás, de que perdemos o essencial, quando se esquece ou desvaloriza esta dimensão.

“Tanto o ser humano como a actividade educativa permanecem estruturalmente, em todos os tempos, abertos e cheios de possibilidades imprevisíveis” (Fullat, 1999: 209). Entendamos a poética, no contexto deste trabalho, como a parte inspiradora e sublime da pessoa. O segredo de tantos segredos que cada ser humano guarda consciente ou inconscientemente, mergulhados numa imensidão de possíveis que aguardam olhares atentos, capazes de os despertar, confrontando-os com o potencial e os seus limites.

A propósito da dimensão humanizante da pessoa, escreve D. Manuel Clemente:

“Não há vida sem convivência, nem singularidade sem reciprocidade. Foi esse o maior ganho do conceito de “pessoa” – precisamente de ser em relação –, tão acentuado no século XX contra totalitarismos e individualismos de várias espécies. A “minha” verdade acontece como descoberta e incremento do que nos é comum a todos, como

¹² http://marcianassrallah.com.br/?page_id=643

base donde partimos e como topo que só em conjunto atingiremos, num verdadeiro diálogo que me revele além de mim, pela humanidade que também nos outros se desvenda, atentamente, pacientemente. Daqui a eminente dimensão educativa do espaço aberto de proposta e avaliação, que toda a escola deve ser, para cumprir a sua indispensável dimensão humanizante” (Clemente, 2010: 34-35).

Depois, sempre, o desejo de ser feliz. Sim, continuamos a falar da escola. É importante que os educadores o digam uns aos outros, o digam aos alunos e que sejam capazes de o dizer aos pais no início de cada ano letivo: trabalharemos para que os vossos filhos obtenham bons resultados escolares mas, sobretudo, para que sejam felizes.

“... Chegámos à conclusão que as escolas eficazes em termos académicos são normalmente aquelas em que os alunos também são felizes, gostam da escola, têm um bom relacionamento com os professores e acreditam que os professores querem o melhor para eles. É evidente que não é assim tão simples, mas digamos que faz todo o sentido considerar que estes aspectos em conjunto – o sentir-se bem e ter um bom desempenho – são uma combinação importante” (MacBeath & al 2005: 130).

José Luís Peixoto, num dos seus muitos textos inspiradores, em *Abraço*, diz em determinada altura: “Senti-me quase feliz”. Pois bem, quando a palavra feliz é demasiado grande, lutemos por ter alunos “quase felizes”. E educadores também. Importa no entanto clarificar que, em nossa opinião e no contexto do trabalho nas organizações educativas, a felicidade dos educadores é, sobretudo, uma consequência, enquanto que a felicidade dos alunos e das “pessoas que moram nesses alunos”¹³ é um objetivo. Lembramos uma vez mais a experiência finlandesa e a importância da pessoa no seu sistema educativo: “É importante constatar que o sistema finlandês está em constante evolução e está enraizado numa cultura que valoriza cada pessoa” (Robert, 2010: 35). E ainda:

“O que se deve colocar no centro do sistema, o aluno ou os saberes? A Finlândia escolheu, sem dúvida alguma, a primeira solução... um aluno feliz, livre para se desenvolver ao seu ritmo, adquirirá mais facilmente os saberes fundamentais, não tem nada a ver com uma qualquer utopia de pedagogo iluminado... A Finlândia respeita profundamente os saberes, mas respeita ainda mais os indivíduos que os hão-de adquirir” (Robert, 2010: 9).

Neste contexto convoquemos uma vez mais Joaquim Azevedo e as suas Sábias palavras:

¹³ Esta expressão é de Joaquim Azevedo. Roubámo-la, com gratidão, porque a achamos particularmente feliz.

“A pessoa humana, cada pessoa, está no centro da educação e de toda a atividade humana: em cada criança ou jovem, em cada aluno, em cada idoso com que deparamos, mora sempre uma pessoa única, com uma dignidade inalienável e inviolável, que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social. A educação é essa “arte” de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que só se *des-envolve* verdadeiramente na medida em que é acolhida pelo outro, que lhe dá em si um lugar” (Azevedo, 2011: 124).

2. Da singularidade do ser humano

Apresentamos hoje o Plano de Atividades para o presente ano letivo. Atividades com objetivos, inseridas em áreas formativas e disciplinares com objetivos, numa escola também ela felizmente com objetivos. Não temos nada contra os objetivos, pelo contrário, é claro para todos que, se não soubermos para onde queremos ir nunca conseguiremos encontrar os caminhos para lá chegar.

*Gostaríamos, no início deste ano letivo, que paralelamente a esses objetivos mais ou menos claros, escritos ou simplesmente desejados, cada um de nós olhasse para si... e gostasse de si, porque é único; olhasse para os outros... e gostasse dos outros porque são únicos; olhasse para nós... e gostasse de nós porque **somos comunidade**¹⁴.*

Depois, em segredo e enquanto as qualidades e defeitos se abraçam longamente à frente dos nossos olhos, cada um de nós, abraçando ainda aquele abraço, sussurre simplesmente para si mesmo: Vou dar o meu melhor.

Para mim, Diretor Pedagógico desta escola que amo, porque vos amo, isso basta-me.

Lisboa, 06 de Outubro de 2008

“... tu existes, és aquilo que desde o nascimento estás convidado/a a ser: mulher e homem de rosto limpo, claro e único, projeto de plenitude. Rosto-janela jamais repetível na história da humanidade” (Azevedo, 2011: 127). Acrescenta Saint Exupéry, “se eu sou diferente de ti, longe de te usar, eu posso aumentar-te, eu posso melhorar-te, eu posso enriquecer-te”. E diz António Nóvoa:

“ Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (Nóvoa, 2000:17).

¹⁴ “Ser Comunidade”, tema do ano letivo 2008/2009

Dia trinta de Agosto de 2012. Entramos na escola e sentimo-nos incomodados pelo silêncio que tanto prezamos. Este não é um silêncio reconfortante, um silêncio onde tudo existe menos o som que se afastou. Este é um silêncio vazio, onde não existe vida, um silêncio incomodado e incomodativo onde apenas se sente ausência. Olhando para as paredes, para as salas, para o mobiliário, percebemos que não são nada. Este silêncio e esta ausência dizem-nos claramente que a escola são as pessoas que ali não estão. Dizem-nos que os espaços poderiam estar cheios de tudo o que as pessoas gostam e desejam, mas, se elas lá não estiverem, o coração da escola não bate, a escola está morta. Pessoas. Pessoas que trazem consigo uma história diferente, a mais importante, porque é a sua, onde cada uma é a personagem principal. Pessoas que trazem uma mochila às costas e, por isso, correm o risco de olhos desatentos verem alunos, antes de verem uma pessoa com uma mochila às costas. Olhos mais atentos conseguem ver que muitas mochilas são iguais, mas as pessoas que as transportam são todas diferentes. E vêem apenas o que os olhos vêem, porque se conseguissem ver um pouco daquilo que os olhos não vêem, aí começaria a brilhar a riqueza que é cada um e, provavelmente, brotaria também o desejo de a descobrir mais e mais. A riqueza do ser humano. “O tesouro escondido que é cada pessoa” (Azevedo, 2011: 158). Sem a sua mochila que o transforma em aluno.

São seres humanos que chegam à escola todos os dias. Uns de *t shirt* outros de gravata, uns de cabelo negro ou loiro, outros de cabelo branco ou sem ele, uns a correr outros a andar. Seres humanos. Seres humanos que nunca se poderão nem deverão despir de si. Seres humanos que, independentemente da qualidade da mochila ou do seu conteúdo, são a riqueza maior porque são únicos.

“Os alunos [...] não são peças de um qualquer máquina educacional, sujeitas às regras da competição e objetos de mercado e sujeitos de consumo, são seres humanos únicos que devem merecer o melhor acolhimento e a melhor hospitalidade, no respeito pela sua singularidade...” (Azevedo, 2011: 125).

Esta singularidade tem de ser recordada diariamente. Cada educador, no momento de chamar cada aluno não pode esquecer que é aquele e não mais um. “ Faço a chamada a olhar para os meus rufiões, acolho-os, nomeio-os um a um, e ouço a resposta que me dão. Um breve instante em que o aluno se convence de que, para mim, ele existe, é ele e não outro” (Pennac, 2009: 117).

Temos aprendido ao longo dos anos – sobretudo ao longo dos anos em que quisemos aprender – que, quando “ganhamos” a pessoa, “ganhamos” o aluno. Temos aprendido também que tendo melhores pessoas, temos melhores alunos. Pessoas interessantes e interessadas moldam e revelam alunos interessantes e interessados. É claro que também nos referimos aos resultados escolares, obviamente, mas, antes disso e para que isso aconteça, referimo-nos sobretudo à tomada de consciência de que o importante é que cada um dê o seu melhor. E, como se diz, a quem dá o seu melhor ninguém lhe pode pedir mais. Recordamos uma frase de Estanqueiro:

“Cada aluno tem de ser desafiado a desenvolver gradualmente as suas potencialidades, a competir consigo mesmo, a dar o seu melhor, na conquista do sucesso. O importante não é ser melhor do que os outros, é ser o melhor possível” (Estanqueiro, 2010:16).

E ainda: “É injusto obrigar todos os alunos a realizar as mesmas tarefas, da mesma maneira, ao mesmo tempo. Tal como os professores são diferentes no modo de ensinar, também os alunos são diferentes no modo de aprender” (Estanqueiro, 2010:14).

“Toda a ação socioeducativa deve criar as condições para a irrupção dessa história e dessa vida interior, pois cada pessoa já é detentora de um saber e deve poder continuar a aprender a desenhar a sua história, num ambiente aberto, de confronto com os outros, de estímulo e de *re-conhecimento*” (Azevedo, 2011: 226).

A atenção à pessoa, aos seus interesses ou desinteresses, à sua boa ou má disposição à sua presença ou à sua ausência, ao seu sucesso ou ao seu insucesso torna o olhar e o coração mais doces. Evidencia naturalmente um aluno que se esforça por não querer dececionar a pessoa e o professor que lhe quer bem. Neste contexto costumamos falar de motivação. Pois bem, chamemos-lhe assim.

“Para os professores que se interessam verdadeiramente, o aluno enquanto pessoa é tão importante quanto o aluno aprendiz, e esse respeito pela pessoa poderá ter como resultado uma maior motivação para aprender” (Day, 2004: 37).

Lembramo-nos facilmente de cartas, telefonemas ou mensagens de correio eletrónico que, ao chegarem inesperadamente a casa tocam o coração da pessoa e da família dessa pessoa. Tornou-se claro para nós que a pessoa a quem na escola chamamos aluno, é muito sensível à palavra amiga que lhe chega a casa: Parabéns pelo teu aniversário; desejo as melhoras da mãe; fiquei sensibilizado com a tua intervenção; não te esqueças que este fim

de semana deves descansar, praticar *surf*, tu mereces porque deste o teu melhor; hoje não compreendi a tua atitude, provavelmente trazias de casa um problema mais pesado que eu não vi; desculpa por não te ter dado a atenção que tu merecias, gostaria de conversar contigo amanhã; obrigado por me fazeres sentir que vale a pena ser professor...

Esta atenção à pessoa e à sua singularidade tem de ser vivida, lembrada e relembada. Também entre os adultos que habitam na mesma escola. Entre todos. E todos são especiais.

“Cuando se habla de “educación especial” creo que se produce una tautología. ¿Puede haber educación que no sea especial, que no refiera a cada niño en particular? O es especial o no es educación. El riesgo está en pensar que la diversidad afecta solamente a aquellos niños con alguna deficiencia como la invidencia, la sordera, el síndrome de Down, la espina bífida... Como si el resto constituyese un grupo homogéneo, idéntico. No. Cada niño es único, irrepetible, irremplazable. No existe ese “alumno tipo medio” al que nos solemos dirigir cuando hablamos o cuando evaluamos”.¹⁵

Ao optarmos pelo modelo “relatório reflexivo” agradou-nos particularmente a possibilidade de podermos partilhar testemunhos e vivências concretas do dia-a-dia do educador. Este modelo obrigou-nos a olhar pelo retrovisor e a refletir sobre a eficácia daquilo que fizemos e dissemos ao longo destes últimos anos de trabalho. A par de muitas angústias e derrotas, olhando para trás, fica-nos o conforto de continuarmos apaixonados pela educação, e a gostarmos de alguns registos que encontrámos no baú. O DPNE (Departamento de Psicopedagogia e Necessidades Educativas), do qual falaremos em detalhe noutra capítulo, é um departamento com uma ligação muito forte ao nosso escritório e usa umas lentes semelhantes às nossas. Partilhamos aqui, com prazer, a mensagem enviada em 14.04.2011:

Queridos Membros do DPNE

Tenho repetido com alguma frequência, que o DPNE é um organismo fundamental na condução desta escola para um lugar cheio de lugares. Lugares confortáveis para todos os seres humanos. Lugares singulares, como singulares são os seres humanos. Lugares que se adaptam e aperfeiçoam, como se adaptam e aperfeiçoam os seres humanos.

Reconheço o vosso esforço para que este assunto não se resuma a palavras, mas se torne verdade. Verdade visível. Assim, agradeço profundamente a presença activa do António, Idalina, Mariana, Rosário e Mafalda nos conselhos de turma.

¹⁵ Santos Guerra, *Em louvor da diversidade*, publicado em 12 de Novembro de 2011. <http://terrear.blogspot.pt/2011/11/em-louvor-da-diversidade.html>

Das reuniões em que consegui estar presente e das conversas com alguns diretores de turma e diretores de ciclo, recolhi satisfação pela vossa presença e pelos vossos contributos. Oportunamente espero a vossa avaliação relativamente a este processo de trabalho colaborativo e de crescimento individual e coletivo.

Obrigado. Obrigado, amigos. Desejo que este investimento vos/nos traga um retorno gratificante e que contribua para, cada vez mais, nos sentirmos realizados humana e profissionalmente.

Com estima,

José Morais / Director Pedagógico

3. Da educação integral

Recorrendo uma vez mais ao texto inspirador de Santos Guerra, na crónica acima citada sobre educação especial, sentimos necessidade de levantar a mesma interrogação, no contexto da educação integral: falamos tanto de educação integral. Poderá haver educação que não seja integral? Ou é integral ou não é educação. Esta deve ser uma preocupação bem presente todos os dias nas nossas escolas. Nunca poderemos chamar educadores a pessoas que não estejam bem sensibilizadas para esta questão, ou que a ignorem no seu relacionamento diário com os alunos, dentro e fora da sala de aula. Temos consciência de que a educação integral da pessoa tem uma tendência natural para viver no mundo dos documentos que enfeitam as paredes da escola, não se valorizando suficientemente a singularidade e a riqueza de cada ser humano.

Temos aprendido na instituição onde trabalhamos que a nossa atenção deve centrar-se em primeiro lugar na pessoa. De uma forma ou de outra, durante este trabalho, teremos de visitar dezenas de vezes esta palavra. Pessoa. A pessoa toda. Nas suas várias dimensões. As escolas que desprezam, ou colocam em segundo lugar esta preocupação arriscam-se a formar coxos. “[...] a educação integra a ideia de formação global do homem, da qual as formações especializadas e o próprio ensino são apenas partes” (Reboul, 1984:61). De facto, só nos é legítimo falar de educação se tomarmos o termo no seu sentido integral, porque “mutilá-la é mutilar o homem” (Reboul, 1971:11 in Cunha 2005: 28). Esse homem frágil e poderoso, sábio e ignorante, nobre e miserável. Esse homem inteligente e com capacidade de amar.

O Papa Paulo VI, em 1967, na Encíclica *Populorum Progressio*, diz-nos a propósito do desenvolvimento autêntico, que este deve ser integral. E o que significa ser integral? Na sua perspectiva significa “promover todos os homens e o homem todo”.

Trabalhamos há anos numa escola privada, católica. Trabalhámos também em várias escolas estatais, onde realizámos o nosso estágio profissional. Na escola católica dizemos muito mais vezes a palavra educador em vez de professor, a palavra educação em vez de ensino. Esforçamo-nos por isso. Acrescentemos a palavra mais importante: amor. Sem medo: AMOR. Voltaremos a ele.

A educação integral procura desenvolver em harmonia todas e cada uma das dimensões essenciais da pessoa. Estas dimensões são inseparáveis e só mentalmente se podem distinguir, uma vez que se encontram unificadas na pessoa. Mário Tonelli apresenta-nos com clareza esta ideia. No contexto da missão educativa salesiana e na sua perspectiva, a formação integral compreende as seguintes dimensões:¹⁶

Dimensão ética. Refere-se à atuação do ser humano livre e ao uso da sua liberdade, com responsabilidade e autonomia.

Dimensão espiritual-transcendente. A capacidade de cada ser humano ir sempre mais além das suas circunstâncias presentes. A necessidade de dar sentido e profundidade à sua própria existência, dádiva do amor de Deus.

Dimensão intelectual-cognitiva-científica. O ser humano e as suas potencialidades para investigar, conhecer e compreender o mundo da natureza e o mundo social e cultural.

Dimensão psico-afetiva-sexual. Potencialidades e manifestações da vida psíquica do ser humano que engloba a vivência das emoções, sentimentos, a afetividade e sexualidade e a forma de se relacionar consigo mesmo e com os outros.

Dimensão comunicativa-relacional. O ser humano como um ser social e comunitário. Um ser em relação.

Dimensão estética. A capacidade de o ser humano expressar o mais profundo do seu ser através de múltiplos códigos simbólicos artísticos.

¹⁶ Comunicação no Seminário sobre Evangelização na Escola Salesiana, Lisboa, 13-15 de Abril de 2012. Mário Tonelli é atualmente Provincial da Inspectoría Salesiana de San Pedro Claver de Bogotá.

Dimensão ecológica. O ser humano como ser vivo, parte de um ser vivo que é o cosmos.

Dimensão corporal. Valorizar e respeitar a sua corporeidade e a dos outros e desenvolvê-la harmonicamente.

Dimensão lúdica. Como *homo ludens*, o ser humano deve gozar a vida e ser feliz.

Dimensão sócio-política, cidadania. Como ser que faz parte de uma sociedade e vive em comunidade, deve ser um indivíduo crítico e um cidadão consciente e ativo.

Dimensão tecnológica-laboral-produtiva. Educação para o trabalho, acompanhada de uma formação social que promova a dignidade do trabalhador acima das coisas que produz.

A propósito do desenvolvimento da pessoa toda e em particular desta última dimensão, diz-nos J. Azevedo:

“Porque a educação autêntica é a educação que promove o *des-envolvimento* da pessoa toda, devendo por isso ser rejeitada pelas sociedades e pelas suas mais diversas instituições toda a educação que tome o ser humano como objeto, que promova a sua alienação, que o tome como um “ser-para-consumo” um “ser-para-a-eficiência” (Azevedo, 2011: 134).

Numa outra abordagem Roberto carneiro refere-se à “pessoa total”:

“ A formação da pessoa total não é compatível com a sua arbitrária segmentação – cognitiva, ou afectiva, intelectual ou manual, corporal ou espiritual – e nem sequer com uma categorização reducionista traduzida na condição de aluno. O aluno é acima de tudo pessoa, titular de direitos e deveres, em busca de uma educação pessoal e social, assente na liberdade e na solidariedade, e susceptível de ajudar a encontrar um sentido para a vida” (Carneiro. 2003: 121-122).

Muito difícil? Impossível? Utópico? Não estamos preparados para responder a estas perguntas, mas temos legitimidade para colocar outras. Não temos dúvida de que, de uma forma ou de outra, estas preocupações estão presentes e explícitas nos projetos educativos das nossas escolas, mas voltemos às perguntas: Quantos departamentos curriculares ou grupos disciplinares se debruçam sobre este tema e o evidenciam de forma explícita nas suas planificações? Que atividades são programadas tendo em conta este desenvolvimento do ser humano integral? Quantas vezes os professores refletiram em conjunto para promover esta cultura de escola? Que mecanismos estão implementados para que se veja

no terreno o reflexo das frases bonitas escritas nos projetos educativos? Quantas pessoas participam anualmente em ações de formação sobre esta temática? Onde se vê esta preocupação no desenho curricular em vigor? No âmbito da autonomia possível, que disciplinas obrigatórias ou opcionais foram introduzidas em cada escola tendo em vista a formação integral da pessoa? Poderíamos facilmente continuar. Interessa-nos apenas dizer que em algumas escolas sim, graças a Deus. Em muitas escolas não, infelizmente. Voltemos à Finlândia: “O espantoso sucesso da educação finlandesa deve-se não apenas à sábia construção tecnocrática: está também em parte ligado a uma língua, a uma cultura, a um povo que faz do desenvolvimento do ser humano integral o objectivo da educação” (Robert, 2010: 36).

4. Educar ensinando, ensinar educando

4.1. O explícito e o oculto

Embora entendamos o contexto em que surgiu e o contexto em que é aplicado, nunca simpatizámos com o termo “currículo oculto”. Sempre encontrámos nesta expressão duas faces que se escondem uma à outra e que, por isso, nunca conhecemos o rosto. Por um lado pretende dizer que ensinando naturalmente se educa e os valores são naturalmente assimilados. Por outro, significa que se transmitem esses mesmos valores não os transmitindo. Estamos a ser intencionalmente provocadores porque conhecemos bem a organização escolar e os refúgios que os docentes encontram para justificar muitas vezes o que não se faz. Aquela expressão deixa aos professores (não aos educadores) o conforto de que educam não educando. É verdade que aquilo que somos ouve-se melhor do que aquilo que dizemos. Os valores também se transmitem pela nossa postura no espaço educativo. Mas não chega. Há educadores que São muito pouco. Na nossa perspetiva, aquilo a que chamamos “currículo oculto” deve ter um tratamento igual ao designado currículo explícito. Acontece que este é conscientemente programado, trabalhado e avaliado. O outro é... oculto!

Ao longo dos anos, sobretudo dos últimos anos, anos estes que, para nós, têm sido saudavelmente mais de experiência do que de serviço, temos refletido muitas vezes, com alguma mágoa, sobre a hipocrisia que comanda discretamente as políticas educativas no

nosso país mas, sobretudo, a hipocrisia que reside em muitas escolas. Centremo-nos apenas na pessoa para não nos afastarmos do tema. É evidente que esta pessoa da qual temos vindo a falar tem sido quase ignorada nos desenhos curriculares, mas tem sido igualmente ignorada em muitas das nossas escolas. Não é qualquer professor que pode lecionar matemática, mas qualquer professor pode lecionar formação cívica. Não é qualquer professor que pode lecionar inglês, mas qualquer professor pode ser diretor de turma. Não é qualquer professor que pode lecionar educação física, mas qualquer professor pode ser tutor. Estes, como outros casos, são reveladores da pouca importância que a escola ainda confere à formação humana. Poderíamos citar outras, mas estas três áreas deveriam ser orientadas por verdadeiros educadores, com perfil para esse desempenho e com uma formação humana sólida.

Na nossa organização, com humildade, damo-nos conta diariamente do quão longe ainda estamos. Orgulhamo-nos, no entanto, de darmos a maior atenção às questões que atrás referimos. A escolha do melhor diretor para aquela turma em concreto; a formação humana obrigatória e o envolvimento do aluno, da turma e da família, na escolha, preparação e apresentação semanal de temas que visam formar honestos cidadãos e bons cristãos; a solidariedade efetiva; o programa de mentores; os encontros de fim-de-semana; os quatro dias anuais de paragem e de festa, com o objetivo de celebrar e vivermos intensamente a escola sem a capa da escola; a formação humana dos educadores; etc. É neste sentido que interpretamos o designado currículo oculto como sinónimo de algum comodismo e justificação para o trabalho que não se faz e que deveria ser feito de forma bem explícita. Trabalho esse que tornará verdadeira a afirmação de J. Delors sobre a educação: “deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (Delors, 2001: 85)

4.2. Professor educador

Educar ensinando e ensinar educando levam-nos forçosamente para a questão da seleção e formação dos educadores. As universidades conferem diplomas, cursos, licenças para ensinar mas, na verdade, não preparam verdadeiramente os futuros professores para a atividade docente. Assim como as empresas investem na formação dos seus profissionais e na sua especialização, também as escolas têm de perceber que a dimensão da formação

humana, científica e pedagógica feita nos contextos e de acordo com eles é a primeira chave para se alcançarem os objetivos pretendidos. Muitas vezes não é a qualidade dos projetos ou a falta deles que está em causa. O que falta são profissionais competentes e motivados para abraçarem de forma construtiva as respostas para os vários desafios.

Nas nossas escolas, são admitidas, com alguma frequência, pessoas que não querem viver nelas, mas acabam por ficar por lá; são admitidas pessoas que “dão aulas” a outras pessoas, como dariam a quatro paredes indiferentes recheadas de algumas mesas com cadeiras vazias; são admitidos professores munidos de olhos que apenas veem alunos, porque para isso foram treinados e são admitidos educadores que abraçam sabiamente seres humanos com palavras, olhos e muitas vezes braços, que ficam felizes ou doentes conforme conseguem ou não abraçar. E neste abraço entregam o nada, o pouco ou o tudo que um abraço sabe entregar. E deste abraço recebem as angústias de quem não sabe, não quer ou tem medo de abraçar, como deste abraço recebem o carinho de quem já gosta de abraçar e o conforto e o retorno vindo de braços que nunca tinham abraçado. Assim se educa e ensina, assim se ensina e educa.

5. Quatro verbos

5.1. Verbo Ser

“É perigoso fazer ver demais ao homem que ele é igual aos animais sem lhe mostrar a sua grandeza. É também perigoso fazer ver demais a sua grandeza sem lhe mostrar a sua miséria. E é ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito vantajoso mostrar-lhe as duas.”

Blaise Pascal

Se “Educar quer dizer levar outras pessoas a que cheguem a ser o que devem ser” (Stein, 2002: 195), então, que cada adulto educador que também foi educado, seja naturalmente aquilo que deve ser. Ele próprio, sem máscara, dando aos outros daquilo que Deus lhe deu e daquilo que a sua vontade, o seu esforço e a sua honestidade conquistaram. Os alunos gostam particularmente desse sabor a verdade. A nossa vivência diária na escola, o

contacto privilegiado com os pais, o conhecimento dos professores (dos seus interesses enquanto pessoas e do seu desempenho como profissionais), os testemunhos escritos e orais de centenas de alunos em diferentes contextos da vida escolar, dizem-nos diariamente que os professores que fazem aquilo que dizem e dizem aquilo que fazem, exercem serena e naturalmente a autoridade que se espera de um educador. Estes mal conhecem problemas de indisciplina. São ainda estes que, na organização onde trabalhamos, obtêm claramente melhores resultados escolares. Os alunos são particularmente sensíveis àquilo que os educadores são. Os alunos têm dificuldade em decepcionar os educadores íntegros e honestos e, sobretudo, aqueles que os amam. E eles sabem quem são. Não por aquilo que dizem, mas por aquilo que são.

“Dice Emerson que el ruido de lo que somos llega a los oídos de nuestros hijos y alumnos con tanta fuerza que les impide oír lo que decimos. Comparo esta idea. Pienso que no hay forma más bella y más eficaz de autoridad que el ejemplo. Por eso es tan importante la forma de comportarse de los políticos, de los profesores, de los padres y madres.... De los adultos, en general. Educamos como somos, no como decimos a los demás que tienen que ser.”

Estas palavras são de Santos Guerra, numa das suas habituais e inspiradoras crónicas semanais¹⁷.

Com alguma frequência ouvimos dizer que a razão pela qual os educadores têm de falar tanto em valores, é, simplesmente, porque não os praticam.

Também, e mais uma vez, aquilo que somos define a nossa relação com as famílias dos nossos alunos. No início deste ano letivo 2012/2013, na primeira reunião com os encarregados de educação dos alunos do 1º ano, transmitíamos esta mensagem a um auditório de cerca de trezentos pais:

Queridos encarregados de educação, relativamente à relação escola família, tema já tantas vezes tratado e do qual tanto se tem falado, recorro à metáfora tão preciosa no contexto educativo, para recordar, espero eu, o que todos nós já sabemos. Este pequeno texto é de Rubem Alves e encontra-se no seu blog:¹⁸

O frescobol é muito parecido com o ténis: dois jogadores, duas raquetes e uma bola.

¹⁷ Santos Guerra, *El ruido de lo que somos*, publicado em 11 de Agosto de 2012. <http://blogs.opinionmalaga.com/eladarve/2012/08/11/el-ruido-de-lo-que-somos>

¹⁸ <http://www.rubemalves.com.br/tenisfrescobol.htm>

Só que, para o jogo ser bom, é preciso que nenhum dos dois perca. Se a bola veio meio torta, sabemos que não foi de propósito e fazemos o maior esforço do mundo para devolvê-la suavemente, para o lugar certo, para que o outro a possa receber. Não existe adversário porque não há ninguém a ser derrotado. Aqui ou os dois ganham ou ninguém ganha. Como se joga cooperativamente, não há adversários e sim parceiros. É um jogo em que se cultiva a amizade e o comprometimento nas jogadas. Não possui uma área delimitada nem uma rede de separação. E ninguém fica feliz quando o outro erra - pois o que se deseja é que ninguém erre.

É com este sentir que hoje vos envio a primeira bola. É com este sentir que vos convido a iniciarmos este ano letivo para que os vossos filhos aqui aprendam e aqui cresçam inteiros, livres e felizes.

Enquanto falávamos abandonámos o olhar da plateia para nos centrarmos no olhar de pessoas concretas. A maioria dos olhos que os nossos olhos conseguiam focar diziam-nos naturalmente que estávamos em sintonia. Sentíamos que se instalava no auditório o prazer de sermos pessoas que querem verdadeiramente SER. Sentíamos que, naquele momento, uns pais acreditavam, outros desejavam muito acreditar. Sentíamos sobretudo que ali e assim, nascia devagarinho uma família. No final do encontro os comentários e as manifestações de carinho disseram-nos que muitos acreditaram. Outros desejavam acreditar. A estes, a vida já lhes tinha dito que precisavam de ver para depois acreditar. As mensagens escritas recebidas nessa noite e nos dias seguintes disseram, sobretudo, que uma vez mais o amor ganhou. E a verdade também. Como sempre, ficou o grande desafio de se provar com a vida a verdade das palavras. Esta é, em nossa opinião, a mensagem que todos os educadores têm de ouvir, compreender, aceitar e viver. Cada um à sua maneira, claro, porque cada um é diferente do outro. Por vezes temos tendência a pensar que esta verdade apenas se aplica aos alunos.

5.1.1. Do ter ao ser

José Morgado, numa conferência sobre desafios da educação, em Lisboa, alertava uma plateia de cerca de duzentos educadores para o facto de, no início de cada ano e de cada aula, os professores pedirem aos seus alunos para se sentarem em cadeiras quadradas, quando apenas os alunos quadrados encaixam e ficam confortáveis nas cadeiras com aquele formato. E os alunos redondos? E os alunos retangulares? E os que não têm formas

definidas? E os que não se podem ou sabem sentar? O psicólogo e professor provocava assim as pessoas que o olhavam e que mandavam sentar os alunos todos os dias.

Tocados por esta provocação, vieram-nos à memória, sem esforço, episódios do passado e do presente que nos lembraram a importância de cada ser humano, cada aluno ou educador, estar onde deve estar para poder ser o que deve ser.

Benedita, 10º ano, 2º período, ciências e tecnologias. O peso de ser boa aluna, aplicada, versátil, juntamente com o peso que os pais inventaram, empurraram-na para ali. Para aquele curso. O futuro mais risonho, o emprego mais seguro, a vida que os mais velhos já viveram, os exemplos de desemprego, o medo de dececionar os pais que ama e que a amam. Na hora da opção, tudo em cima da mesa, exceto o coração e a vontade da Benedita. O sofrimento da Benedita. O curso de artes na sala ao lado. O lápis a escrever quando devia desenhar. A angústia sufocada a revelar-se nos olhos e nas atitudes. O caminho para o gabinete de psicologia.

Nove e trinta de uma manhã chuvosa. O diretor pedagógico, o diretor de ciclo, a diretora de turma e a psicóloga da Benedita, naquele dia também vestidos de pais, tocam com palavras escolhidas e frases estudadas o coração dos pais da Benedita. Quem vai viver a vida da Benedita? Quanto tempo mais a Benedita irá suportar este peso de não poder ser o que ela é? Haverá algo mais importante que a felicidade e o sorriso da Benedita...?

Os olhos da mãe, uma pessoa doce, revelavam aos poucos aquilo que há muito desejavam revelar. Mas com medo. Os olhos da Benedita são os seus olhos, a vida da Benedita, quase a sua vida. Os mesmos olhos voltaram-se para a direita, repousaram por instantes nos olhos do marido e, num silêncio que nos pareceu muito longo, disseram tudo o que era preciso dizer. Pelas onze horas chamámos a Benedita à sala de reuniões. O funcionário abriu a porta, a Benedita espreitou. Viu primeiro a diretora de turma e sorriu. Depois, os dois olhos dela, grandes, pararam muito abertos nos quatro olhos dos pais. Foi um silêncio mais longo que todos os outros. A mãe levantou-se, abriu os braços, não disse nada, um abraço de quatro braços transformou-se num abraço de seis. Ficaram assim, de pé, a Benedita e os seus pais. Nós sentados. Chorámos todos enquanto sorriámos. A Benedita viu o sorriso e balbuciou: posso mudar? O pai disse, podes, filha. A Benedita olhou para o teto da sala onde estava o aparelho de ar condicionado e disse em voz alta: Meu Deus, obrigado. E

saltou, como se ainda fosse uma criança. Os pais viveram intensamente aquele momento. As mãos da mãe nas mãos da Benedita. Os nossos corações esqueceram-se dos cargos e da função que cada um ali desempenhava. Na sala, apenas existiam pessoas que queriam bem umas às outras.

A Benedita está hoje no 12º ano, em artes, claro. Uma boa aluna, claro. Tem um blogue encantador onde moram fotografias, desenhos e palavras que uma aluna de ciências e tecnologias não seria capaz de mostrar. Temos a certeza de que ajudámos a traçar um futuro melhor para a Benedita? Não. Apenas que ela está a ser o que ela sente que deve ser. Que está feliz. Isso, para já, basta-nos.

Gostaríamos de realçar a importância de cada aluno poder escolher o seu currículo, dentro de parâmetros razoáveis. Para que tal aconteça, as instituições educativas devem ter a preocupação de proporcionar o mais possível um leque alargado de opções, considerando as características das escolas, dos contextos e dos projetos educativos. Referimo-nos não apenas à estrutura curricular, mas também, ou sobretudo, à estrutura extracurricular. Este tema será objeto de uma reflexão mais aprofundada. Por agora importa concluir que, para que cada um possa ser o que deve ser, é necessário que exista uma oferta diversificada, com profissionais competentes e planos de estudos consistentes. A vida que temos vivido na instituição educativa onde trabalhamos, há muito que nos ensinou que não podemos chamar extra (curricular) àquilo que pode ser essencial. “ A maior distância do mundo é aquela que separa uma política curricular estatal daquilo que se passa na cabeça de uma criança.” (MacBeath & al, 2005: 144).

Durante o presente ano letivo 2012/2013, no ensino secundário, o curso de artes abriu com seis alunos, contra uma explosão de ciências socioeconómicas e ciências e tecnologias. Em termos financeiros, a abertura daquele curso não foi uma opção simpática. Pois bem, também há muito aprendemos que, embora não as possamos ignorar, não são as finanças que devem orientar uma instituição educativa. Recordamos a este propósito um excerto da reflexão de P. Robert sobre os segredos do sucesso da educação na Finlândia: “Conseguir melhores resultados com os mesmos meios: “[a Finlândia] decidiu concentrar as despesas de educação naquilo que está verdadeiramente ao serviço dos alunos” (Robert, 2010: 37) . Diríamos nós, no essencial. David Justino acrescenta: “Provavelmente o problema não estará em gastar mais, mas em gastar melhor. Não estará em estudar mais, mas em estudar

melhor. Não estará em dispor de mais recursos, mas em utilizar melhor os recursos disponíveis” (Justino, 2010: 20).

Importa que o ser humano encontre dentro da escola um nobre conforto superior ao ter. Esta questão é particularmente sensível, sobretudo em instituições privadas onde se corre o risco de olhar para o Ter como se ele fosse educador. O tudo que teima em habitar nestas escolas chama-se muitas vezes vazio. Um vazio que transporta consigo a angústia e a necessidade de o Ser Humano se encontrar a si e consigo mesmo. O inventar, o comprar, o fazer, o ter... vão embriagando a realidade escolar e, os ébrios de nada, vão tendo cada vez mais e sendo cada vez menos. “No princípio era o verbo, não a verba”, escreveu Bagão Félix.

Como conclusão recorreremos a uma reflexão de D. Manuel Clemente que, neste como noutros contextos, convocou uma vez mais Jesus Cristo:

“Não bastou, especialmente, para quem foi educado de modo imediatista e “tecnocrático”, aprendendo porventura a fazer e a ganhar rapidamente, sem saber muito bem para quê, nem a médio prazo. Ecoa aqui a pergunta inevitável de Jesus Cristo: - “que aproveita o homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?” (Mt 16, 26)” (Clemente, 2010: 28).

5.2. Verbo Ver

¹⁹Levantei os olhos preguiçosos, olhei, gostei do percurso e comecei serenamente a subir. Depois, mais desperto, resolvi fugir de mim.

Lá em cima, onde eu não me podia ver, olhei longamente para mim como se fosse um estranho. Confesso que não resultou como eu pretendia porque me conheço demasiado bem para me conseguir enganar. Reconheci os gestos característicos, percebi o que eu dizia sem ouvir nenhum som, reparei nas pessoas que se dirigiam a mim, naquelas que eu naturalmente procurava e ainda noutras que, de repente, encontravam interesses evidentes ou escondidos em tudo o que estava à minha volta... menos em mim ou para fugirem de mim. A verdade é que tive pena de mim.

Este jogo comigo mesmo permitiu-me observar com algum orgulho, que falo muito e com muitas pessoas. Mas, imaginem, de repente comecei a sentir frio sem mim. Desafiando as escadas que me tinham levado ao secreto miradouro, fui ter comigo e soube-me bem. Conversei longamente sem nada dizer. Ouvi-me com tanto interesse que o tempo do relógio – um estranho que eu não respeito nos meus encontros comigo – sentiu-se na obrigação de me lembrar os compromissos que tinha com ele.

¹⁹ Editorial in *Onda Jovem* (jornal da escola): Nº 208, 06 de novembro de 2008.

Despedi-me de mim com uma pena imensa. Apeteceu-me barafustar com os ponteiros. Não o fiz, porque como sabem, os ponteiros não ouvem e daria mau aspeto se alguém me visse a conversar para o meu relógio, que é de pulso.

Hoje dei comigo outra vez sozinho, em silêncio, a conversar comigo. Enquanto oiço os meus desabafos, sinto um prazer tão grande que não resisto a convidar-te a fazeres o mesmo. Conversa contigo. Olha para ti.

J Morais

5.2.1. Para lá do evidente

Maria do Céu Roldão diz-nos que devemos entender a função de ensinar como “fazer aprender alguma coisa a alguém”. Esta afirmação parece-nos de uma enorme clareza. Transporta com ela, no entanto, uma angústia igualmente enorme. Como podemos saber que fizemos aprender algo a alguém? Em muitos domínios é tão evidente que esta questão poderia nem sequer fazer sentido. Sabemos, no entanto, que em termos educativos há muitas dimensões que aqui não cabem, porque fazem parte da educação do olhar, ao qual apenas o segredo da vida conseguiria responder mas, porque é segredo, não o irá revelar. A escola tem esta nobre função de criar ou moldar lentes para o ser humano ver melhor o mundo.

“Apesar de alguns dos ensinamentos mais debilitantes da própria cultura, pode-se ainda lutar nas escolas para moldar as lentes através das quais vemos o mundo [...] o que *é* poderá ser visto claramente, o que *foi* poderá ser visto como um presente vivo, e o que *será* como um universo pleno de possibilidades” (Postman, 2002).

Temos consciência de que a realidade da prática educativa quotidiana é condicionada diariamente pelos olhares dos educadores, ou dos professores, ou dos que dão aulas, ou dos cegos.

“São as crianças que vêem as coisas – porque elas as vêem sempre pela primeira vez com espanto, com assombro de que elas sejam do jeito como são. Os adultos, de tanto vê-las, já não as vêem mais. As coisas – as mais maravilhosas – ficam banais. Ser adulto é ser cego”. (Rubem Alves, 2004, 61)

No contexto em que trabalhamos temos a nosso cargo a direção pedagógica, que assumimos há quatro anos. Durante estes anos, na medida do possível, não nos colocámos intencionalmente à frente, para ser vistos, mas colocámo-nos atrás para podermos ver. E, como sabemos, olhos que querem ver, veem mais. Por vezes, muito mais. Fiquemos com este conforto.

²⁰*Enquanto me dirigia para a escola, tropecei numa pedra solta da calçada portuguesa, na rua Saraiva de Carvalho. Provavelmente esta pedra rebelde pretendia alertar-me para o mau estado do passeio. De facto não era necessário estar a incomodar-se porque, mesmo olhos já cansados de muito ver, não ficam indiferentes às lombas, ao desalinhamento do que se quer alinhado, ou à desorientação das pedras que alguém quis arrumar em espaços demasiado pequenos, numa tentativa desesperada de desafiar as leis da física.*

Aquela pedra que eu involuntariamente pontapeei, foi para longe, para outro sítio. Enquanto contra a sua vontade rebojava nas outras pedras, fez barulho, reivindicou, fez-me mesmo temer que o carro preto estacionado ao lado viesse a sofrer as consequências daquele mau humor, fruto do meu pontapé descuidado. Não era caso para tanto, mas estava no seu direito. Felizmente, parecendo brincar com o meu receio e exibindo um auto-controlo invejável, travou ruidosamente à beirinha do passeio. O carro, àquela hora, hibernado nos restos do frio da noite, nem se apercebeu do perigo.

Às vezes precisamos sentir-nos incomodados para vermos a verdade das coisas que vemos todos os dias. Outras vezes precisamos de colegas atentos que nos façam tropeçar neles para nos acordarem do torpor do dia-a-dia. Outras vezes... não vemos.

J Morais

5.3. Verbo Amar

*“A tua verdade? Não, a Verdade,
e vem comigo buscá-la.*

Guarda a tua”

A. Machado

Sempre gostámos do sal por ser sempre salgado e do açúcar porque nunca amargou. Temos igualmente um enorme fascínio pela verdade que nunca mentiu mas, já duvidamos das

²⁰ Editorial in *Onda Jovem* (jornal da escola): Nº 209, 20 de novembro de 2008.

verdades, porque essas, embora não mintam, são passageiras, podem deixar de o ser com a mesma facilidade que o voltam a ser. Sendo o nosso trabalho um relatório reflexivo, dá-nos legitimidade para nos centrarmos no nosso ser e na nossa prática. No nosso passado com os olhos do presente. Também no futuro que sabiamente aguarda em silêncio e que naturalmente se vai revelando. Pois bem, o amor é essa verdade que nunca mentiu nem nunca nos dececionou. Referimo-nos ao eu pessoal e ao eu profissional. Centremo-nos no segundo.

Ao longo deste trabalho temos falado muito de educação e de educadores, menos de ensino e de professores. Assim iremos continuar, uma vez que trabalhamos todos os dias numa e para uma escola salesiana onde queremos educar ensinando e ensinar educando. Basta uma frase do fundador dos Salesianos para dizer tudo o que nos vai na alma: “Importa que amemos os jovens, mas importa sobretudo que eles se sintam amados”. Recordamos esta frase vezes sem conta porque acreditamos que o segredo reside aqui. Sentirmo-nos amados. É claro que temos bem presente a advertência de Santos Guerra quando nos lembra que o amor tem de ser acompanhado de competência. “... En el pasillo, cuando elogí el trabajo del médico, el hecho de que no hubiera abandonado la cabecera del enfermo, me dijo: *Preferiría que fuese competente*”.²¹ Interrogamo-nos, no entanto, se algum professor pode amar verdadeiramente os seus alunos não sendo competente. O educador que ama, não nos parece compatível com incompetência porque essa, neste contexto, chama-se desonestidade e esta, no mesmo contexto, o amor tem dificuldade em perdoar. “Todos os que trabalham com crianças ou jovens, todos os que viram ou ouviram muitos professores que “amam” de uma forma clara o seu trabalho e as crianças e jovens a quem ensinam, reconhecerão que a vocação do ensino talvez esteja relacionada, acima de tudo, com o amor” (Day, 2004: 43).

Bento XVI vai mais além e diz-nos que o saber é estéril sem o amor. “ A acção é cega sem o saber, e este é estéril sem o amor [...] Não aparece a inteligência e depois o amor: há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor” (Bento XVI, 2009: CV, nº 30).

²¹ *Preferia que fosse competente*, <http://terrear.blogspot.pt/2010/02/preferia-que-fose-competente.html>

Incontornável a carta aos Coríntios do apóstolo Paulo, onde, no capítulo 13, encontramos a encantadora passagem sobre o amor:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, mas não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, nada disso me valerá. O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade. Tudo protege, tudo crê, tudo espera, tudo suporta [...] Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.

Noutro registo, mas com o mesmo sentir, partilhamos a circular enviada aos pais no primeiro período do ano letivo de 2011/2012:

Exmo. Senhor Encarregado de Educação

Saudações cordiais

No contexto educativo, considerando os desafios atuais e o nosso grande objetivo de dar a cada ser humano a atenção que verdadeiramente merece, interrogamo-nos com frequência sobre a eficácia dos mecanismos existentes na nossa escola, e sobre o que está ao nosso alcance introduzir ou aperfeiçoar, para que consigamos aproveitar ao máximo o potencial de cada um dos nossos alunos. Trata-se de uma tarefa que nunca estará concluída. Trata-se igualmente de uma tarefa cujo sucesso depende sobretudo da paixão com que é abraçada e da forma como é desenvolvida. Exige sabedoria, competência, profissionalismo e amor. Sim, o amor. Aquele amor que D. Bosco explicitamente nos pediu e que deve estar presente na atividade diária das escolas salesianas.

Sei que neste momento, depois de lido o primeiro parágrafo, alguém estará a lembrar-se de situações em que este amor pelos seus filhos foi demasiado discreto, ou esteve mesmo ausente. Outros estarão a recordar-se de situações em que ele foi bem visível na escola. Nesta escola. Outros ainda, vêem-no claramente nas palavras, no olhar e no comportamento dos filhos que aqui habitam. Gostaria imenso de pensar que os primeiros estão enganados, mas sei que ainda não estão. Gostaria imenso de pensar que os últimos são a esmagadora maioria e que a sua vida inspira e contagia diariamente todos os outros. Ainda não tenho essa certeza. Digo-vos, no entanto, que esta comunidade aprendente está verdadeiramente empenhada em aprender e fazer aprender, em crescer e fazer crescer, em formar boas pessoas e bons alunos, em sintonia com os pais, primeiros e insubstituíveis educadores.

Nesse sentido apresento-lhe hoje algumas iniciativas que, espero, contribuam para que a verdade das palavras seja visível na verdade das práticas:

PROGRAMA DE MENTORES – Os nossos alunos do 12º ano têm programado e realizado com alguma frequência atividades destinadas aos colegas do 1º e 2º ciclos.

Para além dessas atividades pontuais, no âmbito do voluntariado educativo e em sintonia com o projeto SolSal (Solidariedade Salesiana), a partir do próximo mês de Dezembro terá início o programa de mentores. Com esta iniciativa, alunos mais velhos sensibilizados e preparados para esta função, acompanharão regularmente colegas mais novos em sintonia com os pais e os professores.

SALAS DE ESTUDO – Ainda para o 1º ciclo e no âmbito do voluntariado educativo, também a partir do próximo mês, de segunda a quinta-feira, após o horário letivo, estarão abertas três salas para receberem os alunos que pretendam realizar as tarefas escolares na escola, acompanhados por educadores da nossa comunidade.

APOIOS – De modo a podermos responder às necessidades específicas de cada aluno, continua em funcionamento o leque de apoios diversificados: apoios individuais, de dois alunos, três alunos, pequeno grupo, tutorias e oficinas (apoio para a excelência).

Paralelamente e sem quaisquer encargos para os pais, cerca de oitenta professores da nossa escola (2º ciclo, 3º ciclo e secundário), disponibilizaram-se para trabalhar diariamente com os alunos fora do horário letivo (hora de almoço e depois das aulas), apoiando, orientando, esclarecendo dúvidas, partilhando angústias e celebrando vitórias. Durante esta semana será exposto o mapa correspondente a cada sector, nos respetivos expositores e nas salas de aula.

MANDARIM – No âmbito das atividades Artisport, estão abertas as inscrições para a aprendizagem da Língua Chinesa. Segue em anexo um folheto com as informações necessárias. Esta atividade terá início no 2º período.

CORO DE PAIS: SAL VOX – O Musicentro, Escola de Música dos Salesianos de Lisboa, convida os Encarregados de Educação que gostem de cantar ou que queiram aprender a gostar, a inscreverem-se neste projeto de música coral. O reportório será diversificado iniciando-se com um módulo dedicado à Música Gospel. Os ensaios serão uma vez por semana, das 18h30 às 20h, à quinta-feira. A direção estará a cargo de Vítor Gaspar, licenciado em Direção Coral, diplomado pelo Conservatório Nacional com o Curso Superior de Canto, membro do Coro Gulbenkian, Vozes Alfonsinas e Ensemble Musical Introitus.

Com a esperança de que estas iniciativas venham a dar mais vida às nossas vidas, despeço-me partilhando consigo um certo aroma de Natal que costuma fazer bem aos nossos corações.

Atenciosamente e ao seu dispor,

José Pissarra Morais / Diretor Pedagógico

Uma resposta de encarregada de educação:

Recebi ontem a circular número 3 que o Director enviou aos encarregados de educação. Li-a com toda a atenção com que leio sempre tudo aquilo que escreve. E

não pude ficar indiferente ou em silêncio mesmo que isso signifique uma certa... elegância deselegante.

Quero que saiba e que tenha a certeza que, depois de lido o primeiro parágrafo, não recordei situações em que o amor pelos meus filhos foi visível nessa escola. Porque ainda não me é permitido recordar. Queira Deus que esse dia chegue! Eu não «recordo» situações em que o amor esteve presente. Eu «vivo» e sinto o amor dos Salesianos diariamente e não é só nos olhos dos meus filhos. É também e sobretudo nos olhos dos educadores dos meus filhos. O quanto abraçam a sua luta. O quanto partilham as suas vitórias e alegrias. E o quanto se entristecem pelos seus insucessos. O quanto sobem e descem escadas, acorrem à enfermaria, inventam soluções, tiram fotocópias extra, reinventam estratégias ou multiplicam esforços... por eles. Terei as minhas mágoas. Mas também se não as tivesse não conheceria o sabor doce da gratidão e o caminho do amor gratuito.

Sei que um dos meus príncipezinhos ainda não foi cativado por nenhuma raposinha. Mas também sei que o piloto do avião lhe disse três vezes antes de ele desaparecer: “Não te abandonarei.”

Um abraço de muita estima ao diretor pedagógico para quem o ponto de partida é também sempre o coração.

5.3.1. Na (in)disciplina

” Parece que os roubos são desconhecidos. Na aula, os professores têm um limiar de tolerância elevado relativamente a pequenas falhas que em França acarretam muitas vezes sanções imediatas... Claro que existem sanções... A exclusão definitiva não está prevista: pensaria um pai pôr o seu filho na rua?” (Robert, 2010: 12). Sentimo-nos particularmente tocados e interpelados por esta interrogação. Sobretudo nestes últimos anos da nossa vida profissional em que temos a responsabilidade da direção pedagógica, muitas vezes temos apelado ao coração de pai e mãe de cada educador, para nele encontrarmos a resposta que não encontramos no regulamento interno. O que devo fazer? – Com a serenidade possível, olhe para a pessoa e para o aluno, como se fosse seu filho. Depois de o ver com os olhos de pai, decida o que fazer.

Com muita frequência, alunos ou encarregados de educação chegam ao escritório onde trabalhamos, carregados de injustiça e de incompreensão. Os primeiros minutos da conversa são uma torrente de acusações e duros desabafos à espera de uma reação equivalente. Temos aprendido que, durante essa primeira tempestade, todas as palavras são menores que o silêncio e todos os gestos são menores que o olhar. Ouvir, ouvir apenas. O olhar a compreender ou a fazer um esforço para compreender. Chegamos muitas vezes à

conclusão de que os problemas apresentados resultam de pouco diálogo, de reações precipitadas e, sobretudo, porque os educadores se esqueceram daquelas lentes de pais para verem os alunos com maior nitidez. E se esqueceram da pessoa. É sempre assim tão fácil? Claro que não. Algumas derrotas? Claro que sim. Essas lentes funcionam sempre? Claro que não. Então porque não explorar aqui essas situações de angústia e derrota? Simplesmente porque o objetivo deste trabalho é exatamente o contrário: Refletir sobre o lado bonito e gratificante da escola e das pessoas que a habitam. Ancorarmo-nos aí, aí descansarmos e aí ganharmos forças para corrigirmos os problemas e não nos desgastarmos na exploração dos mesmos. “Reprovar um comportamento não implica ferir ou humilhar o aluno em público bombardeando-o com rótulos de estúpido, inútil, irresponsável ou expressões piores. O bom professor mostra-se duro em relação aos comportamentos incorretos, mas respeita a pessoa” (Estanqueiro, 2010: 69).

Conhecendo a realidade de muitas escolas portuguesas, é quase ridículo falarmos de indisciplina na organização onde trabalhamos. Mas ela existe dentro e fora da sala de aula, explícita ou dissimulada. É normal e saudável que exista. O problema não é a indisciplina, mas os seus níveis. No final do ano letivo de 2011/2012, por proposta do diretor pedagógico, realizou-se um encontro com a duração de um dia para se refletir sobre este tema. A motivação para este encontro residiu no facto de acreditarmos que numa escola mais serena se aprende mais e melhor, sabendo também que “ Nas escolas eficazes, a boa disciplina é conseguida através da implementação e aplicação, de modo consistente, de regras justas e claras, compreendidas por todos, acompanhadas de uma utilização pouco frequente de castigos.” (Lima 2008: 208) Acrescentamos ainda palavras do mesmo autor, que nos motivaram para esta iniciativa:

“ O sucesso nos exames era maior e a delinquência menor nos estabelecimentos de ensino em que a disciplina se baseava em expectativas gerais estabelecidas pela escola e não era deixada ao critério de cada professor, pois os alunos percebiam que as regras neste campo decorriam de uma abordagem aceite pela generalidade dos adultos da instituição e não dependiam dos humores deste ou daquele docente” (Lima 2008: 97).

Estiveram presentes todos os educadores. Para além dos adultos, também dois alunos do secundário, convidados, apresentaram uma curta comunicação aos docentes sobre esta temática. Dessa reflexão saíram algumas conclusões e normas para serem levadas em

conta, não tanto para combater a indisciplina, mas sim para preveni-la. Dessa reflexão concluiu-se:

. A disciplina na sala de aula prepara-se fora dela. Após os recreios importa sensibilizar diariamente para serenidade nos corredores da escola, onde se pode falar, mas em voz baixa.

. Reforçar sempre o comportamento correto.

. Não fazer observações globais para a turma. A discrição é fundamental e a “palavra ao ouvido”²² também.

. A importância da presença dos educadores no pátio. Nos recreios. (Entendemos por educadores, professores e funcionários).

. Reforçar a formação dos educadores.

. Em caso de indisciplina, o aluno deverá verbalizar o seu mau comportamento. Nalgumas situações fazer uma curta reflexão escrita e só depois se deverão contactar os encarregados de educação. Em caso de sanção importa envolver o aluno na mesma para que entenda a sua inevitabilidade, a compreenda e a aceite.

. Combater o isolamento do educador. Fomentar a partilha de boas práticas neste e noutros domínios.

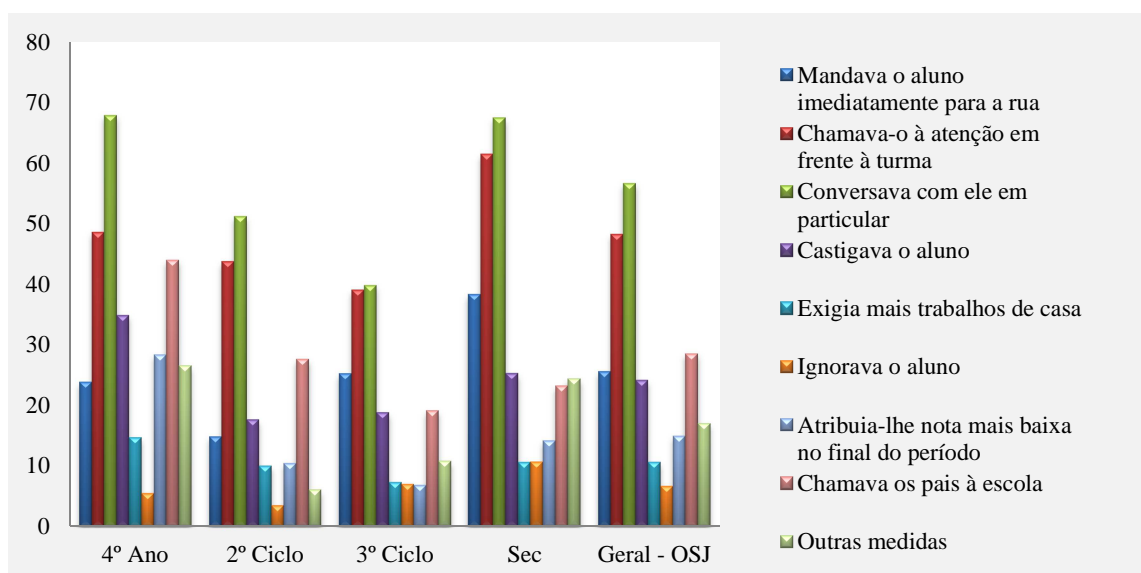
. Estabelecer regras claras para toda a escola adaptadas às características dos diferentes ciclos.

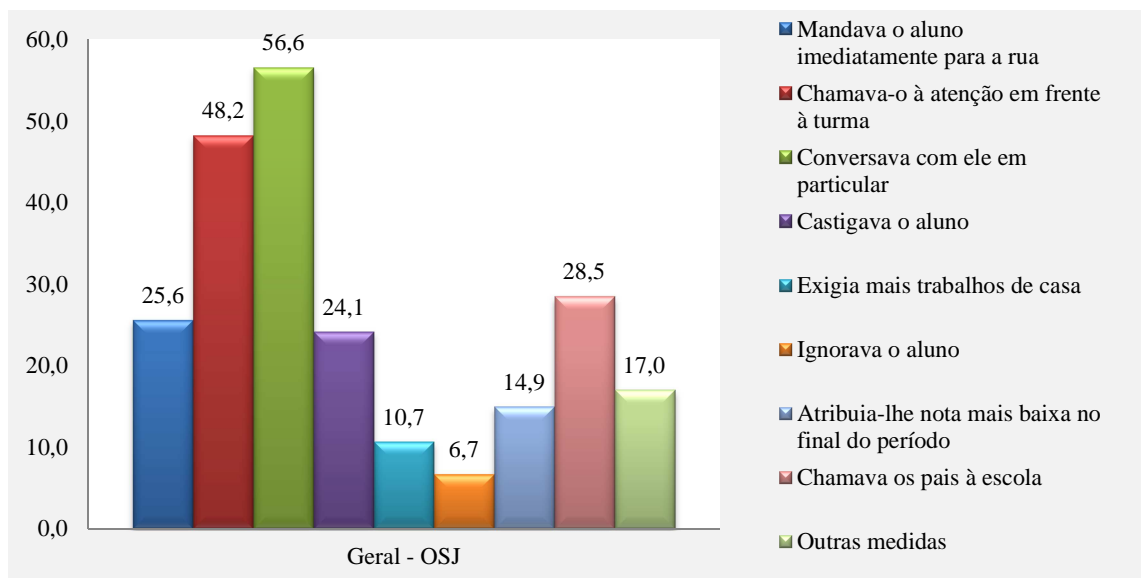
Durante esse encontro foram apresentados alguns gráficos, frutos de um inquérito feito aos alunos da nossa escola, sobre esta temática. Deixamos aqui o que nos parece mais pertinente neste contexto: como atuaria em caso de indisciplina? Responderam a esta questão 1681 alunos das OSJ (Oficinas de S. José), desde o 4º ano ao 12º ano: 4º ano – 111 alunos; 2º ciclo – 475 alunos; 3º ciclo 638 alunos e secundário – 457 alunos.

Como conclusão que nos agradou e nos inspirou, realçamos o facto de em todos os ciclos ser apontada como medida mais interessante, a conversa com o aluno em particular.

²² “palavra ao ouvido”, outra expressão usada por D. Bosco e uma prática no seu relacionamento com os jovens.

Surpreendeu-nos o facto de, também em todos os ciclos, aparecer em segundo lugar a medida oposta, ou seja, chamar a atenção do aluno em frente à turma. Vemos nestes resultados o desejo de os alunos gostarem de ver tratados em público os erros cometidos publicamente, ou terem a certeza de que não são ignorados. Responsabilização pelos atos. Mas, acima disso, está a conversa individual com a justificação, a nova oportunidade, o pedido de desculpas ou, simplesmente, o respeito que cada pessoa merece. Apece recordar: “Dê sempre mais atenção à pessoa do que ao erro que ela cometeu. O erro há-de passar, mas a pessoa tem ainda uma vida inteira pela frente” (Machado, 2011:113).





5.4. Verbo rezar

“Alguém me dizia que continuava cristão, “porque com Cristo a conversa nunca acabava”, ao contrário doutras que se esgotavam mais depressa... Creio bem que é nisto que se define e oferece uma escola cristã, muito legitimamente aliás” (Clemente, 2010: 36).

A igreja dentro da escola. Todas as escolas salesianas abraçam uma igreja dentro de si. Essa igreja tem ligação direta para o pátio pela parte lateral. A entrada principal destina-se a receber a comunidade envolvente.

O silêncio dentro da igreja. O silêncio guardado, protegido, à espera de se dar a quem o quiser procurar. Não falará. Apenas ouvirá tudo o que lhe quiserem contar. Uns falam para Deus, outros falam para ele, silêncio, que aqui não é mais do que outro nome de Deus. Durante os intervalos não são muitos os que ali se dirigem. Não é o número que importa. É cada um. O importante é que este espaço existe, e todos os dias é cais de abrigo para alguém. Menino, jovem ou adulto.

A escola dentro da igreja. A música, o movimento, as palmas, a alegria. Todas as semanas, durante o horário letivo, cada turma aqui vem celebrar o seu *Bom Dia*²³. Os seus educadores também. Os temas aqui apresentados são normalmente preparados pelos

²³ O *Bom Dia* é um encontro semanal, na igreja, (por vezes em auditórios, dependendo do seu conteúdo). Todas as escolas salesianas cultivam este encontro semanal de formação humana e espiritual, que teve origem na *Boa Noite* que D. Bosco dava aos jovens no final do dia.

alunos, orientados pelos diretores de turma e, frequentemente, com a colaboração de convidados, que podem ser encarregados de educação ou familiares. Outras vezes é o padre pastoralista que aproveita este momento para tratar temas no âmbito da formação humana e espiritual. O *Bom Dia* termina com uma oração coletiva e, muitas vezes, oração individual. Se alguém não quiser rezar... não reza²⁴. Para além deste *Bom Dia* semanal, existe o *Bom Dia* diário. Este acontece no início do primeiro tempo da manhã, na sala de aula, e não ultrapassa os cinco minutos. Uma curta reflexão, uma curtíssima oração e votos de um dia feliz.

A festa dentro da igreja. Nas escolas salesianas existe esta prática de celebrar quatro festas²⁵ durante o ano letivo. Estas festas lembram figuras que marcaram a vida dos salesianos e das escolas salesianas. São dias festivos, sem aulas, com muitas atividades no âmbito da formação humana, religiosa, cultural e artística. O momento alto do dia é a eucaristia. Para esta celebração ser vivida intensamente, as duas semanas anteriores à sua realização contemplam várias iniciativas de preparação: ensaios de cantores e músicos, acólitos, confissões e iniciativas várias de carácter formativo. Nestes dias a grande igreja torna-se pequena para 2030 alunos mais os seus educadores e os pais que quiserem e puderem assistir. Assim, nos dias de festa, às 09.00h a igreja recebe o 3º ciclo e secundário, às 11.00h celebram a eucaristia o 1º e 2º ciclos.

Aqui começa o que temos medo de não saber dizer. O silêncio, a educação, a dignidade, a emoção, o respeito, a oração. Os nossos alunos. Os nossos queridos alunos. Os olhos dos educadores começam a falar em silêncio, com satisfação e orgulho. Os alunos. Os nossos queridos alunos. Na imensidão da igreja sentimo-nos pequeninos, protegidos, deslumbrados, com os corações a sentir o que não se sabe dizer. Olha-se em redor, a gostar muito do que se vê. E do que não se vê.

Na igreja ouvem-se acordes e, sobre eles, deslizam melodias, com vozes que não incomodam o silêncio. Os alunos. Os nossos alunos. Pela sóbria avenida de pedra, seguem salesianos em direção ao altar. Os nossos salesianos. Seguem ainda os acólitos. Muitos

²⁴ No nosso colégio vivem alguns alunos que professam outras religiões. Outros religião nenhuma. Essa, em nossa opinião, nunca será razão para não admissão. “Basta que sejais jovens para que eu vos ame”, diz D. Bosco.

²⁵ Festa da Santidade Juvenil (Outubro); Festa de S. João Bosco (Janeiro); festa de S. José (Março) e festa de Nossa Senhora Auxiliadora (Maio).

corações nesse momento, começam a bater mais forte. Alguns olhos molham-se de uma alegria serena que se revela. Lá à frente, junto ao altar, com a voz e o olhar de quem nos quer bem, um jovem padre.

A Eucaristia. A comunidade. A oração. O momento dos momentos com a nossa comunidade. No interior de cada um acentua-se o sentimento de todos. Os professores e os alunos são agora apenas pessoas. E é tão bom sentirmo-nos pessoas!

PARTE IV – A ESCOLA QUE APRENDE

“A forma mais poderosa de aprender, a forma mais sofisticada de desenvolvimento dos docentes, não vem da escuta de palavras bonitas de alguém, mas de partilhar aquilo que sabemos com os outros. Ao reflectirmos no que fazemos, ao sermos coerentes, ao partilhar e articular o nosso conhecimento, estamos a construir algo de significativo, estamos a aprender”.

J. Barth

1. Três verbos

1.1. Aprender

Uma escola com o coração saudável conjuga diariamente o verbo aprender. Com humildade e com orgulho. Em silêncio ou com palavras. Os alunos e os educadores que têm esse desejo, essa postura e essa sabedoria, aprendem todos os dias uns com os outros. Aprendem igualmente consigo próprios, se tiverem a capacidade de analisar o que fazem e o que não fazem. E, sobretudo, o porquê. Esta forma de estar e de trabalhar cultiva-se através de uma comunicação saudável, promovendo um clima de abertura que naturalmente valoriza o que está bem e apresenta mecanismos para corrigir e não para explorar o que está menos bem. Uma comunicação que incomoda saudavelmente todos e cada um. Que desinstala todos e cada um, mas que congrega todos e cada um. “isto significa apenas que a escola é uma organização onde cada um é um aprendente. E como cada um aprende e partilha a sua aprendizagem, a própria organização torna-se aprendente” (Macbeath et al, 2005: 148).

A este propósito e porque este tema nos é particularmente querido, recordamos aqui mais um pequeno texto que partilhámos no Tudo Sobre Nós 2013²⁶, com o objetivo de, uma vez mais, sensibilizarmos e despertarmos a comunidade educativa.

Olhos

Distraídos, vivemos demasiados dias com os corações trancados. As trancas, essas, que nunca ansiaram mais nada que não fosse trancar, de olhos cerrados, cruzam os braços, trancando-se a elas próprias com a ferrugem da indiferença. O individualismo costuma cegar. A reciprocidade abre os olhos, alimenta a alma, rasga horizontes, destranca os corações. Claridade!

Olho para nós. Para cada um de nós. Folheio estas páginas que guardam 2300 rostos da nossa família, e descanso neles com vontade de ali descansar. Estaríamos seguramente bem mais perto da verdade se nos soubéssemos ouvir uns aos outros, com a certeza de que todos temos algo para ensinar e para aprender; com a certeza de que cada um olha para a realidade com uns olhos que são os seus; com a certeza de que apenas vemos parte dessa mesma realidade; com a certeza de que caminhamos juntos e livres num areal sem veredas. A verdade, não a minha nem a tua verdade, fica mais nítida quando é tocada pelos olhos todos e pelos olhos de todos.

Este livro guarda dentro de si quatro mil e muitos olhos. Uns mais claros outros mais escuros, uns que sorriem outros nem tanto, uns que falam outros que ouvem, uns que são prosa outros que rimam. Todos diferentes! Uns são os meus, outros os teus, todos são nossos. Todos são olhos! Este livro, olhado desta maneira, deixa de ser um livro para ser visto e passa a ser um livro que nos ajuda a ver. Este livro que tanto se incomodou com o título que lhe deram, olhado desta maneira, talvez seja mesmo Tudo Sobre Nós!

José Morais I Diretor Pedagógico

Temos incentivado os educadores que trabalham na nossa escola (sobretudo diretores de ciclo, coordenadores de ano e diretores de turma) a registarem no programa de gestão escolar todos os acontecimentos relevantes. Este programa tem diversos níveis de acesso. O diretor pedagógico não só tem acesso a tudo o que cada educador regista, como também é alertado informaticamente cada vez que é registado um novo acontecimento. Este mecanismo permite que cada um, mediante o cargo que desempenha na organização, esteja sempre informado e tenha o pulsar da escola em tempo real. Se um diretor de turma recebeu um encarregado de educação e registou o resumo da conversa, surge um alerta no

²⁶ Livro do ano 2013

canto inferior direito dos computadores dos seus pares e de quem está hierarquicamente acima dele. Se um aluno se dirigiu à enfermaria e recebeu tratamento ou seguiu para o hospital, a enfermeira regista o acontecimento e, no mesmo momento, surge o alerta.

No primeiro ano em que esta ferramenta ficou disponível, verificámos que apenas os aspetos negativos foram registados no programa: reclamações de encarregados de educação, deficiências nas instalações, problemas informáticos, casos de indisciplina, atrasos, faltas de material, desabafos acerca do tudo e do quase nada. Após alguma sensibilização, lentamente, passaram também a ser registados acontecimentos de outra natureza, não sendo forçosamente problemas, preocupações, ou aspetos negativos. Numa terceira fase passámos a adotar uma categorização que, entre outros, inclui dois itens: “livro de reclamações” e “livro de felicitações”.

No final do ano letivo, numa reunião geral de professores que tinha como principal objetivo a avaliação do ano que acabava e a projeção do ano seguinte, o diretor pedagógico apresentou um gráfico com a quantidade de “reclamações” e o número de “felicitações”. Concluiu-se com satisfação que, embora as “reclamações” tivessem feito mais ruído, as “felicitações” foram em número muito superior. Importava agora, em momento de balanço, ancorarmo-nos nos aspetos positivos e nos casos de sucesso. Importava refletir sobre as vitórias. Importava celebrar. Importava combater a tendência de nos debruçarmos uma vez mais sobre a falha, a angústia ou o desespero. Importava ganhar e inventar energia. O sucesso estava ali para ser vivido e partilhado. Durante horas fomos alegria. Fomos felizes. E era tudo verdade.

“A auto-avaliação baseia-se na premissa que as pessoas, no seu colectivo, e as organizações podem aprender – e não apenas as pessoas em termos individuais. Tal como os indivíduos, as organizações são proactivas e reactivas: perdem e ganham energia, e adquirem e desenvolvem inteligência” (Macbeath et al, 2005: 171).

1.1.1. Da informação à formação

A propósito da atmosfera saudável existente em determinada escola “penso que isso se deve à união dos docentes e à forma como o diretor da escola a vê, como um todo e não em termos de pequenas divisões distintas” (Fullan e Hargreaves, 2001: 16).

Desde há muito que nos afastamos naturalmente das pessoas que anseiam e lutam pelo poder porque pretendem mandar e julgar os outros. No contexto da formação e sobretudo na supervisão, a solução pode facilmente transformar-se em problema. Quando não é a legitimidade e a competência que comandam, podemos facilmente cair na fachada, no artificial, e ancorarmo-nos na burocracia que suporta o superficial e não o essencial.

Durante o curso de supervisão pedagógica e avaliação de docentes (SPAD), com os olhos um pouco mais abertos, fomos acompanhados por uma interrogação que hoje aqui deixamos como mais uma provocação. Gostamos de provocações, de interrogações, de nos sentirmos incomodados, porque sentimos que essa postura nos faz crescer como pessoas e como profissionais. Consideramos também essa, uma das qualidades do educador supervisor.

No início inscrevemo-nos no curso Inovação Pedagógica. Como o curso não abriu em Lisboa por falta de candidatos, frequentámos com agrado o curso de Supervisão Pedagógica e Avaliação de Docentes. Tivemos conhecimento que, no Porto, também funcionou apenas o segundo curso. Surgem assim as perguntas provocadoras que não resistimos a partilhar: Porque é que os professores estão mais interessados na supervisão e menos na inovação? Um professor que tenha investido na inovação não estará mais capacitado para supervisionar do que aquele que apenas investiu na supervisão? Claro que a questão de fundo é mais complexa e não pretendemos tirar conclusões precipitadas. O nosso objetivo é interrogar e interrogarmo-nos. Pensamos, no entanto, que a cultura predominante é a dos cargos para dirigir, para mandar, para avaliar ou para rotular. Na nossa perspetiva e no contexto em que trabalhamos, acreditamos na postura inversa: cargos para servir. O mecanismo de implementação de supervisão no contexto em que trabalhamos valoriza naturalmente a pessoa que sabe e não apenas a pessoa que a universidade disse que sabe. Saudável será a postura do educador que sabe, mas que procura a universidade para saber mais, para poder ser mais e dar mais aos outros.

Simpatizamos de modo particular com a filosofia do *coaching* quando faz referência à capacidade ou potencial que os seres humanos têm de procurar e poderem encontrar as

respostas por si próprios. O *coach*-docente “não dará conselhos nem uma solução já feita, antes ajudará apenas o aluno a desenvolver os seus próprios recursos” (Pérez, 2009: 23).

Esta citação empurra-nos uma vez mais para a dimensão da singularidade. Como educadores devemos dar a cada aluno a atenção que ele verdadeiramente merece, porque é diferente de todos os outros. Ora o nosso ensino está organizado para o grupo, para um aluno que é o resultado da soma de todos os outros alunos. Está ainda organizado para darmos uma maior atenção ao aluno com dificuldades, ou com problemas, ou porque é simplesmente diferente. Tendo consciência desta situação, é pertinente também refletir sobre ela no contexto de supervisão. O supervisor que idealizamos para a nossa escola não é aquele que leva o saco cheio de coisas para ver, mas simplesmente aquele que leva o saco vazio para encher daquilo que vai ver, para depois refletir, partilhar, contribuindo, na linha de Schon, para a formação do professor reflexivo.

O nosso investimento e a postura que pretendemos cultivar, é uma postura voltada mais para a pessoa e menos para o papel. As ferramentas de observação, na nossa perspetiva, têm sobretudo interesse para a fria e pobre avaliação do desempenho e menos para a supervisão, onde a pessoa do supervisor se envolve, se aproxima, se angustia com os erros que ajuda a corrigir, se delicia com as vitórias que convida a celebrar, com a certeza de que também falha e não tem receio de expor essas falhas e aprender com elas. Temos verificado que a formação eficaz é aquela que é feita no terreno com pessoas do terreno. Os professores têm tendência para acreditar mais nos formadores que fundamentam a sua opinião em episódios que ocorreram em escolas com nomes, e entre alunos e professores com nomes.

“A esmagadora maioria dos estudos sobre a eficácia da escola aponta para a ideia de que a formação contínua de professores deve ser realizada em contexto, na própria instituição, e focalizada nas necessidades dos docentes ao nível do trabalho na sala de aula. Levine e Lazzote (1990), por exemplo, mostraram que a realização de cursos intensivos, ou excessivamente localizados no tempo, por especialistas externos, estava associada negativamente com a eficácia das instituições” (Lima, 2008: 213).

Na organização onde trabalhamos, todos os anos há um investimento significativo na formação humana, espiritual, académica e profissional dos educadores docentes e não

docentes. Investimento de tempo e investimento em recursos materiais e humanos. Formação fora da escola com formadores externos e formação dentro da escola, com formadores externos ou entre pares.

1.1.2. O empenho no desempenho

“Duvido que tal sistema já exista e que permita reconhecer o mérito dos melhores, valorizar o trabalho dos que são apenas bons e afastar aqueles que, por razões objectivas, não podem continuar a exercer a profissão de professor... o défice de avaliação do desempenho docente é claramente uma das causas do défice da qualidade da educação em Portugal, em especial do ensino público” (Justino, 2010: 81).

Para uma melhor compreensão das escolas enquanto organizações e como ponto de partida para uma análise do seu funcionamento organizacional, Costa (2007) recorre à metáfora da “hipocrisia” a partir do pensamento de Nils Brunsson, para caracterizar posturas e comportamentos de “cidadãos” que vivem numa “anarquia organizada”. Brilhante, em nosso entender, a forma como a realidade nos é apresentada. Desconstruindo e despindo a capa que protege as organizações escolares, revela-nos uma nudez sem preconceitos, exibindo com naturalidade o que habitualmente anda consciente ou inconscientemente escondido ou envergonhado. Brilhante ainda, porque nos apresenta uma nudez provocadora mas, moralmente sã, socialmente assumida e desejável, e ainda necessária para a compreensão da realidade organizacional.

No reino da “hipocrisia organizada” a terra parece não ser de ninguém. Uma terra de ninguém nunca será verdadeiramente querida e amada, mas viverá sempre ao sabor de quem por lá passa. Estamos a falar da necessidade de responsabilização dos vários agentes, pelo que de bom ou mau acontece nessa terra que deverá ser deles. Têm de viver lá e não passar por lá. Têm de trabalhá-la cuidadosamente e colher os frutos que nela semearam. E quando não houver frutos, que se sinta o sabor da fome e que se aprenda com ela. Na terra da “hipocrisia” tudo é de todos e de ninguém. O sucesso não tem nome e o insucesso também não. No reino da “hipocrisia” qualquer pessoa pode entrar; faça sol ou chuva intensa, haverá sempre um manto que encontrará boas e más razões para os proteger. Mas a verdade é que “As escolas e os alunos sabem, caso a caso, quem são os melhores” (Justino, 2010: 82).

Tal como se desconstrói a realidade para a analisar e compreender, que se desorganize a “hipocrisia” organizada nas escolas. Como? Desafiando as pessoas que sabem, trabalhando com as pessoas que querem, usando os mecanismos criados pelas pessoas que querem e sabem, filtrando ou afastando quem nunca se deveria ter aproximado, valorizando o singular responsável e com nome, abolindo os vícios do plural.

Ainda David Justino:

“Os professores têm um papel central nos processos de aprendizagem: são eles que ensinam e terão de ser eles a fazer aprender. Quando minimizam este seu papel, dificilmente poderão assumir-se como professores. Por isso, uma parte significativa da qualidade do ensino está dependente da qualidade do seu desempenho e da sua competência” (Justino, 2010: 81).

1.1.3. Supervisão

1.1.3.1. Supervisor

Homem super com visão, Homem super sem visão, Cego supervisor ou Simplesmente professor.

“O supervisor é alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino (para além da mera transmissão de conhecimentos), estimulando o autoconhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional” (Alarcão e Roldão, 2008: 54).

Ao longo deste trabalho temos evidenciado com frequência a importância da realidade mas, sobretudo, a importância dos olhares sobre essa mesma realidade. Temos consciência de que a maioria dos olhares que habitam a escola veem apenas alunos e professores que a própria escola fabricou. No contexto da supervisão parece-nos de uma pertinência enorme pedir ao supervisor aquela sabedoria que consegue ver para além daquilo que o olhar alcança. É necessário ter a consciência de que tudo o que a grelha mais ou menos bem construída contempla, são muitas vezes as evidências que, embora importantes, andam à volta do essencial. No colégio onde trabalhamos, e na nossa perspectiva de educadores, a pessoa é valorizada. Na verdade e com humildade, talvez seja mais correto dizermos que nos esforçamos para valorizar a pessoa. É essa pessoa com nome, que as grelhas feitas sem

nome muitas vezes não conseguem contemplar. Não somos adeptos do facilitismo nem da falta de rigor; temos analisado grelhas minuciosas e muito bem construídas que servem para registar objetivamente comportamentos, desempenhos, posturas, fidelidade ao planificado, linguagens utilizadas, etapas de uma aula, adequação de recursos a situações etc. Arriscando decepcionar Maria do Céu Roldão que tanto admiramos e que tanto nos tem ensinado, consideramos que esses instrumentos são sobretudo óculos, úteis para supervisores que precisam de lentes, mas que sem elas pouco veem. Acreditamos muito mais no olhar educado que olha o supervisionado inteiro, não partido em tabelas, e que regista simplesmente o que os seus olhos veem ou os seus ouvidos ouvem. Naquele preciso contexto. Àquela precisa hora. Com a postura daqueles alunos, naquela turma, completamente diferente daquela que reside na sala ao lado. Depois de uma aula de educação física. Antes ou depois de um teste. À última hora de uma sexta-feira...

No contexto da supervisão, conceito que nos agrada particularmente para avaliar formando e formar avaliando, tendo o supervisor uma sólida formação nessa área, estando no terreno e conhecendo muito bem o contexto em que atua, faz algum sentido introduzir o conceito de *coaching*, onde os sucessos e insucessos da formação/avaliação são partilhados pelo formando e formador.

“o *coaching* é uma técnica de desenvolvimento pessoal que tem como principal objectivo ajudá-lo a alcançar as metas que se propõe e facilitar melhorias nas suas competências, comportamentos, capacidades e atitudes, trazendo-lhe tanto uma melhor qualidade de vida como uma maior satisfação com a prática da sua actividade profissional diária... para além da capacitação técnica especializada no desempenho das funções docentes, que se dão por adquiridas, exige o domínio de uma série de capacidades pessoais e sociais que formam parte da nossa inteligência emocional e que nos ajudam a estabelecer e construir de uma forma mais adequada a relação com os nossos alunos” (Pérez, 2009:13).

“Quem é *coach* é também líder, e um líder tem três atributos principais: capacidade, conhecimento e ser um exemplo a seguir” (O’Connor e Lages, 2005, in Pérez, 2009: 23). Esta última característica parece-nos particularmente importante, na medida em que, por um lado, terá de contemplar em si as outras duas; por outro, porque é ela que comporta a legitimidade e a confiança. Ora ninguém desejará seguir um exemplo que não conhece. Logo, (não desprezando as exceções que sempre existem) embora o ditado diga que “santos da casa não fazem milagres”, estes terão naturalmente de os fazer. Gostaríamos de

acrescentar o conceito de sabedoria. Um professor com sabedoria é sereno perante pequenos ou grandes desafios. Essa serenidade é geradora de climas de confiança, na medida em que ela é baseada na convicção de que existem sempre recursos necessários para resolver situações incômodas.

O que mais nos agrada no conceito de *coach*, agora na perspectiva de treinador, é o facto de este saber que quando a equipa não tem repetidamente sucesso, ela é ajustada, mas não mudada, porque quem muda é o treinador. Dito de outra forma, é importante que o supervisor prove o agradável sabor das vitórias de quem é observado, mas que tenha também a coragem de digerir o amargo das pequenas ou grandes derrotas. Na nossa perspectiva a grande diferença entre o avaliador e o supervisor reside justamente no facto de o primeiro assistir na bancada enquanto que o segundo joga, sem medo de perder honestamente. Existe uma responsabilidade partilhada, declarada num compromisso, o qual se manifesta em ação que, por sua vez, produz resultados.

A supervisão traz consigo uma nova forma de encarar a avaliação devido ao seu carácter formativo, pressupondo o desejo de aperfeiçoamento do professor e o desejo de ser ajudado. Valoriza-se a reflexão do próprio professor sobre o seu desempenho e experiência e o processo de aprender como peça fundamental do percurso profissional do docente. Falamos da colaboração que imprime confiança e não na fiscalização que assenta na desconfiança reduzindo a eficácia, quando o objetivo é claramente a correção do erro e não a sua exploração.

“Poderíamos resumir as competências e funções do supervisor: Deve informar, questionar, sugerir, encorajar e avaliar. Deve ter uma atitude de abertura, flexibilidade, sentido crítico, disponibilidade. Deve ser portador de saberes (experiência e documental) do processo de supervisão, do processo de observação e da didática da disciplina, para poder observar. Deve ter a capacidade de descrever, interpretar, comunicar e negociar” (Vieira, 1993).

1.1.3.2. Visão e visões

Verdade e honestidade são duas palavras que encontramos com frequência ao longo desta reflexão. A nossa verdade é inseparável do contexto em que trabalhamos. Em educação, o amor e o respeito pelo ser humano, terão de ser sempre a verdade. As outras, hoje são,

amanhã talvez, depois de amanhã voltam a ser, e os nossos filhos poderão com facilidade vir a chamar-lhe mentiras. E não mentem, porque é verdade.

Vamos ser intencionalmente provocadores. A supervisão está na moda e, hoje, é uma moda bonita. Mais bonita que a moda da avaliação de desempenho que muitos olhos veem como demasiado distante, fria, regrada e pesada, embora uma e outra por vezes se misturem. Mas, entretanto, a moda *coaching* anda por aí e já tem muitos simpatizantes. É claro que as modas não aparecem por acaso mas nem todas as pessoas correm atrás delas apenas porque são modas.

Da bibliografia consultada e na sequência do que acabámos de dizer, destacamos aqui a imensidão de cenários nas práticas de supervisão, apresentados por Alarcão e Tavares (2007). Estes autores, que entendem supervisão “como um processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (Alarcão e Tavares, 2007: 16), encontraram práticas que agruparam em 9 cenários, sustentados em teorias de autores como Dewey, Allen e Ryan, Cooper, Houston, M. Cogan, R. Goldhammer, R. Anderson, E. Stones, Schon e Oliveira-Formosinho, entre outros: O cenário da imitação artesanal, da aprendizagem pela descoberta guiada, o cenário behaviorista, clínico, psicopedagógico, pessoalista, reflexivo, ecológico e cenário dialógico!

Só a análise de um daqueles cenários daria uma longa exposição. Como não é esse o nosso objetivo, fomos lendo com interesse, mas com uma angústia que se ia acentuando com o passar das páginas, porque alguns cenários, como por exemplo o da “imitação artesanal”, afastam-se demasiado do nosso conceito de supervisão. Descansámos quando, depois de quarenta páginas, “Os cenários têm uma existência mais real na cabeça das pessoas, sobretudo dos teorizadores ou investigadores, do que na realidade propriamente dita” (Alarcão e Tavares, 2007: 41). Os autores referem ainda que os vários cenários não se excluem mutuamente e todos eles contêm elementos válidos.

Com a humildade de quem tem consciência das suas limitações, não podemos deixar de expressar a nossa desilusão quando encontramos a definição já acima referida: supervisão “como um processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado,

orienta um outro...). Choca-nos profundamente o facto de constatarmos que a definição de supervisão aqui apresentada admite a possibilidade de alguém menos experiente e menos informado poder orientar outro que, pelo que ficou dito, poderia ser mais experiente e mais informado! Ainda a este propósito, “muita da controvérsia acerca da prática de supervisão está refletida em diversas definições” (Formosinho, Júlia, 2002: 135). Ainda na mesma obra e explorando o lado perverso de um conceito de supervisão que nos desencanta: “As tendências atuais no sentido de uma confiança crescente nos diretores das escolas e/ou no ensino de pares no âmbito de serviços específicos de supervisão levantam questões sérias acerca da sua eficácia, bem como acerca de papéis e funções conflituosos” (Formosinho, Júlia, 2002: 137).

As culturas colaborativas revestem-se de alguma complexidade e não podem ser criadas repentinamente. Para além disso é necessário que sejam acompanhadas de um desenvolvimento individual atento e motivador, não esmagando a riqueza da individualidade.

A supervisão traz consigo uma nova forma de encarar a avaliação devido ao seu carácter formativo, pressupondo o desejo de aperfeiçoamento do professor e o desejo de ser ajudado. Valoriza-se a reflexão do próprio professor sobre o seu desempenho e experiência e o processo de aprender como peça fundamental do percurso profissional do docente. Falamos da colaboração que imprime confiança e não na fiscalização que assenta na desconfiança reduzindo a eficácia, quando o objetivo é claramente a correção do erro e não a sua exploração.

Ancorando-nos no estudo de Alarcão e Roldão (2008), supervisão é ambiente formativo estimulador, foca-se na reflexão acerca da prática e tem como objetivo apoiar e regular o desenvolvimento através de *feedback*, questionamento, encorajamento, recomendações, sínteses e esclarecimentos conceptuais. Esta visão é inteiramente assumida e reforçada por Isilda Afonso (2009: 77).

1.1.3.3. Comunidade aprendente

“Sugerimos, portanto, que a todos os níveis, se canalize uma boa proporção dos recursos destinados ao desenvolvimento dos docentes, não para workshops e acções de formação contínua, mas para a criação de oportunidades para os professores aprenderem uns com os outros, observarem-se mutuamente e desenvolverem redes de contactos entre si” (Fullan e Hargreaves, 2001: 174).

“ Antonio Gil não conseguia deixar de pensar como é que os seus colegas ensinavam. Levavam consigo essa visão pessimista ou deixavam-na à porta? Apercebeu-se que, desde que viera para aquela escola, nunca tinha assistido a qualquer aula dos seus colegas, assim como ninguém tinha assistido a uma aula sua. Como é que eles lidavam com situações difíceis? Que aprendizagem real acontecia nas aulas dos seus colegas? E na sua própria aula?” (Macbeath et al, 2005: 69).

No contexto da profissão e diferenciação docente e dos caminhos tortuosos que lhe podem estar implícitos, considerando a existência de uma cultura docente individualista paralelamente a uma cultura organizacional burocrática que caracteriza a maioria das nossas escolas, Formosinho et al. (2010: 84-85) alertam para o risco de a especialização poder ser, por um lado, apenas um “processo de enriquecimento individual”; por outro lado, proporcionar o surgimento de “territórios exclusivos” onde se desenvolve um trabalho impossível de controlar, porque isolado ao lado de outros com as mesmas características. Assim, é preconizada uma lógica de “especialização por integração”, através de um trabalho desenvolvido em equipas interdisciplinares, que tem como base uma cultura colaborativa apelando ao trabalho em grupo.

“ As escolas que “avançam” (aprendizagem enriquecida), em vez das que estão estagnadas (aprendizagem empobrecida) (Rosenholtz, 1989), são locais onde normalmente se mantêm valores e propósitos centrais, oportunidades regulares e frequentes para a partilha de experiências, a troca de ideias, as normas de colegialidade, a observação de colegas, a revisão e a experimentação” (Day, 2004: 207).

Na escola onde trabalhamos promove-se a formação integral do aluno. Então, é evidente que temos de promover igualmente a formação integral do professor. Neste sentido é importante olhar para o docente enquanto pessoa integral e não apenas como um amontoado de défices ou competências. Sabemos que o ensino particular proporciona às pessoas que nele trabalham um conforto que, por norma, é muito superior ao sentido nas escolas estatais. Encontrámos, no entanto, os vícios característicos desse conforto:

cristalização de docentes protegidos pela redoma que os protege da obrigatoriedade de formação e atualização para progressão na carreira, bem como a ausência dos defeitos e das virtudes do incômodo da presença da avaliação de desempenho ou de qualquer mecanismo de supervisão. Assim, foi e é necessária prudência na implementação de mudanças. É também altura para dizer que, um bom supervisor na escola terá de ser alguém que conheça o pulsar do seu coração: um coração forte, porque muito treinado, mas frágil e demasiado ansioso perante a novidade e os receios da mudança.

“Há aqui um *efeito de rigidez* que, num certo sentido, torna os professores indisponíveis para a mudança. E é verdade que os profissionais do ensino são por vezes muito rígidos, manifestando uma certa dificuldade em abandonar certas práticas, nomeadamente quando foram empregues com sucesso em momentos difíceis da sua vida profissional“ (Nóvoa, 2000: 16-17).

No ano letivo 2009/2010 introduzimos no nosso colégio um mecanismo/projeto a que chamámos justamente Comunidade Aprendiz. Este projeto tinha e tem como principal objetivo abrir as portas da sala de aula, promovendo a partilha e a aprendizagem entre pares e o combate ao isolamento.

“[O Ministério da educação] decreta alterações profundas nos tempos letivos, nos modelos de ensino e de estudo, na organização curricular das turmas, mas cada professor continua a fazer o que quer dentro da sua sala de aula, sem que alguém saiba o que realmente aí se passa, o que, por sua vez, também não constitui problema para ninguém” (Azevedo, 2011: 80).

Durante o ano letivo cada professor, obrigatoriamente, tem de assistir a cinco aulas de diferentes colegas. Não é necessário que sejam do mesmo grupo disciplinar, uma vez que o professor assistente pode, por exemplo, estar sobretudo interessado em observar aspetos relacionados com a pessoa e não com o aluno. Pode, por exemplo, estar interessado em perceber quais as razões que levam determinados alunos mais rebeldes ou menos interessados a simpatizarem em particular com determinado docente ou determinada disciplina. Pode estar interessado em conhecer melhor os seus alunos e analisar a sua postura em aulas de teatro, de música, ou de educação física, mesmo sendo ele professor de matemática. Pode estar interessado em perceber por que razão determinado colega nunca tem problemas de indisciplina. Pode estar interessado em perceber porque

determinado colega é tão feliz na escola. Pode querer aprender. Pode ir assistir a uma aula, apenas porque é obrigado.

O professor poderá ou não aceitar ter determinado colega a assistir à sua aula. Não é adotado qualquer tipo de grelha de observação, nem é exigido qualquer tipo de registo. O que faz ou o que não faz durante a aula assistida fica inteiramente ao critério do professor que assiste. O grande objetivo a atingir é a abertura natural das portas das salas de aula solidificando aos poucos um clima de confiança, partilha, crescimento mútuo e melhoria contínua. “Dado que o isolamento é um dos principais inimigos da melhoria, uma direção pedagógica deverá contribuir para criar uma visão partilhada da escola” (Bolívar, 2012: 88).

Há professores que saem da sala como entraram: em silêncio. Há outros que preparam uma ligeira intervenção em sintonia com o professor que leciona. Há ainda outros que se sentem interpelados e colaboram, ajudando pontualmente os alunos ou o colega docente.

Foi criada uma base de dados onde cada diretor de ciclo vai registando as aulas que vão sendo assistidas no seu ciclo: quando, quem assiste, quem deixa assistir. No final de cada ano letivo o diretor pedagógico partilha, em reunião geral, o gráfico anual com todos os docentes. O professor que assistiu a mais aulas e o professor que mais aulas deixou assistir preparam uma comunicação sobre a experiência vivida, para essa mesma reunião. Constatamos que muitos professores assistem apenas a quantidade de vezes definida como obrigatória. Muitos outros assistem a muitas mais. Hoje esta cultura está instalada no colégio e todos reconhecem os seus benefícios.

“Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (Nóvoa, 2000:17).

1.1.3.4. **A pobreza do solitário**

“Tal como a docência, também a atividade supervisiva não pode ser uma ilha isolada” (Alarcão e Roldão, 2008: 60). Esta ideia do isolamento profissional dos professores é

também reforçada por Fullan e Hargreaves quando afirmam que esse isolamento limita o acesso dos docentes a novas ideias e, em casos de stress, faz com que este seja interiorizado e acumulado. A sala fechada facilita também não só a existência, como a continuação da incompetência, com os prejuízos que lhe estão associados.

Este isolamento, proporcionado em grande parte pela opacidade do betão e pela estrutura organizacional da escola, está fortemente enraizado. Ora, em nossa opinião, o supervisor solitário e isolado poderá sofrer do mesmo mal, uma doença que facilmente contagia porque é protetora de fragilidades. Existem muitos professores que lutam sozinhos pela sua sobrevivência nas suas celas fechadas, evitando comentários, mas regredindo para a mediocridade.

“Estou nesta escola há dez anos e, é curioso, penso que talvez tenha sido a escola que me moldou à sua imagem. Não sou uma missionária ou uma inovadora mas talvez o pudesse ter sido noutra escola. Penso que há muitas coisas que eu poderia aprender a ser. Creio que me tornei naquilo que sou por causa do tipo de escola que é” (Macbeath et al, 2005:110).

1.2. Ensinar

1.2.1. Concepções de docência

A atividade docente é encarada de diferentes formas pelos próprios professores. Da literatura consultada sobre concepções de docência, ancorámos a nossa reflexão nestas quatro concepções: militante e missionária; laboral; funcionarista e a concepção profissional (Formosinho et al., 2010: 78-80).

Relativamente à primeira, a docência é encarada como uma missão, uma entrega total dentro e fora da sala de aula. Empenhamento é a palavra usada pelos autores para, neste contexto, se poder caracterizar o bom professor. Na concepção laboral o que está em causa são os deveres do trabalhador. Será um bom professor quem cumprir as tarefas que lhe forem atribuídas. A concepção funcionarista evita a diferenciação entre pessoas, as quais são iguais perante a lei. Realça-se a condição de funcionário público do professor. Por último, na concepção profissional acentua-se a autonomia e a especialização do docente que controla o processo de trabalho, onde o enquadramento institucional fica reduzido à regulação burocrática. Esta última concepção não partilha da ideia de indiferenciação da

docência e aceita uma carreira docente vertical, com progressão e promoção por mérito e formação.

Para além das concepções apresentadas surge o superprofessor, suportado pela concepção missionária e partilhado pela concepção laboral, como um professor indiferenciado, um generalista “potencialmente capaz de assumir sem preparação adicional, todas as especializações funcionais” (Formosinho et al., 2010: 81).

No contexto das concepções de docência apresentadas pelos autores, gostaríamos de ter encontrado uma quinta concepção: educador. Encontrámos esta palavra uma vez, no contexto do superprofessor “ele diz também que todo o professor deve ser actor e educador moral e social” e associada a um perfil de professor que é tudo e quase nada, favorecendo a ideia da indiferenciação o que, em nossa opinião e considerando o perfil de educador a que nos referimos, não faz qualquer sentido. É verdade que estas diferentes concepções não são compartimentadas e o educador passeia um pouco por todas elas, em particular na primeira, onde a docência é encarada como uma missão. Ainda assim, na nossa perspectiva, quando o tema é educação, é redutor pensar em alunos sem termos em conta a pessoa. O professor está para o aluno como o educador está para a pessoa. E a pessoa é o aluno. O educador terá de estar sempre atento à singularidade do aluno e à singularidade da pessoa, tendo como grande objetivo aproveitar ao máximo o seu potencial. O educador vive, em nossa opinião na dimensão do ser, ao passo que o ter (na escola) será sempre uma consequência mais do que um objetivo. Assim, o educador não se enquadra na concepção missionária *light* que não contempla a diferenciação e que, baseando-nos no texto que referimos, subtilmente, roçaria as paredes da incompetência. Mas não se enquadra igualmente nas concepções que apostam no ter, investindo em profissionais que, sendo portadores de uma formação académica consistente, têm muito e são muito pouco, porque a sua grande aposta foi neles próprios e não nos filhos que são confiados às escolas. O nosso conceito de educador não se compadece com a incompetência nem com a indiferenciação porque tanto uma com a outra andam próximas da desonestidade, palavra que deverá ser afastada do dicionário do educador.

[o educador] “toca não só aspectos externos ou parciais da educação, mas sobretudo exerce uma actividade que atinge o todo do homem e a sua profundidade, como acontece com o verdadeiro mestre” (Cunha, 2005: 42).

No âmbito da especialização docente e diferenciação dos professores, faz todo o sentido que, considerando a formação especializada, se rentabilize esse conhecimento no desempenho de funções e cargos especializados. Em nossa opinião é uma tolice próxima da infantilidade, por exemplo, a atribuição de determinados cargos por rotativismo. É indispensável a formação humana, científica, pedagógica e especializada para o desempenho de determinados cargos. E não se deve excluir nenhuma delas porque todas são de importância determinante para o bom funcionamento das escolas, para a criação de climas favoráveis de aprendizagem e para o sucesso não só dos alunos como também dos professores.

A complexidade da e na avaliação deverá deixar-nos a angústia inerente a essa complexidade, mas também o conforto de que os debates mais ou menos acesos, a diversidade de opiniões, os estímulos e as revoltas, são característicos de quem procura sempre mais, de quem se incomoda, de quem sai para olhar para dentro e, sobretudo, a certeza de que em avaliação poderá não haver justiça mas terá de haver sempre honestidade. Voltámos à chave que, em nosso entender poderá abrir não a porta da perfeição, mas a janela que nos convida seguramente a adotar uma postura mais construtiva.

Honestidade quando qualquer pessoa pode ser professor? Honestidade quando sabemos que os alunos nunca serão indemnizados pelo mal que maus profissionais lhes fazem? Honestidade quando professores incompetentes são ou podem ser naturalmente promovidos? Honestidade quando quem avalia não tem qualquer preparação para avaliar? Honestidade quando nas escolas existem excelentes professores com um reconhecimento bastante inferior ao de quem por lá passeia? Honestidade quando conhecemos a fragilidade dos motivos que movem a avaliação de desempenho e a progressão ou estagnação dos docentes?

Paramos, porque temos a certeza de que o caminho não é por ali. Em nossa opinião, nesta matéria, como noutras, nunca haverá consensos. Não são as fragilidades do sistema que nos incomodam. O que nos angustia profundamente é a sensação de desonestidade que acompanha todo este processo. Se excluirmos os indivíduos “que dão, ou nem sequer dão aulas” e que nunca deveriam estar nas nossas escolas, qual o professor que não teria prazer em aprender e crescer profissionalmente acompanhado por um colega com muito para lhe

dar e com formação sólida para o avaliar? Que pessoa honesta não teria prazer em progredir ou ver progredir os docentes que diariamente dão provas de que o merecem?

A nossa convicção é de que qualquer sistema ou mecanismo será sempre um sistema ou mecanismo imperfeito. O importante são as pessoas. Se assim não for, continuaremos a divertir-nos ou a angustiarmo-nos com o superficial quando o segredo mora no essencial que não se aborrecerá se hoje lhe chamarmos apenas honestidade.

1.2.2. Fazer cada aluno aprender

“As escolas precisam de se concentrar bem na sua missão de ensinar bem e de fazer aprender bem, incentivando as boas práticas profissionais, construindo compromissos partilhados de melhoria gradual, avaliando-os e corrigindo-os, ano a ano, com muito trabalho, de preferência integradas em redes colaborativas de entreajuda” (Azevedo, 2011: 119).

Fazer cada aluno aprender. Cada aluno. Cada pessoa. Mais do que ensinar, importa termos consciência de que ensinamos a alguém. De que nos compete fazer alguém aprender. Esta questão leva-nos uma vez mais para a singularidade do aluno e da pessoa. Leva-nos também para o ensino individualizado e diferenciado.

Na escola de massas, considerando o grupo turma e a forma como as nossas escolas estão organizadas, é com receio que falamos de ensino individualizado. Já não nos parece nada difícil falar de ensino diferenciado. Aqui reside grande parte do sucesso de todos e de cada um. O aluno tem consciência de que não tem um professor apenas para ele. A maioria dos alunos nem sequer desejaria isso, porque, naturalmente, anseiam ser um do grupo a que pertencem. É, no entanto, com conforto, que o educando observa e reconhece o esforço do educador em responder às suas necessidades e preocupações, sem isolar, sem excluir, mas tendo presente as suas características enquanto pessoa e enquanto aluno.

Com alguma frequência somos confrontados com o excesso de trabalhos para casa, ou a escassez dos mesmos. Com a mesma frequência, temos respondido que os trabalhos não têm de ser muitos ou poucos, mas sim os necessários. Acontece que, para serem os necessários, nunca poderemos falar da turma, mas do aluno. Não poderemos falar de todos mas de cada um. Em cada sexta-feira, cada educador tem de ter o conhecimento e a

sabedoria para poder recomendar dez páginas de exercícios ao António, duas ao Manuel, uma leitura à Isabel e um bom passeio na praia com os pais à Madalena.

Quando se prepara uma determinada atividade ou apresentação, é necessário que na sua conceção e planificação se tenha sempre presente o facto de os intervenientes não serem turmas, mas alunos. Para o envolvimento saudável de todos, é necessário que essa atividade contemple diferentes níveis de intervenção, de modo a que se peça a cada um aquilo que ele tem condições para dar. Neste como noutros contextos, não podemos deixar de realçar o facto de os alunos considerados bons terem necessidade da mesma atenção que os considerados menos bons. Com a mesma exigência, potenciais diferentes, objetivos diferentes.

1.2.3. Um modelo de avaliação que avalia e ensina

Apoiando-nos nas ideias que temos vindo a expor e no pouco ou no muito que temos vindo a aprender mas, sobretudo, a viver intensamente, acreditamos profundamente que, na saudável compreensão da pessoa e da sua singularidade, residem os grandes segredos para os pequenos e grandes sucessos. Segredos que, na maioria das vezes, apenas esperam que outros os saibam despertar. Não assustar.

“A escola inclusiva está centrada nas pessoas e nas aprendizagens. Recusando uma pedagogia padronizada em torno de programas uniformes e indiferentes às características de cada um, orientada pelos rituais burocráticos para decidir quem passa e quem chumba, a educação inclusiva centra as aprendizagens nas características e necessidades de cada pessoa” (Baptista, 2010: 135).

Neste sentido remodelámos o modelo e registo de avaliação periódica dos alunos do nosso colégio, abolindo a grelha e os itens programáticos enfeitados de cruces mais à direita ou mais à esquerda para nos centrarmos no aluno. Em cada aluno. Na pessoa. Em cada pessoa. Desvalorizámos conscientemente a lista de parâmetros observáveis que todos conhecemos, para nos centrarmos no José, no Manuel ou na Catarina. Em casa, quando os pais lerem, comentarem e assinarem as avaliações dos filhos, terão de sentir claramente que os educadores estão a falar do José, do Manuel ou da Catarina, e não a avaliarem um aluno

que tem um número para sua identificação, que lhe atribuem números para o classificarem e cruces para o avaliarem.

O professor, no final de cada período considera os aspetos relevantes para cada aluno e não aqueles que estariam na grelha, os quais pertenceriam a todos e a ninguém. Para cada um desses aspetos a considerar para cada aluno, o educador aponta obrigatoriamente caminhos de melhoria, tendo em conta as suas características e o seu potencial. Os bons alunos necessitam da mesma atenção que os seus colegas com aproveitamento mais fraco porque o potencial e os objetivos dos primeiros são mais altos e as expectativas também.

No início, alguma resistência por parte de alguns educadores. Esperávamos essa resistência. Solicitámos a fundamentação para essa resistência. Rapidamente se concluiu que os inconvenientes estavam apenas relacionados com o aumento de trabalho para os educadores. Tínhamos consciência de que, ao propormos este modelo, o tempo que cada professor teria de investir na reflexão sobre cada aluno teria de duplicar ou triplicar. Assim foi, assim é, e estamos a colher os frutos desta opção. Maior rigor, porque também maior é a exposição dos professores. Maior atenção a cada um, porque o educador olha para um rosto, em vez de olhar para uma grelha. Mais interesse e uma monitorização mais cuidada, porque existe compromisso escrito. Menos gelo, mais coração.

Quando implementámos o novo modelo, foram estes os objetivos apresentados aos educadores:

1. Centrar a avaliação no aluno e na sua singularidade, dando a cada um a atenção que verdadeiramente merece.
2. Evitar considerações globais ao nível do comportamento e do aproveitamento.
3. Evitar expressões genéricas e indiferenciadas.
4. Desvalorizar uma avaliação estática ancorada na fundamentação da nota atribuída.
5. Abolir a metodologia de cruces voltada para itens programáticos, e incentivar uma reflexão centrada no aluno.
6. Identificar claramente aspetos que merecem ser considerados, apontando para cada um as estratégias que se considerem adequadas.
7. Monitorizar a eficácia das estratégias definidas pelo docente tendo em vista o sucesso do aluno e não o seu “rótulo”.

8. Ter presente e disponível em cada momento de avaliação toda a informação registada anteriormente pelo professor ou pelos colegas de grupo disciplinar.
9. Cultivar uma linguagem de quem conhece e se interessa verdadeiramente pelo aluno.
10. Avaliar mais e classificar menos.

1.3. Cooperar

“Já imaginou o bom que seria se alguém, de vez em quando, lhe dissesse de forma clara e honesta o que pensa do seu trabalho e o que poderá fazer para melhorar? Quantos erros poderia corrigir e quantas imperfeições limar? Já para não falar da hipótese de o poderem ajudar com as suas dificuldades e trabalhar consigo para as colmatar ou pelo menos evoluir nesse sentido. Já pensou como seria? Aproveite para o fazer com os seus alunos” (Machado, 2011: 63).

O que nós somos ouve-se muito melhor do que aquilo que nós dizemos. Os nossos alunos e colegas de trabalho respeitam-nos sobretudo pelo que somos. Com facilidade encontramos educadores que transmitem verbalmente valores louváveis, sem se aperceberem que a mensagem dificilmente passa porque vai vazia, sem o seu grande suporte: a vida. É apenas uma mensagem de palavras. Sabemos que a cooperação entre alunos faz milagres. Entre educadores fá-los também.

“*Conceber a escola como tarefa coletiva é transformá-la num lugar onde se analisa, discute e reflete, em conjunto, sobre o que está a acontecer e sobre o que se pretende alcançar. É partilhada a convicção de que se as pessoas trabalharem em conjunto, todos podem aprender uns com os outros, podem partilhar as realizações profissionais e pessoais, e também as dificuldades e problemas existentes no ensino*” (Bolívar, 2012: 128).

É importante recordar com frequência que a cooperação entre os educadores é um fator de crescimento individual e coletivo e contribui decisivamente para a criação de um bom clima de escola. “...e a partilha de ideias entre colegas, a observação recíproca de aulas, o *feedback* sobre as respetivas práticas e o trabalho conjunto para melhorar os processos de ensino” (Lima, 2002 in Lima, 2008: 199).

Parece-nos igualmente importante estimular o sentido de pertença dos alunos e dos educadores, a par da clareza dos princípios que evidenciam a identidade da escola. A

cooperação é naturalmente estimulada quando há uma proposta educativa clara e conhecida, que é lembrada diariamente e que não se reduz a um molho de palavras bonitas amordaçadas numa pomposa encadernação.

²⁷Apresentamos hoje o Plano de Atividades para o presente ano letivo. Atividades com objetivos, inseridas em áreas formativas e disciplinares com objetivos, numa escola também ela felizmente com objetivos. Não temos nada contra os objetivos, pelo contrário, é claro para todos que, “se não soubermos para onde vamos nunca conseguiremos encontrar os caminhos para lá chegar”.

Gostaríamos, no início deste ano letivo, que paralelamente a esses objetivos mais ou menos claros, escritos ou simplesmente desejados, cada um de nós olhasse para si... e gostasse de si, porque é único; olhasse para os outros... e gostasse dos outros porque são únicos; olhasse para nós... e gostasse de nós porque somos comunidade.

Depois, em segredo e enquanto as qualidades e defeitos se abraçam longamente à frente dos nossos olhos, cada um de nós, abraçando ainda aquele abraço, sussurre simplesmente para si mesmo: Vou dar o meu melhor.

Para mim, Director Pedagógico desta escola que amo, porque vos amo, isso basta-me.

José Morais, Diretor Pedagógico

Em nosso entender, a cooperação que se deseja e na qual se acredita tendo em vista o clima de trabalho saudável e o sucesso de todos e de cada um, é muito facilitada quando está presente na hora da elaboração dos projetos e das atividades. Temos aprendido ao longo destes anos que é mais difícil conseguir verdadeira e eficaz cooperação, quando o projeto é de uma pessoa e essa pessoa pede a colaboração de outros para o desenvolvimento do seu projeto. A cooperação ganha nova alma quando todos os intervenientes conseguem chamar seu, ao projeto que estão a desenvolver. Quando o projeto nasce de ideias, tarefas e responsabilidades partilhadas. Quando cada um dos envolvidos sente que faz parte dele. Concluímos, deixando clara a ideia de que a cooperação tem de estar presente e começa na hora da conceção e planificação dos projetos e atividades, e não apenas durante a realização dos mesmos.

²⁷ Texto de apresentação do Plano Anual de Atividades 2011/2012

PARTE V – O CORAÇÃO DA ESCOLA

“Se eu descrevesse agora a pureza iria construir uma ordem de palavras diferente da tua e diferente da minha amanhã, ontem. Esta é uma certeza evidente. É assim porque eu e tu somos diferentes, porque eu agora sou diferente de eu amanhã, eu ontem. Os filósofos tiraram essas conclusões antes da eletricidade. Não há um grande mistério nessa ideia apesar de ser a tentação de um poço e, já sabes, os poços servem sobretudo para cair. Não deixes que esse pormenor te impeça de nada”

José Luís Peixoto

1. Pessoas reais

O professor José Matias Alves, com a postura e a escrita inspiradoras que o caracterizam, no dia 1 de Dezembro de 2011, partilhou no seu blog Terrear²⁸ uma apresentação subordinada ao tema “Avaliação, monitorização e melhoria das escolas – o contributo do SAME”. Lia-se no sexto diapositivo: “16 verbos para suportar e incrementar o apoio às escolas e agrupamentos”. Os verbos eleitos foram: acreditar; construir; exigir; definir objetivos; reconhecer; desafiar; praticar outra avaliação pedagógica; Des envolver dispositivos de autoregulação e avaliação; voar; aliar; ligar; substituir; reencontrar; liderar; cooperar; comprometer e investigar.

Curiosamente, ao longo deste trabalho já nos ancorámos nalguns verbos para transmitirmos o que temos aprendido, o que temos vivido, o que temos visto e sonhado, aquilo em que acreditamos e, sobretudo, onde continuam a residir os pilares da nossa esperança: Ser, Ver, Amar, Rezar, Aprender, Ensinar, Cooperar.

Como todos sabemos, mais importante do que conhecer os verbos, importa sabê-los conjugar. Ancorando-nos nesta ideia, decidimos abandonar o infinitivo impessoal e

²⁸ Terrear: <http://terrear.blogspot.com>

dedicarmo-nos à sua conjugação, explorando a dimensão pessoal que nos é tão querida e da qual tanto temos falado. Ser é diferente de eu sou; Aprender é diferente de tu aprendes; Ensinar é diferente de ele ensina; Amar é diferente de nós amamos; Rezar é diferente de vós rezais; Ver é diferente de Eles veem! Eu tu ele nós vós eles, são o segredo simples da conjugação.

A pessoa. As pessoas. A realidade. Os olhares. A poética da pessoa no espaço educativo poderá facilmente transportar-nos para mais além da realidade que se vê. Poderá facilmente transportar-nos para a realidade que se sente. Não escondemos que é especialmente essa que nos interessa. Sim, mesmo num trabalho académico. O coração da escola é o coração das pessoas que nela habitam e, como já sabemos, a “educação é um assunto do coração.”²⁹

Resolvemos olhar para as pessoas que trabalham diariamente ao nosso lado com estas lentes do coração. Porquê estas lentes? Porque intencionalmente procurámos o lado bonito e verdadeiro que existe na pessoa inteira. Curiosamente é tão fácil encontrar e descrever esse lado. Curiosamente bastou querer procurá-lo. Infelizmente não o vemos nem o sentimos todos os dias, mas talvez baste lembrarmo-nos que ele existe. Todos os dias. E que faz a diferença. Nestes últimos anos em que temos a nosso cargo a direção pedagógica de um colégio com mais de dois mil alunos, o que mais nos tem angustiado é termos esta consciência de que é tão fácil construir e acarinhar o tão desejado bom clima de escola. E que é tão difícil. Voltamos uma vez mais às lentes e ao olhar. Voltamos à pessoa. Provavelmente basta respeitá-la como ela é e ajudá-la a ser o que deve ser. Seja professor ou funcionário (preferimos educadores), sejam alunos ou sejam pais.

Escrevemos alguns textos curtos e simples sobre pessoas que trabalham diariamente connosco. Apresentaremos apenas alguns, porque não pretendemos ser maçadores. No entanto, caso não estivéssemos a produzir um trabalho desta natureza, preferiríamos deixá-los todos, sem comentários, para que cada pessoa que os lesse fosse tocada apenas nos e pelos aspetos que deveria ser tocada. Porque esses aspetos vivem silenciosamente no coração mas, sobretudo, no coração de cada um.

²⁹ S. João Bosco. Esta frase é um dos pilares da pedagogia salesiana.

1.1. O futuro sorri, mas continua em silêncio

Ele e ela. Os pais do José são lindos. Os seus corações também. Há catorze anos atrás, consigo, sem esforço, imaginá-los ainda mais lindos. Os seus corações também. Viveram assim com o belo por companhia. Viveram assim o presente de todos os dias. O futuro assistia em silêncio. Nove meses de esperança. A vida é fácil e linda quando tudo é fácil e lindo! O futuro assistia em silêncio.

Nasceu o José. O José era lindo porque todos os filhos são lindos. Saborearam, no entanto, uma beleza amarga inundada por um amor imenso que a tornava quase doce. Sabiam que apenas olhos inundados daquele amor conseguiriam ver a beleza que os seus olhos viam. Mistura de esperança, amor e pitadas de sofrimento foram o tempero de muitos jantares. E esperança, e amor, e sofrimento. E sofrimento, e esperança, e amor. Viveram assim o presente de todos os dias. O futuro assistiu sempre em silêncio.

Passaram anos. Inventaram âncoras. Agora é tempo de desafio, de coragem, de luta. O sofrimento adormeceu amordaçado. O problema são, serão, os outros olhos e os outros corações que irão olhar para o José e que irão amar verdadeiramente o José. Ou não. Um não em forma de interrogação. Seria tão bom apagá-la. Impossível. Não é uma, mas são tantas as interrogações. Interrogações que se vestem de injustiça, de impotência, de ansiedade, de um desejo profundo de mudar o mundo, ou apenas dizer-lhe que está distraído. Tantas interrogações. Tantos sonhos que tiveram de voltar a ser sonhados em sonos menos tranquilos. O tempo amadurece aqueles que passam por ele. A incerteza são, serão os outros que desconhecem estes sonhos que têm de voltar a ser sonhados.

O José é lindo. Os pais desejariam educar os olhares cegos que olham para o José. O olhar e as palavras dos pais do José tentam sensibilizar os olhares e as palavras que olham e falam para o José. Os pais vivem assim o presente de todos os dias. Juntinho à casa onde moram corre um ribeiro de esperança. O futuro sorri, mas continua em silêncio.

Ele, ela e o José. O José sorri, chora, cai, levanta-se, sofre e é feliz na escola onde nós sorrimos, choramos, caímos, levantamo-nos, sofremos e somos felizes. O José é uma pessoa real, como nós, e os seus pais também. Quanto mais nos interessámos por conhecer e compreender estas vidas, mais nos apaixonámos por elas. Poderia tratar-se apenas de um aluno, de um pai e de uma mãe, e seria apenas mais um aluno, um pai e uma mãe a passarem pela nossa escola. A partir do momento em que nos recusámos a aceitar apenas o aluno e o número e decidimos procurar a pessoa e o rosto, aí, sim, começámos a falar a linguagem do coração. A partir do momento em que nos recusámos a aceitar apenas os encarregados de educação mas decidimos procurar os pais do José, aí, sim, ganhámos outras lentes que nos ajudaram a ver com mais clareza a parte que compete a cada um de nós. Aí começámos a recusar-nos a ser ignorantes:

“Durante os últimos doze anos dediquei-me a estudar e investigar a educação de crianças e jovens surdos em instituições e em escolas regulares. O que mais me chocou nesse trabalho foi verificar a sua exclusão sistemática gerada apenas pela ignorância, não dos surdos, mas de sucessivas gerações de pais e educadores” (Baptista, 2010: 7).

1.2. Proença e Lisboa, matemática e português

O meu nome é Luís Martins, residente em Alverca, sou natural de Proença e tenho 33 anos.

O Professor Luís Martins é ainda um jovem. O cabelo, que ainda existe com alguma abundância, começa, no entanto, a abandonar zonas mais ventosas da sua cabeça bem feita, exibindo agora uma testa bastante maior do que aquela que nos apresentou há 11 anos atrás, quando entrou pela primeira vez no colégio. Fala sempre baixinho, cora com facilidade, orgulha-se de nunca ter faltado ao trabalho e gosta de dar atenção aos pormenores. Desde que terminou o curso ensina matemática no 2º ciclo. Os seus olhos sorridentes dizem-nos sem rodeios que gosta muito de ser professor. É diretor de turma. E, recentemente, coordenador do 5º ano. Os mesmos olhos, com um sorriso mais triste, partilham pequenas e grandes derrotas com quem sabe ver e ler outros olhos.

Em Novembro de 2011 foi a Proença, sua terra Natal, passar um fim-de-semana. Vestido da infância que ali passou, levou consigo um molho de recordações e perdeu-se nos pinhais a apanhar míscaros. “foi tão bom apanhar míscaros! Esqueci-me do tempo”. Referia-se ao tempo dos relógios porque o outro tempo, o da sua infância, esse não só não esqueceu como o trouxe até ao colégio, fresquinho, com sabor a míscaros e com o cheiro dos pinheiros que o seu nariz dificilmente esquecerá. É claro que se o professor Luís não tivesse nascido e vivido em Proença e se os seus pais não fossem camponeses, nunca conseguiria trazer para o colégio e para os seus alunos uma história linda de míscaros feios, tornando rica uma terra pobre.

O professor Luís Martins será sempre natural de Proença, a beira corre-lhe nas veias, o cheiro do campo dorme com ele e falará sempre de batatas de nabos de cabras e de míscaros de uma forma muito diferente daquela que a professora Aurora falaria, porque esta apenas respira Campo de Ourique. Que bom o professor Luís ser de Proença! Que bom a professora Aurora ser de Lisboa! Têm tanta sorte os alunos que ouvem ou vierem a ouvir falar de míscaros pela boca do professor e de Lisboa pela da professora! Curioso, quando distribuímos os professores pelas turmas pensámos apenas na matemática do professor Luís e no português da professora Aurora. Talvez fosse interessante pensarmos também nos míscaros dos pinhais de Proença e nos elétricos das ruas de Lisboa.

Tal como acontece com os alunos, também as pessoas que são professores correm o risco de se deixarem ficar fora dos muros da escola. Correm o risco de serem atores numa peça que anualmente se repete. O risco de serem protagonistas numa história que não é sua.

Temos intencionalmente reforçado ao longo deste trabalho, a importância da singularidade do ser humano. Pois bem, também os educadores são seres humanos. Únicos. Importa termos bem presente este facto e rentabilizá-lo com sabedoria, no espaço educativo. Temos consciência de que a pessoa que veste a capa de professor deve estar diariamente bem presente, revelar-se sem preconceitos e ser amada como é. “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” (Nias, J., 1991, in Nóvoa, 2000: 15). É evidente que, como temos vindo a sublinhar, excluimos deste cenário a incompetência e a desonestidade. Quando dizemos com clareza que a pessoa deve ser amada como é, e que as escolas têm obrigação de criar condições para proporcionarem dentro delas próprias uma sólida formação humana e profissional aos educadores, com a mesma clareza dizemos que nem todos podem ser educadores e que devem ser excluídos das escolas todos aqueles que, simplesmente, nunca lá deveriam ter entrado. “Os professores são a alma da mudança, sem bons professores não haverá melhor educação, e neles e na sua capacidade de trabalho em equipa deposito uma enorme esperança, alterando muitas das regras que definem tanto o acesso à profissão como o exercício da profissão” (Azevedo, 2011: 19).

Numa escola onde existe uma preocupação com o bem-estar de cada pessoa e com o sucesso de cada aluno e de cada educador, o ser e a maneira de ser de cada um deles tem de estar sempre presente na mente de quem tem responsabilidades dentro da organização. Sobretudo no início de cada ano letivo, na altura de distribuição de turmas, de cargos, de tarefas, de níveis de leccionação, o conhecimento da pessoa que vive em cada educador assume uma particular importância. Há que quebrar o gelo das grelhas e a velocidade do raciocínio informático, e colocar cada educador onde deve estar, usando também as mãos e, sobretudo, o coração. “O bom ensino envolve a cabeça e o coração” (Day, 2004: 151).

Se cada educador ficar onde deve ficar e lhe forem atribuídas as tarefas que ele sabe desempenhar, mais facilmente ele poderá dar o que sabe e quer dar. Mais facilmente poderá ser modelo a seguir. Maiores probabilidades haverá de ele se sentir bem consigo próprio e, conseqüentemente, mais facilmente conseguirá contribuir para que os outros se sintam melhor. “O próprio professor deve assumir-se como modelo de pessoa para os alunos... educa ou deseduca pelas palavras e, sobretudo, pelos actos” (Estanqueiro, 2010:108).

1.3. É bonita e tem um porsche

Eu sou a Maria do Carmo, residente em Lisboa, sou natural do Funchal e tenho 51 anos

08.05h, do dia quatro de Janeiro. Lá vinha a Carmo. Vinha tão bonita, a professora Carmo! Acabei de a ver entrar pelo portão cinzento, entregou um sorriso ao porteiro, distribuiu vários bons-dias aos alunos, os nossos olhos cruzaram-se e fez-me adeus com a mão direita. Depois andou um pouco mais apressada para ajudar uma aluna que mais parecia um bengaleiro. Tirou-lhe um saco pesado e dirigiram-se as duas para o átrio do 3º ciclo. A professora Carmo é assim. Todos gostamos dela porque ela é assim. É a Carmo. Ela tem um porsche. Também gostamos dela porque tem um porsche e porque nunca diz a ninguém que tem um porsche. O sotaque madeirense dá-lhe um certo encanto embora a maioria dos colegas ache que o sotaque madeirense não tem encanto nenhum. Mas na Carmo tem, porque a Carmo é simpática, atenta e diz sempre o que pensa sem ninguém levar a mal. É ela que compra sempre as prendas para os aniversários e obriga os aniversariantes a trazerem um bolo. Desde que a professora Carmo foi para o Secundário começámos a ver bolos mesmo nas mãos de pessoas que costumam ser menos doces.

O ano passado completou meio século de vida. Como nessa altura apenas trabalhava no 3º ciclo, todos os professores deste ciclo foram ao jantar de anos da Carmo. Foi uma festa tão bonita! A Carmo dançou imenso. Fez-nos dançar imenso. Nunca tinha visto uma escola dançar assim! A música tocada na festa esteve a cargo de um grupo de alunos que naquela noite não tinham cara de alunos. Naquela noite todos nos sentimos família da Carmo. Naquela noite foi tão bom ser família da Carmo. Ela também se zanga como todas as pessoas, só que com ela as zangas parecem a brincar. Todos achamos que a Carmo é muito feliz, e ela também. Se quisesse não precisava de trabalhar tanto, mas ela gosta de ser professora de inglês. Não se importa de passar muitas horas na escola. Mesmo quando tem os olhos vermelhos de cansaço... sorri. Porque a Carmo é assim bonita, a nossa escola fica ainda mais bonita por causa dela.

“Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de *segunda pele profissional*” (Nóvoa, 2000: 16).

1.4. João Assunção

Eu sou o João Assunção, residente em Lisboa, no Casal Ventoso, sou natural de Lisboa e tenho 52 anos

O Sr. João. O Sr. João Assunção. O João. O João Assunção. Quando entrou para o colégio veio fazer um pouco de tudo, porque tinha jeito para quase tudo e porque a vida não lhe tinha dado quase nada. Quando a escola o recebeu pela primeira vez as suas mãos já vinham grossas e calejadas. O coração não se via mas as mãos e os olhos diziam que também ele estava calejado. Entrou e sentiu-se logo em casa. A casa abraçou-o e ele deixou-se abraçar. Sentiu nessa altura como era bom sentir-se

abraçado e acarinhado por uma casa. Até ali conhecia apenas o abraço e o conforto que uma barraca sabe e pode dar. As pessoas abraçaram-no e ele deixou-se abraçar. Sentiu nessa altura como era bom sentir-se abraçado e acarinhado pelas pessoas. Até ali passaram por ele sobretudo abraços envergonhados, mascarados, doentes e alguns mesmo desfigurados.

Passado pouco tempo o Sr. João varria, lavava, pintava, carregava mesas e cadeiras, cortava os ramos das árvores, afinava as fechaduras, substituíam as torneiras e as lâmpadas, colocava vidros nas janelas, fazia todas as coisas que é necessário fazer para que uma escola se sinta bonita e mimada.

Passado pouco tempo o Sr. João começou a preocupar-se mais com as pessoas da escola do que com as paredes da escola. Vieram pedreiros, carpinteiros, eletricitas e outros especialistas para continuarem o trabalho que ele tinha começado. O Sr. João sentia-se cada vez mais educador. O conforto que o seu coração lhe dava já não vinha das paredes bonitas ou do jardim penteado. Vinha cada vez mais do sorriso dos alunos, das conversas com eles, dos encarregados de educação que o cumprimentavam e sabiam o seu nome, daquilo que os seus olhos viam e que outros não viam porque as mãos e o coração dos outros nunca estiveram calejados.

Passado pouco tempo o Sr. João passou a morar no pátio da escola. A sorrir no pátio da escola, a ser educador no pátio da escola, a ser pai e amigo no pátio da escola. Está mais velho e mais sábio e o pátio da escola também.

É Sábado, são 16.30h. Se agora fosse à escola encontraria o Sr. João no pátio da escola. A sentir-se bem no pátio da escola.

No contexto deste trabalho mas, sobretudo, porque gostamos muito de ler, olhar, refletir e viver intensamente a educação, temo-nos cruzado com muitos livros, palestras, encontros e debates sobre este tema. É com algum espanto, no entanto, que o funcionário educador (ou o não docente, como nós não gostamos de lhe chamar), peça fundamental, em nosso entender, para a criação e sustento de um ambiente educativo saudável, raramente é referido ou considerado.

Quem recebe todos os dias os alunos e os pais que entram pelos portões da escola não é um professor. O primeiro sorriso ou a ausência dele, o primeiro bom-dia mais ou menos sentido, dependem da simpatia e da formação da pessoa e do profissional que está na portaria. A última boa-tarde ou boa-noite, o último adeus da escola ao fim do dia ou o último até amanhã, geralmente não têm voz de professor. E que importantes são as primeiras e as últimas palavras na escola! Algumas escolas contratam empresas de segurança para tomarem conta das suas portas. Que pobreza! Como se a escola fosse uma prisão! Mais grave: presos os que nela habitam.

Logo de manhãzinha, com a frequência possível, não tanta como desejaríamos, temos acompanhado o Sr. porteiro, preferimos dizer Fernando, na sua tarefa matinal de receber todos aqueles que não entram de carro no pátio da escola. Olá, bom-dia, bem-vindo, que sono! já? está melhor? Que cara! Aquele Benfica! O sorriso, a palmada na mão, o sorriso, João, Maria, Madalena, Frederico, o sorriso, o sorriso, o sorriso. Durante este tempo vamos conversando e percebendo a importância daquele homem e daquele profissional, para que o dia e os dias na escola comecem a sorrir e terminem com um boa recordação. Enquanto ali estamos é tão fácil compreender as razões que levam tantos finalistas a escreverem nos seus testemunhos de finalistas palavras amáveis de amizade e de gratidão para com aquele homem e aquele profissional. Mais aquele homem. Seguramente. Se é que temos legitimidade para os separar.

Poderíamos continuar para os corredores, para os pátios da escola, para o ginásio, para a piscina, para o bar, para o refeitório, a sala de dança, a escola de música ou os campos desportivos. Estas pessoas e estes profissionais, com aquilo que são e com aquilo que dizem, ensinam outras matérias tão importantes como aquelas que são ensinadas nas salas de aula. Também aqui, em nossa opinião, é necessário um enorme cuidado na seleção e na formação destas pessoas. Na sua valorização.

“A escola actual está demasiado concentrada em transmitir conhecimentos, como se esse fosse o seu objectivo principal, que não é. Como vimos, a primeira finalidade da escola é formar cidadãos livres, autónomos e capazes de construir um mundo melhor. Neste processo o conhecimento é um meio importante, mas não o são menos os valores que hão-de moldar o carácter para o bem e para a virtude” (Baptista, 2010: 37).

Por outro lado, importa trabalhar no sentido de congregar, de criar laços para a construção de uma escola onde trabalham cada vez mais educadores, menos funcionários, menos professores e, acima de tudo, menos pessoas que dão aulas.

2. Escola: orgulho, desafio e cais de abrigo

O sorriso

Creio que foi o sorriso,

*o sorriso foi quem abriu a porta.
Era um sorriso com muita luz
lá dentro, apetecia
entrar nele, tirar a roupa,
ficar nu dentro daquele sorriso.
Correr, navegar, morrer naquele sorriso.*

Eugénio de Andrade

O título do nosso trabalho dá-nos alguma legitimidade para recorrermos à linguagem poética, no sentido de dizermos o que verdadeiramente nos vai na alma. De alguma forma, a escola é poesia. É madrugada da vida. É desafio. É descoberta. É milagre. Acreditamos profundamente que, se os educadores tiverem esta vontade e sensibilidade para a encararem com os olhos de um poema, talvez a escola seja mesmo “um sorriso com muita luz lá dentro” e, sobretudo, que “apetece entrar nele”. O passar dos anos e o amadurecer dos olhos e do coração, torna esta ideia cada vez mais clara e menos distante. Quando refletimos e vemos a escola nesta perspetiva, sentimos que estamos pertinho do essencial, do que importa verdadeiramente para o crescimento integral de seres humanos saudáveis, cooperantes, com capacidade de amar.

2.1. A Bíblia do João

Segunda-feira, 08.45h o João veio visitar-me. Uma mochila branca, pequena, na mão.

- Bom dia, posso sentar-me um bocadinho?

O João sentou-se, abriu a mochila e tirou dois livros: um, que não chegou a abrir, tinha sido oferecido pela mãe e contava uma história interessante, segundo o João, sobre um rapaz e um monstro. O outro livro, de capa castanha avermelhada, chamava-se Bíblia. Esta bíblia foi oferecida pelo avô e hoje gostava de ler um pouco da bíblia para eu ouvir. Começou num início já seu conhecido e leu com o entusiasmo que as letrinhas pequenas permitiam. Deus, a luz, o dia, a noite...

- Gostou? Pode ler aos seus filhos porque é muito giro.

De seguida, enquanto guardava os dois livros na mochila junto a uma pequena bola de esponja, disse-me que no fim-de-semana, a brincar, celebrou missa em casa. Usou pão e água, como se fossem a hóstia e o vinho. Divertiu-se muito e aconselhou-me também a proporcionar esta experiência aos meus filhos. Sorriu. Agora tinha de se ir embora.

- Querido João, desejo-te um dia lindo.

- Para si também. Obrigado.

Pensei mais uma vez o que tantas vezes pensei: Que bom ter o João nesta escola. O que seria do João se não estivesse nesta escola. Que direito tenho eu ou alguém, para dizer aos pais do João que não pode frequentar esta escola. Que tolo e irresponsável seria eu ou alguém que dissesse que o João não tem capacidade e que aqui não seria feliz nem contribuiria para fazer os outros felizes. Por hoje, obrigado João, uma vez mais, por me vires ler um pouco da bíblia e por me despertares para o mundo que os meus olhos, por vezes teimam em não ver.

A escola não deve, não pode e nunca conseguiria substituir os pais. No entanto, os educadores devem olhar para as crianças e jovens não com as lentes dos seus pais, mas com lentes de pais. Estas lentes acordam corações adormecidos. Estas lentes tornam a escola num cais de abrigo. É necessário, no entanto, estarmos atentos a todas as lentes e percebermos, no contexto, o que cada uma delas vê. “Depois, vemo-la a ela e à sua escola através de lentes diferentes, a partir das perspectivas da mãe, de um dos professores, da directora da escola e da amiga crítica que trabalha com a escola” (MacBeath & al, 2005: 22).

Os educadores, enquanto pessoas que formam pessoas e enquanto professores que formam alunos, devem intencionalmente proporcionar tempos e espaços disponíveis para receber. Para atender. Para ouvir. No colégio onde trabalhamos, para além dos psicólogos e dos professores de educação especial, todos os professores disponibilizam uma a quatro horas semanais para receberem quem quiser ser recebido, como aluno ou como pessoa. Um aluno de matemática do professor Manuel pode, no mesmo dia, ouvir uma explicação da mesma matéria pela professora Madalena ou pela professora Ana. “É injusto obrigar todos os alunos a realizar as mesmas tarefas, da mesma maneira, ao mesmo tempo. Tal como os professores são diferentes no modo de ensinar, também os alunos são diferentes no modo de aprender” (Estanqueiro, 2010:14). Um jovem que tem uma especial admiração por determinado educador, pode procurá-lo simplesmente para conversar. Sim, existem os diretores de turma, mas não nos podemos esquecer que estes não foram escolhidos pelos alunos, muito menos por cada aluno.

2.2. A pedagogia do amor

Simultaneamente, o mais importante: três grandes, simples e sábias características da pedagogia de D. Bosco, bem conhecidas e divulgadas por nós: a presença atenta e preventiva no pátio, a “palavra ao ouvido” e o amor “amabilidade”³⁰. Com esta postura e a par da formação espiritual já tratada em capítulos anteriores, S. João Bosco, fundador dos Salesianos, convida e desafia os educadores a atingirem o grande objetivo: “mais do que amar os jovens, importa que eles se sintam amados”.

Este carinho do educador deve sentir-se dentro e fora da sala de aula. Nas escolas salesianas a palavra “pátio” é usada muito frequentemente. Gostamos dela. Esse pátio da escola é um lugar de convívio ou de isolamento, de formação ou de confusão, de alegria ou de mágoa, de abraço ou de exclusão. Mas sempre lugar de vida. Diariamente passeamos por ali. Ali encontramos pais e educadores e, por vezes, ali ficamos intencionalmente a conversar sobre assuntos que habitualmente costumam abrigar-se nos gabinetes. Nesse pátio, os funcionários educadores têm um papel decisivo para a construção e alimento da serenidade que se deseja. Esses educadores não são “polícias”. Os polícias, como sabemos, são chamados para ajudarem a resolver problemas. Os educadores estão no pátio justamente para evitarem os problemas que poderiam vir a necessitar de polícias. A postura preventiva do educador salesiano consiste não só em estar atento e disponível, mas em estar ativo, proporcionando contextos que mantenham os jovens saudavelmente ocupados. Uma postura que partilha com o jovem o gosto de trabalhar e crescer juntos, tornando-o protagonista. É pobre a postura do educador de braços cruzados à espera de os descruzar quando as tensões acontecerem. A sua principal função deverá ser evitá-las. A mesma postura preventiva e o carinho como estilo educativo, deve estar presente na sala de aula, harmonizando competência, autoridade e doçura. “Razão, religião e carinho são hoje, mais do que ontem, elementos indispensáveis à ação educativa e fermentos preciosos para dar vida à sociedade mais humana, em resposta às expetativas das novas gerações.”³¹

O Reitor Mor dos Salesianos, Pe. Pascual Chávez, na apresentação do Lema 2013 e no contexto da “pedagogia da bondade”, fala-nos do carinho de D. Bosco como amor

³⁰ Do italiano: *amorevolezza*

³¹ Art.º 21, Carta de identidade carismática da Família Salesiana, Roma 2012

autêntico porque nasce de Deus e manifesta-se nas linguagens da simplicidade e da cordialidade. Amor que suscita confiança.

Na escola onde trabalhamos, na nossa escola salesiana, nesta escola que amamos, temos diariamente bem presente o que acabamos de expor. Temos também bem presente que esta pedagogia do amor não é de palavras, é sobretudo de vida e de vidas. De pessoa e de pessoas.

“Uma pessoa é um universo de natureza espiritual dotado da liberdade de escolha e constituindo, por essa razão, um todo independente em face do mundo, nem a natureza nem o estado podem influir sobre este universo sem a sua permissão. E mesmo Deus que está e age de dentro, nela actua de uma forma singular e com uma delicadeza particularmente requintada que mostra o cuidado que tem: ele respeita a sua liberdade, no coração da qual habita, solicita-a, jamais a força” (Maritain, 1968: 18 in Cunha, 2005: 98).

Tem ficado bem claro que a escola deve ser lugar de humanização. A chegarmos ao fim, voltamos ao início. Voltamos à pessoa. À pessoa no espaço educativo. Ao seu enorme potencial e à sua enorme fragilidade. Temos consciência de que tudo o que temos vindo a dizer só será verdade, se as vidas das pessoas que todos os dias entram e saem da nossa escola o disserem. É nelas que está o segredo e o encanto que nos desafia e nos encanta. O olhar e os olhares sobre a realidade. Os corações mais ou menos tocados e a vontade de tocar o coração de outros. A paixão pela educação. O não desistir de ser feliz na escola tornando os outros felizes. O celebrar. O acreditar. O viver. O ser. O amar.

O chão foi lavado. As salas estão preparadas. A mesa está posta. Abriu o enorme roupeiro e escolheu a melhor roupa. Perfumou-se. Olhou-se ao espelho. Meu Deus, a nossa escola está linda! Respirou fundo, fechou os olhos, alguns segundos de ansiedade. Com um sorriso nos lábios dirigiu-se para o enorme terraço, olhou até onde os olhos já não conseguem ver, abriu os braços e o coração e gritou bem alto: bem-vindos, sejam bem-vindos! O grito chegou até onde o quiseram ouvir.

E agora... que se ensine, que se aprenda, que se jogue, que se fale e que se grite, que se leia, que se cante e que se chore, que se reze, que se ganhe e que se perca, que se abrace, que se corra e que se nade, que se ria, que se viva. Que o coração se veja e se sinta em todos e cada um dos dias. Que o coração se veja e se sinta em todos e cada um de nós.

³²Fez um ano. Foi há dias.

Fez um ano. Foi há dias. Mergulhado no conforto do silêncio de uma página em branco, escrevia: até amanhã. O amanhã madrugou e, como sempre, não faltou ao encontro marcado. Também Deus quis que eu não faltasse. Encontrou-me mais velho, mas com a vida que mais um ano me deu. Encontrei-o jovem, todo vestido de esperança, olhar fixo num ponto onde os meus olhos não chegam, a mochila às costas carregando o seu mundo de possíveis. Pediu-me para lhe chamar Hoje.

O Hoje é passado. Tem uma memória invejável e um coração ainda maior. Lembra-se do muito que os olhos viram. Lembra-se do muito que os olhos não viram. Lembra-se de todos os seres humanos que habitaram nesta escola e guarda as batalhas que aconteceram no interior de cada um deles. Não esqueceu as derrotas, mas apaixonou-se sobretudo pelas vitórias. Tirou-as uma a uma, do fundo da mochila. Disse-me que são preciosas, mas frágeis. Precisam de ser acarinhadas e lembradas todos os dias, para nos darem a força que lhes chamou Vitórias.

O Hoje é presente. Um presente vivo. Olha-se ao espelho, de olhos nos seus olhos, com um desejo imenso de ver no seu rosto e no seu olhar, marcas evidentes do rosto e do olhar de D. Bosco. E vê muitas. Aquele rosto, aquele olhar, aquela vida que continua a dar-nos vida! Sorri levemente. Com esse sorriso adormece pequenas angústias que lhe mostram o tanto que ficou por fazer. O Hoje terá de carregar sempre esse peso. O hoje terá de aprender, abraçando esse peso. O hoje, de mangas arregaçadas, terá de continuar a desafiar-se a si próprio como no dia em que ouviu: até amanhã.

O hoje é futuro. Um futuro aberto, sereno, claro, alegre e sonhador. Caminha numa avenida segura, rumo a um horizonte onde as cores são de esperança. O hoje continua a acreditar em ti porque tu és a razão da sua existência. Ama-te e terá de continuar a esforçar-se para que te sintas amado. A sua mão continuará estendida, à espera da tua, para te ajudar a seres tu. Caminharemos juntos. Já caminhámos tanto! Fez um ano. Foi há dias.

José Morais, Director Pedagógico

³² Tudo Sobre Nós, livro do ano 2011

CONCLUSÃO

O conforto do tema. Ao longo deste trabalho ficou explícita por várias vezes a nossa paixão pela educação e a nossa admiração pelo ser humano e pela sua singularidade. Pela pessoa. Pessoa toda. No contexto educativo associamos a palavra qualidade ao interesse pela pessoa. Constatamos, no entanto, o protagonismo da palavra quantidade, porque associada ao indivíduo. Não podemos edificar um bom cidadão sem o alicerçar numa boa pessoa. Desde tenra idade trabalhamos nesta área por gosto e por opção. Desde há muito que temos consciência de que investir em educação é contribuir para o aperfeiçoamento humano e, conseqüentemente, para um mundo melhor. O retorno desse investimento tem sido para nós muito gratificante. Olhando para o passado, dizemo-lo com uma mistura de satisfação, orgulho e gratidão. Se nos voltarmos para o futuro, acrescentamos a palavra esperança.

Citámos algumas vezes S. João Bosco: “A educação é um assunto do coração”. Na nossa perspectiva, a linguagem que mais se aproxima do coração é a linguagem poética. A que se ouve e a que se vê. A das palavras e a do olhar. Podermos realizar um trabalho desta natureza ancorando-nos nesta temática e utilizando uma abordagem que nos é tão querida, representou para nós, no início, uma motivação adicional. Mais tarde essa motivação veio a chamar-se prazer.

O conforto da metodologia. Relatório Reflexivo e Teoricamente Fundamentado. Logo no início, quando José Afonso Baptista nos apresentou esta modalidade de trabalho, muito antes de surgir a primeira linha escrita, o entusiasmo e o interesse começaram naturalmente a mudar a nossa postura e o nosso olhar sobre aquilo que fazíamos todos os dias. Sobre o passado iríamos serenamente refletir. Sobre o presente, e sobre o futuro que se constrói em

cada presente, passámos a vê-los com maior nitidez, porque estávamos sensibilizados para a sua importância e porque tínhamos assumido o compromisso de os guardar, refletir sobre eles, e depois, arrumadinhos, iríamos oferecê-los a nós próprios e aos outros. De repente o nosso trabalho na escola ganhou uma dimensão maior do que ele próprio. Passou a ser vivido de forma mais intensa, porque a vida vivida passou a ser revisitada, analisada à lupa, avaliada, o que nos permitiu aprender muito mais com o conteúdo de cada dia na escola. Assim, a ideia da realização de um trabalho centrado no nosso desempenho foi simultaneamente desafio, reflexão e inspiração. A reflexão teoricamente fundamentada sobre os temas que diariamente nos ocupam e preocupam e, sobretudo, a reflexão sobre a nossa postura como diretor pedagógico no tratamento desses mesmos temas, deu-nos uma visão mais clara sobre nós e sobre a escola, concedeu-nos a fundamentação necessária para a continuidade ou para mudança e inspirou-nos para novos desafios.

O conforto do fim. Concluir este trabalho significa que chegámos a algum lado. É boa a sensação de estarmos aqui, nesse lado onde chegámos. No entanto, embora seja fim, tem uma vez mais um sabor a princípio. O ponto onde chegámos permite-nos ver imensos e novos caminhos que agora sabemos que existem. E quando vemos com clareza um caminho que nos agrada surge naturalmente a tentação de o percorrer. O grande conforto vem, sobretudo, do muito que aprendemos durante o percurso até aqui. Hoje conhecemos melhor o terreno que pisamos. Este facto deixa-nos uma segurança e um conforto interior que nos confere naturalmente uma maior legitimidade na tomada de decisões, tendo em vista o bem das pessoas e da organização. Tendo consciência das nossas limitações, sentimo-nos mais ricos enquanto educadores.

O desconforto depois do fim. A conclusão, muitas vezes, está associada a certeza. Quando o tema é educação, as conclusões e as certezas aparecem muitas vezes vestidas de novas e grandes interrogações. Em nosso entender, nesta constatação reside muito da grandeza e da beleza da educação. Temos também consciência de que as interrogações são, elas mesmas, alguma forma de saber. As conclusões têm um carácter plural. Em educação, como sabemos, plural é palavra pobre, quando comparada com singular ou singularidade. Assim, as conclusões que podemos tirar desta reflexão necessitam sempre da contextualização no plural e no singular. No global e no particular.

Centrando-nos no particular e no singular: Ao longo deste trabalho apresentámos vários casos com nome. Vidas e testemunhos reais, mas com aquele nome e não outro, com aquele rosto e não outro, naquele contexto e não noutra, naquela família e não noutra, naquela escola com aqueles educadores. Mas sempre verdadeiros. Assim, nós educadores, podemos e devemos aprender com eles com a consciência de que dificilmente serão replicáveis.

Numa perspetiva mais global: Ficaram claras as vantagens da existência de um espírito colaborativo dentro da organização escolar. Da importância do Ser relativamente ao Ter. Da importância dos valores na construção da pessoa e do cidadão. Da importância dada a cada pessoa, medindo mesmo a qualidade da prática educativa a partir do nível de consideração que a ela se atribui.

Finalmente, os olhares. Hoje, depois deste percurso reflexivo, é para nós evidente que antes de educarmos temos de ser educados. A educação dos educadores. A competência científica e pedagógica é o ponto de partida. Mas não basta. Repetimos várias vezes a palavra coração e a palavra olhar. Só corações sensibilizados e olhares educados se aperceberão desta “poética da pessoa no espaço educativo”. É então urgente educar os olhares dos educadores. É urgente dar-lhe lentes que lhes permitam VER, e corações que lhes permitam SER.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Isilda (2009), *Recursos e Percursos. Para a avaliação de desempenho dos docentes*, Lisboa: Plátano Editora.

ALARCÃO, Isabel & TAVARES, José (2003) *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*, Coimbra: Almedina.

ALARCÃO, Isabel e ROLDÃO, Maria do Céu (2008), *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*, Mangualde: Edições Pedagogo.

ALVES, Rubem (2004), *Gaiolas ou asas*, Porto: Edições Asa.

AZEVEDO, Joaquim (2011), *Liberdade e Política Pública de Educação: ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

BAPTISTA, José Afonso, “Inclusão e Desenvolvimento. A face oculta da exclusão escolar”. In *Gestão e Desenvolvimento*, Nº 17-18 (2009-2010), 123-140.

BAPTISTA, José Afonso (2011), *Introdução às Ciências da Educação, temas e problemas da educação inclusiva*, Lisboa: Universidade Católica Editora, PRO_LGP9.

BAPTISTA, José Afonso (2008), *Os surdos na escola. A exclusão pela inclusão*, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

BELOTTI, Giuseppe., PALAZZO, Salvatore (2012), *A coragem de educar, Construir o diálogo educativo com as novas gerações*, Porto: Edições Salesianas.

BENTO XVI (2009), *Carta enc. Caritas in Veritate*, Roma: Libreria Editrice Vaticana.

BOLÍVAR, Atonio (2012), *Melhorar os Processos e os Resultados Educativos*, o que nos ensina a investigação, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

- BOSCO, João (2012), *Memórias do Oratório*, Porto: Edições Salesianas.
- CANÁRIO, Rui (2008) *A escola: das “promessas” às “incertezas”*, Educação Unisinos, 12 (2): 73-81, Lisboa: Unisinos.
- CARNEIRO, Roberto (2001) *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*, V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- CARVALHO, A. Dias de (Org.) (2001), *Filosofia da Educação. Temas e Problemas*, Porto: Porto Editora.
- CHATEAU, Jean (1956), *Os grandes pedagogos*, tradução de Maria Emilia Ferros de Moura, Lisboa: Livros do Brasil.
- CLEMENTE, Manuel (2010), *Porquê e para quê? Pensar com esperança o Portugal de hoje*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- COSTA, Jorge Adelino (2007), *Projectos em educação – Contributos de análise organizacional*. Aveiro: Universidade de Aveiro (pp. 97-118).
- CUNHA, José (2005), *Pessoa e Educação*, (Dissertação de Mestrado em Filosofia) Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- DAY, Christopher (2004), *A Paixão pelo ensino*, Porto: Porto Editora.
- DELORS, Jaques (2001) *Educação um Tesouro por descobrir*, Porto: Asa.
- ESTANQUEIRO, António (2013), *Comunicar com os Filhos*, Lisboa: Editorial Presença.
- ESTANQUEIRO, António (2010), *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*, Lisboa: Editorial Presença.
- FALVEY, Mary (1990) *Community-casd curriculum: instruccional systrategies for students with severe handicaps*. Baltimore: Paul Brookes Publishing.
- FERRO, Marc (1999) *As sociedades doentes do progresso*, Lisboa: Instituto Piaget.
- FORMOSINHO, João, MACHADO, Joaquim e FORMOSINHO, Júlia Oliveira (2010),

- Formação, Desempenho e Avaliação de Professores*, Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.
- FORMOSINHO, Júlia (2002) *A Supervisão na Formação de Professores II, Da Organização à Pessoa*, Porto: Porto Editora.
- FULLAN e HARGREAVES (2001), *Porque é que vale a pena lutar*, Porto: Porto Editora.
- FULLAT, Octavi (1999) “Sens et education” in HOUSSAYE, Jean (1999) – *Éducation et philosophie. Approches contemporains*. Paris: ESF, (pp. 199-230).
- GILOT, Fernando (1985) “Ao Encontro da Pessoa Humana” in *Itinerarium*, 123 (1985) 361-381.
- JUSTINO, David (2010), *Difícil é educá-los*, [Lisboa]: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- KARPICKE, J., SOUSA, H., ALMEIDA, L. (2012), *A Avaliação dos alunos*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- LAPO, Maria João (2010), *Professores que Marcam a Diferença*, Alcochete: Alfarroba.
- LIMA, Jorge Ávila de e PACHECO, José Augusto (2006), *Fazer investigação, contributos para a elaboração de dissertações e teses*, Porto: Porto Editora.
- LIMA, Jorge Ávila de (2008), *Em Busca da Boa Escola*, V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- MACBEATH, J., SCHRATZ, M., MEURET, D., e JAKOBSEN, L. B. (2005), *A História de Serena. Viajando Rumo a uma Escola Melhor*, Porto: Edições ASA
- MACHADO, Joaquim (2011), *Pais que educam, professores que amam*, [Barcarena]: Marcador.
- MIGUÉNS, Manuel, dir. (2008), *De Olhos postos na Educação Especial [atas, seminários e colóquios]*, Lisboa: conselho Nacional de Educação.
- MONTAIGNE (1993), *Três Ensaios. Do professorado. Da educação das crianças. Da arte de discutir*, tradução de Agostinho da Silva, 2ª edição, Lisboa: Vega.

MORGADO, José (2004), *Qualidade na educação – Um desafio para os professores*, Lisboa: Editorial Presença.

MORGADO, José (2003), *Qualidade, Inclusão e Diferenciação – Um desafio para os professores*, Lisboa: ISPA.

MORIN, Lucien; BRUNET, Louis (1992), *Philosophie de l'éducation. Les Sciences de l'éducation*, Presses de l'Université Laval: De Boeck Université.

MOUNIER, Emmanuel (1976), *O Personalismo*, Lisboa: Moraes Editores.

NÓVOA, António. (2000), Os professores e as histórias da sua vida, in: António Nóvoa (Org.) *Vidas de Professores*, Porto: Porto Editora.

PENNAC, Daniel (2009), *Mágoas da escola*, Porto: Porto Editora.

PÉREZ, Juan Fernando Bou (2009), *Coaching para docentes, Motivar para o sucesso*, Porto, Porto Editora.

POSTMAN, Neil (2002), *O fim da educação, redefinindo o valor da escola*, Lisboa: Relógio D'água.

REBOUL, Olivier (1984), *Le Langage de l'éducation. Analyse du discours pedagogique*, Paris: PUF.

ROBERT, Paul (2010), *A Educação na Finlândia. Os segredos de um sucesso*, Porto: Edições Afrontamento.

ROJAS, Enrique, *O homem light, uma vida sem valores*, Coimbra: Gráfica de Coimbra.

ROLDÃO, M.^a Céu (2009), *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*, V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

SANTOS GUERRA, M. (2002), *Como num espelho – Avaliação qualitativa das escolas*, in Azevedo, Joaquim (org.), (2002). *Avaliação das escolas – Consensos e Divergências*, Porto: Asa, pp. 11-31.

SCHON, Donald (1987), *Educating the Reflective Practitioner*, New York: Jossey-Bass.

STEIN Edith (2002), *La Estructura de la persona humana*, tradução de José Mardomingo, Madrid: BAC.

TÁVORA, Luísa (coordenação) (2010), *Uma viagem pelos direitos da criança... com que fios se tece... com que fios se vai tecendo*, Lisboa, Divisão de Imprensa Municipal CML.

TILSTONE, Christina; FLORIAN Lani; ROSE, Richard, (2003), *Promover a educação inclusiva*, Lisboa: Instituto Piaget.

TONELLI, Mário (2012), *Evangelizar educando, Relación entre Evangelización y Educación en la experiencia salesiana*, Lisboa.

VIEIRA, Flávia (1993), *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*, Rio Tinto: Edições ASA.